

Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

Dissertação

**Rossio de S. Brás, Évora: Ensaio para uma Proposta de
Intervenção do Espaço Urbano**

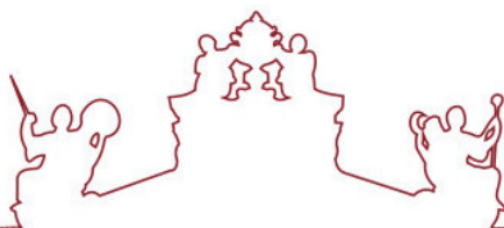
Inês Vieira de Andrade

Orientador(es) | Maria do Céu Tereno

Sofia Salema

Évora 2025





Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

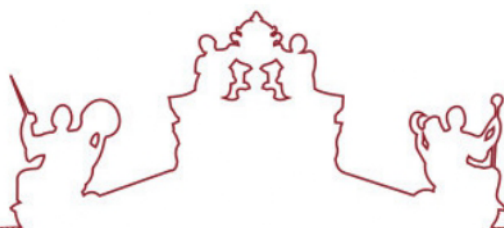
Dissertação

**Rossio de S. Brás, Évora: Ensaio para uma Proposta de
Intervenção do Espaço Urbano**

Inês Vieira de Andrade

Orientador(es) | Maria do Céu Tereno
Sofia Salema

Évora 2025



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Artes:

Presidente | Luís Ferro (Universidade de Évora)

Vogais | Maria Freire (Universidade de Évora) (Arguente)
Maria do Céu Tereno (Universidade de Évora) (Orientador)

**Rossio de S.Brás: Ensaio para uma Proposta de Intervenção do
Espaço Urbano**
Inês Vieira de Andrade
2025

OBSERVAÇÕES

A presente dissertação foi elaborada em conformidade com o novo acordo ortográfico e segue a norma APA.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Maria do Céu Tereno, pela sua constante disponibilidade, compreensão, preocupação e positivismo, por todos os sumos de laranja no café com um toque de conselhos e sugestões para me ajudar a concluir mais uma etapa académica. A sua orientação foi fundamental, deste modo, um mais sincero obrigado por tudo.

À minha Coorientadora, nomeadamente a Professora Doutora Sofia Salema, pela disponibilidade e interesse demonstrado no acompanhamento deste trabalho.

Ao Professor “Takis”, Panagiotis Sarantopoulos, que por entre conversas de café, me sensibilizou sobre temas, que contribuíram para uma maior sensibilidade entre a relação da Arqueologia e da Arquitetura, bases fundamentais para a concessão desta Dissertação.

À Câmara Municipal de Évora por todos os elementos disponibilizados.

Aos meus pais, não há palavras para agradecer tudo o que fizeram para que eu conseguisse terminar este capítulo da minha vida, por toda a logística, todas as conversas, todas as motivações, por me icentivarem sempre a fazer o mais certo e a ser o mais correta possível. Agradeço pela Força, Foco e Fé, e, sobretudo por me ensinarem a lutar sempre pelos meus objetivos.

Aos meus amigos e colegas de curso, que fizeram a minha experiência universitária ainda melhor. Pela constante entreajuda em atelier e por proporcionarem inesquecíveis momentos de divertimento e descontração.

ROSSIO DE S. BRÁS: ESSAY FOR A PROPOSAL OF URBAN SPACE INTERVENTION.

ABSTRACT

This research work continues the study initiated in the Urban and Territorial Design II course, guided by Professor António Borges Abel in 2019.

During this course, we were taught how to conduct research on an urban scale, which allowed me to transfer part of these skills to the development of my dissertation.

Thus, this research seeks to answer the central question: How can we intervene in a space while preserving its memory and identity, particularly when dealing with a predominantly non-built territory? The case study is the Rossio de S. Brás, a central urban void in the city of Évora.

To support the intervention proposal, an analysis of fundamental concepts is conducted to provide a solid foundation for the project. Additionally, a morphological study of the historical and urban evolution of the Rossio space is carried out, along with an overview of all the requalification proposals previously presented for this location. The aim is to assess the importance of preserving the spirit of the place, ensuring that any future intervention respects its identity and contributes to the enhancement of the surrounding heritage and landscape.

KEYWORDS :

Requalification, Rossio, Urban Center, Public Space, Évora

RESUMO

O presente trabalho de investigação, dá continuidade ao estudo iniciado na disciplina de Desenho Urbano e Territorial II, orientada pelo Professor Doutor António Borges Abel no ano de 2019.

No decorrer desta disciplina, foi-nos ensinado a conduzir uma investigação a uma escala urbana, o que permitiu transportar parte dessas competências para a elaboração da minha dissertação.

Assim, esta investigação procura responder à questão central: Como intervir num espaço, preservando a sua memória e identidade, quando se trata de um território predominantemente não edificado? Tendo como caso de estudo, o Rossio de S. Brás, um vazio urbano central na cidade de Évora.

Para fundamentar a proposta de intervenção, é realizada uma análise a alguns conceitos fundamentais que irão sustentar a proposta de projeto, bem como é realizada uma análise morfológica da evolução histórica e urbanística do espaço ‘Rossio’, bem como um enquadramento de todas as propostas de requalificação apresentadas para o lugar em questão. Pretende-se analisar a importância da preservação do espírito do lugar, assegurando que qualquer intervenção futura respeite a sua identidade e contribua para a valorização do património e paisagem envolvente.

PALAVRAS-CHAVE: Requalificação, Rossio, Centro Urbano, Espaço Público, Évora

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Ano Letivo 2024-2025

Rossio de S. Brás: Ensaio de uma Proposta
de Intervenção do Espaço Urbano.

Inês Vieira de Andrade

Orientadora: Dr.^a Maria do Céu Tereno

Coorientadora: Dr.^a Sofia Salema

Trabalho de projeto submetido como
requisito parcial para obtenção do grau de
mestre em Arquitetura.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS

ABSTRACT

RESUMO

PARTE I - ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL

00 | INTRODUÇÃO

01 | MEMÓRIA, IDENTIDADE E PATRIMÓNIO

02 | ESPAÇO PÚBLICO

03 | REQUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

04 | ROSSIO

PARTE II - ROSSIO DE ÉVORA

05 | ÉVORA, EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA DO ROSSIO

06 | GENIUS LOCI: UMA LEITURA DO LUGAR - ROSSIO

PARTE III - PROPOSTA

07 | ROSSIO | PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

08 | BIBLIOGRAFIA

01.

FEIO, M. (1983). Fotografia aérea da Cidade de Évora, 1949;

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.



01.

00 | INTRODUÇÃO

O espaço aberto público, local cívico de uma sociedade, tem vindo a evoluir desde a Grécia e Roma antigas, assumindo-se sempre como um lugar de referência nos diversos contextos históricos e culturais. Sucessivas modificações no contexto social, económico e cultural, ocorreram, alterando os hábitos dos cidadãos para com esse espaço.

É com a Revolução Industrial (meados do século XVIII), que o conceito de espaço público se alterou significativamente, e o surgimento do automóvel está intimamente relacionado. A produção do automóvel em massa ocorre durante os séculos XIX e XX, como resultado direto da Revolução Industrial e das inovações subsequentes da sua produção. Adaptaram-se os espaços públicos e funcionais, para espaços para estacionamento e circulação automóvel. Essa apropriação do espaço mudou a maneira de como as pessoas o utilizam no seu dia-a-dia, alterando padrões de acessibilidade e ocupação urbana.¹

O automóvel trouxe-nos uma panóplia de soluções, a nível de transporte, conveniência e acessibilidades, no entanto para além das regalias também trouxe grandes problemas. As cidades passaram a desenvolver-se em função dos automóveis remetendo os espaços dedicados às interações sociais para segundo plano.

Na sociedade atual é notória a necessidade de reverter esta situação. Considerando que nem todo o espaço público se encontra consolidado, há que reinventá-lo e (re)qualificá-lo. Atualmente, os centros das cidades deparam-se com problemas de sobrepovoação, tendencialmente graças à globalização e glocalização². A natureza evolutiva e complexa do ambiente urbano, moldada por fatores como o crescimento populacional, avanços tecnológicos e dinâmicas económicas, exige que se tenha uma abordagem de adaptação flexível e sustentável, de modo a voltarem a ser locais de convergência social.

² A globalização e a glocalização desempenham papéis essenciais na requalificação de espaços públicos urbanos. De maneira resumida, a globalização, trata-se de um processo de escala mundial que propicia o desenvolvimento de integração económica, cultural e social em áreas urbanas com padrões cada vez mais generalizados, por outro lado, a glocalização, “globalização” + “localização”, refere-se à capacidade de integrar elementos generalizados de apoio económico cultural e social, mantendo a diferenciação e singularidade do local. Em termos de espaços urbanos, traduz-se na adaptação do lugar face à demanda cultural e social, mas ao mesmo tempo prende-se com a valorização da memória e identidade do local. Cada espaço torna-se único, com elementos específicos da sua cultura/história, integrando novas dinâmicas de sociabilidade.

¹ FREIRE, M.C.J. (2019). Rossios do significado urbano. Évora

No caso da cidade de Évora, persiste uma funcionalidade penalizada pela tradição e excessiva dependência do passado, que pressupõe que por ser uma cidade ‘tesouro’ não deve ser ‘mexida’, apesar da sua evolução urbana citadina.

Esta dependência torna-se evidente no atual centro da cidade, denominado Rossio de S. Brás, local objeto de estudo desta dissertação.

Este local foi alvo de várias estratégias de intervenção, sempre numa lógica de organização e redesenho da cidade fora do seu perímetro medieval, sendo o Rossio, o ponto intersticial de ligação entre a estação ferroviária e a cidade histórica. Algumas das intervenções para este espaço, passaram pela melhoria das acessibilidades e constante apropriação para estacionamento automóvel, bem como local de feiras mensais e anuais. Entre estas funcionalidades, o Rossio acaba por ser um espaço desqualificado, desprovido da sua identidade cultural e imbuído numa marginalidade consentida que a construção de acessibilidades pretendia contrariar.

Atualmente, intensifica-se a necessidade de recriar novas dinâmicas espaciais onde a multiculturalidade, o citadino e os referenciais históricos devem surgir de forma organizada, devolvendo a sua identidade a este espaço.

0.1 | METODOLOGIA

A presente investigação assenta numa metodologia estruturada em três fases distintas, permitindo uma abordagem progressiva e fundamentada ao objeto de estudo.

Na primeira fase, procede-se ao enquadramento conceptual, no qual são analisados conceitos fundamentais relacionados com a memória e identidade do espaço público. Esta primeira análise permite estabelecer uma base teórica que sustentará a investigação, abordando igualmente os critérios essenciais para um adequado funcionamento dos espaços públicos.

Numa segunda fase. Centra-se a análise do Rossio de Évora, espaço objeto de estudo. Nesta etapa, realiza-se uma análise morfológica, explorando a evolução histórica e morfológica do local, como o intuito de compreender as suas transformações ao longo do tempo e os fatores que contribuíram para o seu estado atual.

Por fim, a terceira fase, apresenta-se uma proposta de intervenção do Rossio de Évora, fundamentada na investigação desenvolvida nas etapas anteriores. Esta proposta, pretende responder aos desafios identificados, promovendo a valorização do espaço público e reforçando a sua identidade e funcionalidade.

0.2 | ESTADO DA ARTE

Em relação a Évora, sendo uma cidade que abrange um conjunto relevante de épocas Arquitetónicas e culturais, após uma extensa recolha de informação, é necessário fazer uma triagem sobre os documentos que foram recolhidos nessa primeira fase.

Desta forma, o Estado da Arte é composto pelos seguintes tópicos:

Para a compreensão histórica e morfológica da Cidade de Évora, são fundamentais os artigos de Maria Domingas V.M. Simplicio: “A Cidade de Évora e a Relavância do Centro Histórico”; “Évora: Origem e Evolução de uma Cidade Medieval”; “Évora: Algumas Etapas Fundamentais na Evolução da Cidade até ao século XVI”; “Evolução da Estrutura Urbana de Évora: o século XX e a transição para o século XXI”; “Cidade Medieval” de Ângela Beirante.

De forma que possamos interpretar melhor a área de intervenção e os seus limites morfológicos, desde a formação da cidade à atualidade, é importante salientar a Dissertação de Doutoramento de António Borges Abel: “Os limites da Cidade”; e “Rossios, do significado Urbano” de Maria Freire; os livros “Formas Urbanas” e “O tempo e a forma” de Jorge de Oliveira e de Carlos Dias Coelho, respetivamente.

Já sobre o tema “Rossios” para que se proceda a um raciocínio lógico sobre todo o processo de surgimento e transformação da morfologia urbana de uma cidade, existem dissertações e obras que demonstram a essência do lugar.

De forma geral, analisaram-se as Dissertações: “Da praça pública em Portugal” de José Maria Barbosa; “Estudo comparativo de conjuntos urbanos situados na área de influência de Évora” de Elsa Caeiro: “The reason why the rossios should be reinvented in the contemporary city” e “Rossio do significado urbano: Um caso de estudo, o Rossio de Évora” de Maria Freire. Num âmbito mais abrangente: “Para um Espaço público- Le Corbusier e a tradição Greco-Latina na cidade Moderna”; “A Arquitetura da Cidade” de Aldo Rossi”; “Design de espaço público: deslocação e proximidade” de Pedro Brandão.

Relativamente ao objeto de estudo existem ainda algumas propostas de intervenção para o espaço. O Plano de Urbanização da cidade, entre 1941- 1945, por Etienne de Gröer que previa a manutenção do Rossio como “praça destinada às feiras”; o Plano Diretor Municipal, em 1979, classifica o Rossio como “área afeta a equipamentos” e como “ área de arborização de enquadramento da rede viária “; a Proposta de Intervenção de Ordenamento do Rossio, em 1921, pelo Eng. Shiappa Monteiro; o Projeto de Reordenamento do Rossio, pelo Arq. Álvaro Siza Vieira, em 2000; o Projeto de Reordenamento do Rossio pelos Arquitetos Santa-Rita, em 2006, e por fim, até à data foi aprovado um projeto de requalificação do Interface modal, no Rossio de S.Brás, como Parque de acolhimento a turistas e visitantes na periferia sul do CHE, pelo atelier ARPAS, em 2020.

As leituras para este tópico estão ligadas à intervenção da abordagem na zona em questão, levando assim, a uma reflexão sobre hipóteses de Intervenção para um novo centro urbano.

02.

Avenida Dr. Barahona, Rossio de S. Brás, entre os sécs. XIX e XX.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.



02.

01 | MEMÓRIA IDENTIDADE E PATRIMÓNIO

01.1 | SENTIDO DA MEMÓRIA

Etimologicamente, a palavra “memória” tem origem no grego *mnemis* e no latim *memoria*. Em ambos os casos, seja na estruturação dos lugares ou na reflexão sobre a perpetuação de uma imagem ou experiência, o termo remete para a capacidade intrínseca dos seres vivos de conservar uma marca do passado e de se orientar com base nesse testemunho.³

“A força da imagem pode ser medida, tendo-se em mente que ela consolidou durante séculos a forma da cidade e permaneceu fixada na memória dos homens também quando as condições sociais mudaram radicalmente.”⁴

A capacidade de recordar e remeter ao passado é uma ferramenta importante na análise dos espaços urbanos e mesmo para a reflexão humana sobre a memória. Esta habilidade cognitiva desempenha um papel fundamental na formação da identidade e na compreensão do lugar.

A evolução da memória ao longo do tempo é marcada por mudanças tanto ao nível da sociedade como do indivíduo. No início, a memória era usada para atribuir significado às tradições de cada civilização. Com o tempo, passou a ser vista como uma ferramenta fundamental para adquirir conhecimento e preservar o passado no espaço.

Esse processo permite ao ser humano tomar consciência dos acontecimentos passados, o que o ajuda a agir com base nesse conhecimento, de forma a melhorar e valorizar as suas ações no presente e no futuro. Assim, a memória torna-se a ferramenta principal da História. Através dela, conseguimos criar uma linha de pensamento com base nas experiências e acontecimentos marcantes, formalizando o relato do passado. Enquanto a História tem como objetivo explicar o passado, a memória organiza e preserva as experiências e eventos significativos de uma sociedade.⁵

³ CARNEIRO, P. N. (2009). Memória e Património: etimologia. Último acesso em (07/03/2024) <https://www.webartigos.com/artigos/memoria-e-patrimonio-etimologia/21288>.

⁴ BENEVOLO, L. (2018). A cidade e o Arquitecto. Lisboa pág. 16.

⁵ Nora, P. (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudo Pós-Graduados de História*, 10

Enquanto sociedade, o ser humano constrói espaços de acordo com as suas necessidades, objetivos e culturas em que se insere, sendo necessário obter elementos de referência para organizar o espaço de forma eficaz. Esses elementos não só moldam o ambiente físico, mas também representam a identidade visual da cidade. Nesse contexto, o espaço não é apenas entendido como algo físico e tangível, mas também como um reservatório de memória, que vai além da sua estrutura material. Ele carrega consigo uma carga simbólica e emocional, relacionada ao tempo e às experiências vividas pelas pessoas ao longo dos anos. Assim, o espaço se conecta com a memória de forma mais abstrata, remetendo às vivências e histórias que se desenrolaram nele, criando uma relação entre o passado, as experiências individuais ou coletivas e o lugar em si.

A Arquitetura identifica-se assim, como uma história que ganha identidade através da sua vivência ao longo dos tempos independentemente da sua função, de modo a preservar a memória de uma sociedade.⁶

Desta forma, a memória incorpora elementos que contribuem para a construção memorial do passado. Entre esses elementos, destacam-se monumentos, o património arquitetónico, paisagens, tradições e costumes. Estes objetos estruturais servem como pilares fundamentais na preservação e transmissão da memória coletiva.

01.2 | MEMÓRIA E IDENTIDADE

A identidade de um lugar vai além de ser apenas um espaço físico. São lugares carregados de significado e simbolismos, e a sua identidade está intrinsecamente ligada à história, cultura e memória da comunidade que os originou. A identidade um lugar pode definir-se como uma imagem que se constrói ao longo do tempo e se representa aos outros e a si própria. Refere-se a um conjunto de fatores – morfológicos, biológicos, sociais, culturais, arquitetónicos ... - Que trazem a história de vários séculos num processo contínuo de adaptação à constante evolução urbana no decorrer do tempo de quem o habita.

Pode-se afirmar que a natureza do espaço físico afeta a natureza do lugar criado. A topografia, o clima, a geografia e outros elementos naturais, desempenham papéis essenciais na definição de identidade e das características distintivas de um local determinado. Essa interação entre a natureza do espaço físico e a criação do lugar destaca a importância de compreender e considerar os elementos naturais ao moldar ambientes específicos. A memória é uma competência humana relacionada com a nossa intimidade, conferindo o sentido de valorização do espaço, materializando-se em imagens e identidades, relacionados com determinada sociedade ou até mesmo individualmente. São estes processos, combinados com uma vasta camada de marcos históricos, identitários daquele lugar, que se pode considerar Património .⁷

O processo identitário prende-se assim, com a história de uma sociedade e os seus acontecimentos do passado. A partir dessas vivências, necessidades e desejos da população, estes, tornam-se reconhecidos e ganham valor.

⁶NUNES, S. F. A (2020). A memória do Lugar. Lisboa pág. 15.

⁷ PEDROSO, M. C. J. (2019). Memória e Identidade do Lugar. FA Ulisboa, Lisboa.

01.3 | IDENTIDADE E PATRIMÓNIO

“Se identidade é um processo construído através da constante relação com o passado, através de marcos deixados pelos nossos antepassados, sejam objetos, monumentos ou memórias, então a materialização dessa identidade é aquilo a que chamamos de Património” .⁸

Pressupomos que sem Identidade não existira Património e vice-versa. A origem do termo “ Património” advém da palavra latina *patrimonium* , era entendido como herança ou legado deixado à família, que passaria de geração em geração. Ao longo do tempo, o significado foi adquirindo novas dimensões. Na Idade Média, por exemplo, o termo passou a ser associado a propriedades e terras pertencentes a famílias nobres, que eram transmitidas do pai para filhos e assim sucessivamente.⁹

O património tem a função de recordar o passado e a história e é por isso que se relaciona com a memória. Ambos estão intrinsecamente relacionados e desempenham papéis fundamentais na formação da história e cultura de uma sociedade.¹⁰ A memória mantém o passado vivo, carregando consigo acontecimentos, tradições e heranças do antigamente, enquanto a história, remete-nos a um conjunto de acontecimentos importantes que se convertem em épocas de grande valor histórico marcados no passado e que conferem uma identidade universal. Podemos também afirmar que a memória e património estão relacionados .

Estão em constante interação, pois as memórias contribuem para a formação de uma identidade e a identidade molda a maneira como as memórias são lembradas pela sociedade, não obstante, a preservação do património, bem como, a promoção de práticas culturais e sociais, são fundamentais para garantir que a memória e identidade de um lugar continue a ser transmitido às gerações futuras.

¹¹A ideia de património cultural surge já no séc. XIX, na ideia de preservação e valorização da história e cultura de uma sociedade. A cidade histórica torna-se objeto de estudo enquanto elemento identificador de uma cultura.

A partir do séc XIX, iniciou-se a preservação e de certo modo a valorização do património existente, questionando-se o conjunto de princípios da cultura moderna face à sua capacidade de interpretação e intervenção em grande escala nas estruturas urbanas pré-existentes. Deste modo, inicia-se a consicencialização e tentativa de aproximação da Arquitetura em relação à sua contextualização cultura. Assim, começam a surgir conceitos como, revitalização, reabilitação e requalificação urbana.

⁸ PEDROSO, M. C. J. (2019). Memória e Identidade do Lugar. FA Ulisboa, Lisboa.

⁹ IBIDEM, pág.15.

¹⁰ FREIRE, M. (1999). Rossios do significado urbano. Évora, pág. 22.

¹¹ NUNES, S. F. A (2020). A memória do Lugar. Lisboa pág. 27. Texto citado de CHOAY, F. (1982). Alegoria do Património. Lisboa.



03.

03.
Populares junto ao Chafariz do Rossio;
Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal
de Évora.

04.
Chafariz do Rossio de S.Brás, 1900 - 1920;
Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal
de Évora.

05.
Populares junto à fonte do Rossio;
Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal
de Évora.



04.



05.



06.

06.

Chafariz do Rossio, com a Ermida de S.Brás ao fundo;

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.

07.

Relação da Ermida de S. Brás com o Chafariz do Rossio.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.



07.



08.

08.

Ato religioso e venda de gado no espaço adjacente à Ermida de S.Brás.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora

09.

Ermida de S. Brás (Lado norte).

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.

10.

Ermida da S. Brás na sua cota primitiva.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.



09.



10.

11.

Rossio de S.Brás, Década 60.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal
de Évora.



11.

02 | ESPAÇO PÚBLICO

02.1 | CONCEITO

“As cidades são um conjunto de várias coisas: de memória, de desejos, de sinais de uma linguagem. As cidades são lugares de permuta (...) são trocas de palavras, de desejos, de recordações.”¹²

O espaço aberto público é um conceito que se relaciona com várias áreas. Cada área contribui com definições através de perspetivas únicas para compreender o espaço público e o seu impacto na vida urbana. Em termos gerais, espaço aberto, refere-se a espaços de domínio público de uma cidade, sejam eles ruas, praças, passeios públicos, áreas de lazer e espaços privados, mas domínio público, como centros comerciais ou museus, que são acessíveis e abertas ao uso e à interação de todo o tipo de pessoas, sem restrições.

Numa introdução ao que se considera ser o conceito de “espaço público” foram analisados dois autores que, com as suas ideologias, promovem um planeamento urbano mais inclusivo e sensível às necessidades de uma sociedade urbana, permitindo projetar espaços públicos eficientes e acessíveis.

Para Jan Gehl¹³, o espaço público é mais do que apenas áreas físicas compartilhadas nas cidades – é o centro da vida urbana. Gehl, defende que as cidades devem ser planeadas e projetadas com foco nas necessidades e na qualidade de vida das pessoas que nela se inserem. Promove a criação de espaços urbanos acessíveis, pedonalmente, seguros e acolhedores, com áreas de sombra e mobiliário urbano, priorizando a interação social e o bem-estar humano. Outros autores como Kevin Lynch e Pedro Brandão, validam igualmente estas ideias, ainda que de maneira distintas, enquanto Lynch¹⁴ enfatiza a importância dos elementos visuais na percepção urbana, como marcos e pontos de referência que promovam a “imagem” de uma cidade, Brandão,¹⁵ explora a identidade dos lugares e a sua representação coletiva, num registo mais identitário, através da memória e história do espaço enquanto sociedade.

¹² CALVINO, I. (1990). As cidades invisíveis. Editora Companhia das Letras. Pág. IX-X.

¹³ JAN GEHL, Arquiteto Urbanista dinamarquês. GEHL, J. (2013). Cities for people. Island press.

¹⁴ LYNCH, K. (1997). A imagem da cidade. Edições 70.

¹⁵ BRANDÃO, P. (2008). A identidade dos lugares e a sua representação coletiva. Política das Cidades- 3, Lisboa.



12.

12.

Eixo de ligação entre a estação ferroviária e a cidade, a passar pelo Rossio.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.



13.

Feira a decorrer no Rossio.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.

14.

Parada Militar a decorrer no Rossio.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.

15.

Feira de Gado a decorrer no Rossio.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.

13.



14.



15.

02.2 | CRITÉRIOS PARA UM ESPAÇO PÚBLICO

Reconhecendo a relevância dos espaços públicos na dinâmica urbana, torna-se claro que estes locais desempenham um papel crucial ao servir como cenários para diversas atividades e interações, essenciais para a coesão social e o bem-estar nas cidades. Ao oferecerem uma pausa na agitação do ambiente citadino, os espaços abertos públicos criam oportunidades importantes para encontros, momentos de lazer e iniciativas culturais. Contudo, para que esses espaços respondam de forma eficaz às necessidades diárias de uma sociedade em constante transformação, é fundamental garantir uma série de condições que assegurem a sua acessibilidade, segurança, vitalidade e preservação da identidade cultural.

De acordo com Brandão (2002)¹⁶, os critérios essenciais que o espaço público deve contemplar são:

1. **Identidade** – O critério da Identidade no espaço público refere-se à interação entre pessoas e ecossistemas. Influenciado por fatores físicos, biofísicos e humanos. Essa interação contribui para criar um ambiente único. A identidade está ligada a conceitos como memória coletiva, uso e apropriação do espaço, espírito do lugar. Todos esses aspectos moldam a forma como as pessoas percebem e se relacionam com o espaço público.

2. **Continuidade | Permeabilidade** – A continuidade do espaço público deve ser garantida a nível das estruturas verdes, das redes de circulação (rodoviária, pedonal e ciclável), dos serviços públicos (Transportes, recolhas de lixo, telecomunicações e iluminação) e do saneamento. Já a permeabilidade, por sua vez, remete para a possibilidade de ligação física e visual com o espaço envolvente, contribuindo, portanto, para a conexão entre as várias estruturas que constituem o espaço urbano.

3. **Segurança | Conforto | Aprazibilidade** – Para que o espaço público seja seguro, confortável e aprazível, deve-se ter em conta vários aspectos, designadamente o clima; a qualidade acústica; a qualidade visual; a qualidade do ar; a qualidade ergonómica do espaço e dos equipamentos; a segurança; a conservação e limpeza do espaço; a vegetação; a água; os materiais de construção.

4. Mobilidade | Acessibilidade – O espaço público deve: Promover a coexistência de vários tipos de deslocação (automóvel, pedonal e ciclável); evitar a criação de barreiras arquitetónicas; promover a segurança; delimitar certos espaços (recintos desportivos, parques infantis, entre outros); contribuir para uma criação confortável em zonas de declives acentuados; possibilitar a circulação dos veículos de serviços de emergência e outros.

5. Inclusão e Coesão Social – Como os espaços públicos são espaços de convívio, devem potenciar as relações humanas. Por conseguinte, devem ser utilizados por todas as pessoas, e independentemente da sua raça, sexo, idade, etnia, convicção política e crença religiosa.

6. Legibilidade – É um elemento crucial no espaço público, remetendo para a qualidade do lugar que o torna de fácil leitura e compreensão e, por sua vez, reconhecível e facilmente identificável.

7. Diversidade | Adaptabilidade – O espaço público deve consistir num espaço multifuncional, sendo deveras importante que dê lugar a várias atividades. Contudo, deve ser também adaptável, ou seja, estar devidamente preparado para solucionar eventuais mudanças resultantes da evolução, adaptando-se a novos usos e funcionalidades.

8. Resistência | Durabilidade – São questões muito importantes aquando da elaboração de um projeto, sendo fundamental ter em atenção todas as funções, o público-alvo e a intensidade da utilização do espaço. Para além do mais, a qualidade dos materiais, dos fatores humanos e dos fatores bióticos deve também ser cuidadosamente ponderada aquando da elaboração do seu projeto.

9. Sustentabilidade – Critério baseado num conjunto de fatores (sociais económicos e ambientais) que pressupõem uma abordagem mais realista e integrada dos problemas.

¹⁶ BRANDÃO, P. (2002). O chão da cidade: Guia de avaliação do design de espaço público. Lisboa: Centro Português do Design.

Ainda sobre os critérios para o espaço público, é necessário fazer referência a Jan Gehl (2006)¹⁷. O autor sintetiza os critérios gerais a serem considerados como essenciais para avaliar a qualidade do espaço público (bom ou mau). Estes critérios, fornecem uma estrutura útil para avaliar aspectos como acessibilidade, conforto, segurança, atividades sociais e integração urbana, entre outros. Os doze critérios definidos por Gehl são:

1. Proteção contra o tráfego – As cidades devem oferecer todas as condições necessárias de segurança para todos os utilizadores, de modo que exista uma mobilidade segura em todos os locais.

2. Segurança nos espaços públicos – As cidades devem realizar várias atividades noturnas, bem como deter correta iluminação, para que a população se sinta segura e capaz de frequentar todos os locais do espaço urbano.

3. Proteção contra experiências sensoriais desagradáveis – Deve-se proceder à criação de áreas destinadas à proteção da chuva, vento e calor, pois estas evitam toda e qualquer experiência mais desconfortável. Assim, deve-se introduzir áreas verdes para aliviar o calor e para diminuir a poluição e o ruído.

4. Espaços para caminhar – Para que uma cidade e, por conseguinte, os espaços públicos sejam atrativos para a população, é fundamental que detenham algumas características em particular. Logo, é crucial garantir o acesso a pontos de interesse, especialmente através de caminhos sem obstáculos, com superfícies regulares e com fácil acessibilidade para toda a população.

5. Espaços de permanência – Para serem considerados como agradáveis os espaços públicos devem ser atrativos e ter condições ao ponto de a população permanecer nesses espaços por grandes períodos de tempo.

6. Ter onde se sentar – Tendo em consideração que a disponibilidade de lugares para se sentar é bastante reduzida, é importante aumentar o mobiliário urbanos nos espaços públicos, tal como é o caso dos parques, das avenidas e das praças.

7.Possibilidade de observar – As cidades devem garantir a existência de sistemas de vistas, designadamente para que seja possível contemplar toda a envolvente e de acordo com diferentes perspetivas.

8.Oportunidade de conservar – Os espaços públicos, e isto que são conhecidos como sendo locais de encontro e de convívio, devem possuir elementos específicos para uma maior relação entre as pessoas.

9.Locais para se exercitar – As cidades devem garantir o acesso a equipamentos desportivos e a aparelhos de exercício a todos os cidadãos, combatendo, deste modo, um elevado nível de sedentarismo.

10.Escala Humana – É importante que os espaços urbanos garantam infraestruturas à escala humana, pois facilita a interação entre a população e o espaço.

11.Possibilidade de aproveitar o clima – É fundamental criar espaços públicos que se relacionem com o clima e com a própria topografia da cidade, almejando-se a potencialização destes mesmo espaços.

12.Boa experiência sensorial – Os espaços públicos devem possuir bons acessos, estabelecer um contacto com a natureza, deter água e animais, bem como árvores e outras plantas. É também essencial a existência de mobiliário urbano cómodo, pois assegura uma permanência superior por parte dos visitantes nesse lugar, tal como uma ligação superior entre as pessoas e os seus próprios sentidos.

Em resumo, Gehl (2006), oferece uma série de critérios reflexivos sobre a perceção ideal do espaço público. Os doze critérios acima representados, fornecem uma estrutura de análise, clara e prática, de métodos para avaliar e qualificar os espaços públicos urbanos, tanto para futuros planeamentos urbanos, quanto para requalificação dos existentes. O objetivo é elevar a qualidade e a experiência dos espaços públicos, garantindo a sua sustentabilidade, acompanhando e respondendo às necessidades diárias de uma sociedade.

¹⁷ GEHL, J. (2006, março 13). Critérios para determinar o espaço público. (Archdaily.com) <https://www.archdaily.com.br/br/01-115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico>.

16.

Parque Infantil Dr. Almeida Margiochi, 1960.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.



16.

03 | REQUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO URBANO

03.1 | CONCEITO

Requalificar um espaço é intervir num território que não está perdido para o passado, mas que se deve, sobretudo, ao futuro. É crucial reconhecer que as áreas urbanas estão em constante evolução e, portanto, requerem processos de adaptação. Nesse contexto, as práticas de renovação, requalificação, revitalização e reabilitação urbana são termos criados para poder responder a uma série de problemas urbanos. É preciso ter em consideração que, para cada um destes processos, obtêm-se resultados diferentes para a área urbana, no entanto, todos eles estão ligados à mesma ideia: transformar e regenerar espaços, zonas ou áreas urbanas a fim de resolver e melhorar o espaço urbano.

Para a presente investigação o conceito que deverá ser considerado é o da Requalificação urbana, conceito relativamente recente em Portugal, tendo-se iniciado a partir dos anos 80.¹⁸ Foi um período marcado pela transformação significativa de políticas urbanas do país, levando a um crescente reconhecimento da necessidade de requalificar e melhorar as áreas urbanas existentes. A partir dos anos 80, começaram a ser implementadas políticas e programas de requalificação urbana em várias cidades portuguesas na tentativa de preservar o património histórico e melhorar a qualidade de vida urbana.¹⁹

No livro “Alegoria do Património” publicado em (1982) por Françoise Choay,²⁰ é abordado o conceito de requalificação urbana como parte de uma reflexão mais ampla sobre a preservação do património cultural e arquitetónico. Choay levanta a questão de como a intervenção no espaço público deve ser guiada através de uma abordagem sensível e contextualizada, que leve em consideração tanto a memória e identidade do lugar, quanto as necessidades contemporâneas que o espaço precisa.

Atualmente o conceito de Requalificação urbana é transmitido como uma das principais estratégias de revitalização urbana, possibilitando uma reestruturação em função do desenho já existente de uma cidade. Trata-se de um - instrumento para a melhoria de vida das populações, promovendo a construção e recuperação de equipamentos e infraestruturas e a valorização do espaço público com medidas de dinamização social e económica. Procura a (RE)introdução de qualidades urbanas, de acessibilidade e ou centralidade a uma determinada área. Provoca a mudança de valor da área, ao nível económico (atividades económicas com alto valor financeiro), paisagístico e social (produção de espaços públicos com valor de centralidade).²¹

¹⁸MOREIRA, A.S.G.M. (2007). Requalificação urbana: alguns conceitos básicos. Artitextos. Lisboa

¹⁹ Alguns dos Programas de desenvolvimento sustentável PRAUD – Programa de Recuperação de Áreas Urbanas Degradadas; URBAN I, II – Programa de Iniciativa Comunitária; PRU – Programa de Revitalização Urbana; POLIS – Programa de Requalificação Urbana e Valorização Ambiental das Cidades; CHOAY, F. (1982). Alegoria do Património. Edições 70.

²¹ MOREIRA, M.G.S.A. (2007). Requalificação urbana: alguns conceitos básicos. Artitextos. Excerto retirado da Dissertação de Mestrado de Rocha, I. (2019). Novas dinâmicas de requalificação de espaços públicos centrais. Pág.34.



17.

17.

Feira de S.João.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora

18.

Feira de S.João.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora .

19

Feira de S.João.

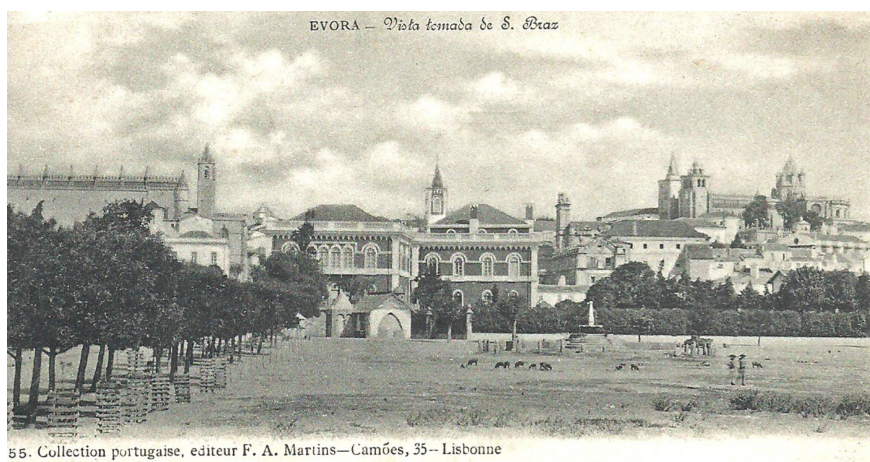
Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.



18.



19.



20.

Vista do Rossio.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.

20.

04 | ROSSIO

04.1 | CONCEITO

A palavra Rossio, refere-se ao centro simbólico de uma cidade, resultado de uma contínua apropriação de um espaço para diferentes usos e funções em constante mutação, acompanhando a evolução urbana da cidade onde se insere. Cada Rossio tem a sua própria história e significado cultural, contribuindo para a riqueza patrimonial das regiões onde se agrega. Outrora servido predominantemente para funções agrícolas e comerciais, atualmente invoca uma memória e identidade que tentamos preservar, tendo a maior parte sofrido intervenções ou requalificações na tentativa de RE funcionalizar o espaço público tendo como premissa que o Rossio é um espaço aberto que suporta maioritariamente as necessidades funcionais de uma cidade.²²

Quando começamos a falar de Rossios, imediatamente associamos o termo Rossio a um “terreiro bastante amplo” ou até mesmo “Praça Grande”. Considerando este, como património, imediatamente determinamos o seu Locus, que é onde a memória e identidade adquirem materialidade.

Não pode ser entendido como um espaço individual, o conceito de Rossio, surge na utilização de um espaço demarcado pelos seus limites físicos onde nele, não existem limites funcionais, normalmente situado nos aglomerados urbanos adjacentes enquanto espaço gerador de múltiplas funções.

Para a formação contínua destes terrenos baldios designados Rossios, foram determinantes o seu contexto urbano e rural e a fixação de núcleos evolutivos urbanos. A escolha do sítio pode relacionar-se com as diversas atividades económicas determinadas pelas características específicas de cada lugar.

²² FREIRE, M. (1999). Pág.22.

04.2 | LOCALIZAÇÃO

Durante a época medieval, a escolha da localização do Rossio desempenhava um papel fundamental, sendo diretamente influenciada pelas características topográficas e pela proximidade de centros urbanos. Essa relação coexistente moldava o caráter e a funcionalidade desses espaços urbanos.

Os Rossios, como centros de vida social, económica e cultural, eram frequentemente estabelecidos em locais amplos e acessíveis, com atenção especial para as características topográficas. A escolha de áreas com pouco declive facilitava as acessibilidades permitindo um melhor uso do espaço em termos de função.

A proximidade a vias de comunicação, tanto marítimas quanto terrestres, e a estruturas defensivas, permitia a integração do Rossio nas dinâmicas regionais.

A estratégia de implantação dos Rossios provocou múltiplas utilidades destes espaços, mantendo o seu caráter funcional até aos dias de hoje.

A localização de um Rossio torna-se assim inerente à sua função. É essencialmente um espaço funcional, lugar de descompressão urbana complementada pelas necessidades de uma sociedade; desta forma, a sua função, determinou o seu posicionamento.



21.

21.

Localização do Rossio, Évora.

A localização do caminho-de-ferro a sul da cidade, faz com que o Rossio seja o centro que liga a cidade intra-extra muros.

Fonte: FREIRE, M. (1999). Rossios do significado urbano. pág. 121.

04.3 | FUNÇÃO

Ao explorar a ideia de “função de um lugar”, entramos numa realidade urbana onde nos questionamos sobre as características essenciais, como individualidade, identidade, memória e forma. Enquanto função, ela só é questionada quando as ações que ocorrem nesse lugar se tornam perceptíveis através da função exercida no momento.

Além dessas atividades visíveis, a função do lugar pode abranger o seu significado cultural, o seu papel na integração social e na sua capacidade de resposta face às necessidades específicas impostas pela sociedade.

O Rossio, é considerado um espaço nascido para fins estritamente funcionais, no entanto, não deixa de constituir um espaço de transição entre formas de viver. Inicialmente, estes espaços eram concebidos principalmente para servir necessidades práticas da comunidade, como mercados, comércio ou encontros sociais. O objetivo era atender às exigências da vida citadina. Ao longo do tempo o Rossio deixou de ser apenas um espaço utilitário para se tornar num local de transformação e adaptação à evolução da sociedade. À medida que as cidades mudam, as funções e a dinâmica de uso também se alteram. O Rossio passa a ser um ponto de transição, entre o passado e o presente, entre o tradicional e o moderno, entre as diferentes atividades que ocorrem num mesmo espaço ao longo do tempo.²³

A funcionalidade primordial deste espaço remonta à Idade Média, que se baseava em princípios produtivos, comerciais, culturais, recreativos e de descompressão urbana, dada a dimensão e proximidade com a urbe.

“É pelas portas que se acede à cidade, isto é, aos seus habitantes e é por estas que aqueles acedem ao exterior, pelo que são os terreiros ou rossios os espaços privilegiados para, à sua volta, no seu perímetro, se fazer o assentamento das tendas de venda.”²⁴

²³ ROSSI, A. (1997). A Arquitetura da Cidade. Pág. 52 Leya.

²⁴ FREIRE, M. (1999)., pág. 120

Atualmente, os Rossios desempenham diversas funções na vida urbana. Além de serem um espaço histórico, continuam a exercer as suas funções primitivas como espaço social, de trocas comerciais e culturais.

A adaptação do Rossio através de pavimento, sombreamento e mobiliário urbano representa uma evolução significativa em relação à sua função primitiva, onde a sua utilização era mais esporádica e específica.

Essas mudanças não só transformaram fisicamente o espaço, mas também influenciam a maneira como as pessoas se apropriam do Rossio no modo de vida quotidiana.

Além disso, muitos Rossios preservam património, não só enquanto espaço, mas preservando monumentos e eventos que destacam a identidade cultural da região. O Rossio continua nos dias de hoje a ser um elemento vital no tecido urbano contemporâneo.

A capacidade do Rossio de se transformar em resposta às continuas mudanças sociais é um exemplo claro da sua flexibilidade como gerador de espaço público. Essa constante evolução é demonstrada através da “manipulação” essencial dos ambientes urbanos para permanecerem pertinentes em contextos em constante mutação.

04.4 | FORMA

O Rossio enquadra-se na categoria de Terreiro, sendo um espaço irregular e amplo, um espaço significativamente grande e predominantemente livre. Ligado à história do lugar, à vida comunitária dos cidadãos, ao interesse comercial do aglomerado e às apropriações secundárias espaciais, torna-o num lugar com identidade própria e com um caráter plurifuncional. Como património, expressa a identidade e vivências de um povo, que contribui para a preservação da identidade social sendo considerado inteiramente como um todo homogêneo que compreende não só as funções intrínsecas, mas também os elementos mais modestos que o adquiram, como fontes, tanques, mobiliário urbano, vegetação, iluminação etc...

A composição espacial deste lugar é proeminentemente ampla e livre, assegurada pelos seus limites, que para além de o conter, também o define. Espacialmente, os limites do Rossio podem ser definidos por elementos vivos (vegetação) e por elementos inertes (edificado; fortificações).

Não pode ser entendido como um espaço individual, o conceito de Rossio, surge na utilização de um espaço demarcado pelos seus limites físicos onde nele, não existem limites funcionais, normalmente situado nos aglomerados urbanos adjacentes enquanto espaço gerador de múltiplas funções.

Para além desta definição de limites, podemos refletir na ideia de limite aberto, como espaço que propicia a relação entre cidade e o rural e também como princípio de que a atmosfera deste espaço possa ser usada e transformada sempre que for necessário, adquirindo um título de espaço aberto livre ou espaço público.

A sua amplitude, o seu posicionamento perante a cidade e a sua função polivalente, pressupõe que o espaço possa ser adaptado à constante transformação à apropriação da sua envolvente, correspondendo, portanto, a algo com uma identidade própria ainda que o meio que o envolve esteja continuamente em transformação.

Na génese da definição deste espaço o seu contexto foi sendo alterado, essencialmente de carácter rural e posteriormente em contexto urbano sendo a que a sua localização foi acompanhando ao longo dos tempos o desenvolvimento urbano da cidade, até ao ponto de ser absorvido pela cidade já urbanizada.

Do referido processo, ocorre a delimitação da área com construção, o que proporciona uma sensação de sufocamento, mas, na realidade, desobstrui. Numa zona em que o tecido urbano se torna densificado, este tipo de espaço transforma-se numa área de pausa, contribuindo para um ambiente menos congestionado, melhorando a qualidade de vida das pessoas que lá confluem.

O facto de atualmente os rossios serem engolidos por uma cidade em constante transformação pode alterar a essência da sua identidade enquanto função, mas emergir daqui a memória enquanto espaço livre.

Nesta sucessão, o Rossio compromete-se à continuidade de carácter público de sociabilidade e multifuncionalidade colmatando assim, que as funções primordiais exercidas e as apropriações posteriores se mantêm na sua essência de forma.²⁵

²⁵ PEDROSO, J.C.M. (2019). Memória e Identidade do Lugar. Lisboa..



22.

Relação do Rossio com o CHE.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.

23.

Jogo de Futebol no Rossio.

Fo te: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.

24.

Feira a decorrer no Rossio.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.

22.



23.



24.

25.

Fotografia aérea da cidade de Évora, 1949
(M. Feio, 1983).

Fonte: RIBEIRO, R. (2018). Entre a Porta de
Avis e a Porta da Lagoa, em Évora, Proposta
Arquitetónica, Dissertação de Mestrado,
Universidade de Évora pág. 8.





26.

26.
Esquema Evolutivo da Cidade de Évora.
Fonte: Elaborado pela autora.

05 | ÉVORA, EVOLUÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO ROSSIO

05.1 | ORIGEM E EVOLUÇÃO DA CIDADE

Este capítulo tem como objetivo analisar e contextualizar a evolução do Rossio de Évora ao longo dos séculos, realçando uma linha de tempo que evidencia as transformações significativas que o espaço público passou desde a sua origem até aos dias de hoje.

A cidade de Évora, capital de distrito e sede de concelho do Centro Alentejano, com mais de dois mil anos de história, é a cidade que melhor reflete a identidade deste país como cidade-museu devido porque reúne uma grande concentração de monumentos históricos e arquitetónicos, muitos dos quais permanecem praticamente intactos desde a Idade Média e o Renascimento. É classificada pela UNESCO como Património Cultural da Humanidade desde 1986.

O Rossio de S. Brás faz parte desse contexto patrimonial, É um espaço público emblemático, tradicionalmente usado para feiras e eventos, e é cercado por elementos históricos que reforçam a identidade histórica da cidade.

Évora situa-se num local de charneira entre o Litoral Alentejano e a fronteira Espanhola. Localiza-se numa posição relativamente central no interior da metade sul de Portugal. Servia como local de passagem e de cruzamento entre importantes centros urbanos. Como refere Ângela Beirante (1988) “Situada no centro da plataforma alentejana, num cruzamento de estradas militares, é como «cidade-encruzilhada» que Évora vais prosperar nos primeiros séculos do império”.²⁶

As origens da cidade de Évora remontam ao período proto-histórico. Um planalto granítico com aproximadamente 310 metros de altitude, com declives suaves a sul e a norte e inclinações mais vigorosas a este e a oeste que permitia funções de defesa e controlo do território.

A implantação da cidade situa-se na proximidade de três bacias hidrográficas (Tejo, Sado e Guadiana). Isto traduz-se numa região de relativa abundância de nascentes de água, caracterizada na fertilidade de solo.²⁷

Estas condições formam determinantes para a fixação, permanência e desenvolvimento de povos e culturas ao longo dos séculos. Évora resulta assim, numa estrutura de sobreposição de períodos e pré-existências, reconhecida maioritariamente pelos seus traços Medievais e Romanos.

²⁶BEIRANTE, A. (1988). Évora na Idade Média. Lisboa: Fundação.

²⁷SIMPLÍCIO, C.F.M (2003). Évora. Algumas etapas fundamentais na evolução da cidade até ao século XVI, Porto.

05.2 | PERÍODO ROMANO

Durante a conquista romana na península ibérica, o núcleo existente foi refundado, dando origem a uma nova cidade, *Liberalitas Julia*. A antiga ocupação neolítica deu lugar a um aglomerado tipicamente romano, de acordo com as normas do urbanismo ortogonal circundado por uma muralha defensiva.

De acordo com Andreia (2020), o urbanismo Romano é o resultado de um conceito próprio que combina a estética e refinamento grego com a praticidade e mestria etrusca, formando na sua génese, um conceito próprio de urbanismo baseado na utilidade, reservando a monumentalidade para afirmação de poder. Baseado num pensamento filosófico de carácter matemático, o Urbanismo romano, é o resultado de uma organização funcional e lógica de uma cidade primitiva.

A cidade assume um papel fundamental na civilização romana, marcado pela organização funcional através de três núcleos (político, económico e cultural). Esta criação, previa o desenho de uma quadrícula, composta por ruas ortogonais que se cruzam, formando quarteirões regulares que davam origem à cidade “quadrícula”.²⁸

A cidade Romana de Évora, era delimitada por um perímetro amuralhado com cerca de 1080 m de extensão, no qual se abriam quatro portas, segundo os eixos cardeais. A partir das portas saíam dois caminhos, inicialmente pedestres, no sentido NO (*Cardus*) e SE (*Decumanos*), que se cruzam no centro social da cidade - a Acrópole - refletindo a ordem e a identidade romana através do Fórum da cidade, compreendendo deste modo, o Templo Romano, um dos monumentos de carácter socio-cultural e económico da cidade.

Na época Romana, o Fórum, do latim *Forum*, era designado como espaço público rodeado de edifícios de carácter públicos, que serviam de encontro social, cultural e económico. O Fórum Romano era o centro da vida pública da sociedade Romana, lugar de trocas e funções económicas, era portanto, o centro público no coração da cidade.

²⁸ SILVA, C.F.A. (2020). A Cidade Romana: Conceção de um Modelo Urbanístico no atual território português. Pág. 20, Porto.

²⁹ RIBEIRO, O. (1981). Évora. Sítio, Origem, Evolução e Funções de uma Cidade. Lisboa.

A Cerca Romana define, deste modo, no seu perímetro interno, o Fórum, as Termas e as Habitações. Como primeiro recinto amuralhado de origem romana no séc. III-IV D.C., construída por motivos defensivos, foi assente sobre uma malha urbana pré-existente. Apresenta uma forma pentagonal irregular distinguindo-se pela escala e Torres de planta semicircular. É constituída por torres de vigia, com cerca de 25 metros de espaçamentos e por quatro portas para a entrada da cidade.²⁹

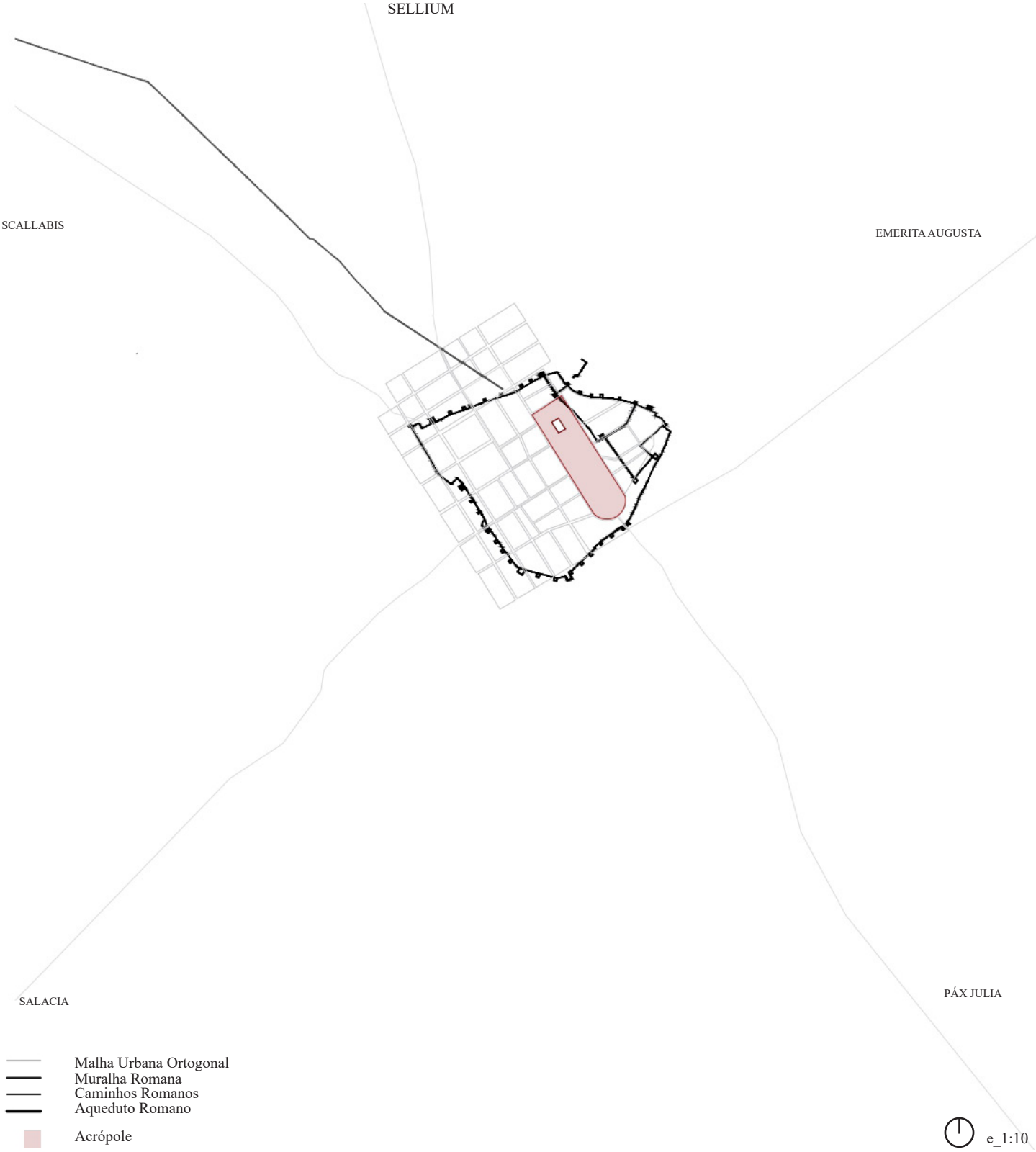
P1.

Planta Esquemática da Cidade de Évora durante o período Romano.

Destaca-se a vermelho o primeiro vazio urbano da civilização Romana.

Fonte: Elaborado pela autora.

P1- PLANTA ESQUEMÁTICA | PERÍODO ROMANO





27.

27.

Primeiro Rossio, Praça do Giraldo.

Fonte: monumentosdesaparecidos.blogspot.com/2011/01/antigos-paco-do-concelho-evora.html.

05.3 | PERÍODO MEDIEVAL

“Sendo uma área bastante fértil, tornou-se num centro agrícola, mercantil e artesanal no início do tempo medieval.”³⁰

Após a tomada cristã em 1165, Évora, tornou-se uma das principais cidades do novo reino português, sendo esta, uma condição para o seu desenvolvimento urbano e económico. Durante as primeiras décadas do domínio português, a grande primeira obra edificada foi a Sé em 1204, situada na antiga Acrópole, no ponto mais alto da cidade. Com a construção da Sé, foi também construído um primitivo Paço do conselho com uma cadeia inserida. Num estudo feito sobre o urbanismo medieval, clarifica-se que, nas imediações da catedral, erguiam-se, então, os edifícios mais representativos e importantes de uma estruturação da vida económica e social da cidade. Era, portanto, o centro principal da cidade.

A importância da cidade e o poder económico agrícola, levou à fixação militar na cidade, convertendo-a também, num centro estratégico e político importante da região Além-Tejo.

Com a apropriação intensa da ocupação dos terrenos dentro da Cerca Velha, foi necessária a expansão dos arrabaldes, fora muros, já anteriormente formados ao longo do período Muçulmano, configurando novas unidades urbanas à cidade.

Tendo esta cidade uma forte componente hereditária romana, no arranque do desenvolvimento da era medieval, a sua expansão não ocorreu de forma planificada como outras das cidades medievais portuguesas, mas sim, um desenho urbano adaptado às pré-existências romanas.

É a partir das portas existentes e integrando na estrutura urbana os antigos caminhos, que se vão, progressivamente, constituindo os novos setores urbanos.³¹

³⁰ SIMPLÍCIO, M. (2003). Pág. 8.

³¹ BORGES, A. (2008). Os limites da Cidade. Évora

³² BARBOSA, C.F.J. (1993). Da praça pública em Portugal. Pág 42, Évora.

Se numa primeira fase, o conjunto urbano situava-se próximo da Sé, com a sua expansão urbana para fora da Cerca Velha, houve a necessidade de consolidar as atividades económicas num novo espaço. Precisamente à Porta de uma das antigas entradas da muralha greco-romana, no fim da antiga Rua da Selaria, coincidente com o arruamento intramuros mais importante da cidade, que conduz à catedral, mantendo uma relação direta com a mesma.

Primeiramente um simples terreno de terra batida, onde se realizava a feira franca anual, sendo depois, gradualmente, apelidado de Rossio.

No final do século XIII começou-se a individualizar uma praça, de maiores dimensões e aberta à circulação, denominada Praça Grande, onde se concentravam as principais funções administrativas, culturais e económicas da cidade, sendo a área envolvente do Templo Romano, onde inicialmente se formou as primeiras concentrações comerciais então registadas, uma continuação de espaço público até à Sé.

A cidade Medieval, assumirá um plano radial através da Praça Grande, sendo esta, considerada um polo gerador de urbanização. Por ela passará sempre qualquer que seja o percurso histórico da cidade.³²

P2.

Planta Esquemática da Cidade de Évora durante o período Medieval.

Ressalta-se a vermelho, a deslocação do vazio urbano designado Rossio.

Fonte: Elaborado pela autora.



05.4 | PERÍODO MODERNO

“A casa popular eborense é, na Idade Média, uma casa de um só piso, com duas divisões: casa dianteira e celeiro. Porém a habitação burguesa mais conceituada é a casa sobrada sobre arcos que caracteriza o centro da cidade medieval.”³³

Somente após a implantação de várias estruturas de caráter nobre e religioso fora da primitiva muralha, se iniciou a estruturação da cidade na Idade Média. O primeiro esboço da estruturação de um núcleo urbano definiu-se junto à Rua da Selaria, da qual resultou a principal praça da cidade, antigo Rossio da época Medieval.

Com a delimitação das vias urbanas, antigas estradas de ligação ao exterior, foram-se definindo e desenvolvendo quarteirões de dimensões e estruturas regulares. Como evidenciado por Domingas Simplício (2003) - “A estrutura da cidade, neste século, caracterizava-se pelo atenuar da separação entre os setores interiores e exteriores à Cerca Velha, constituindo-se, cada vez mais, principais núcleos de concentração da atividade humana. Verifica-se, portanto, um reforço no eixo urbano e de espaço urbano de ligação.”³⁴

A cidade, resulta numa tipologia urbanística característica, pontualmente quebrada por edifícios de maior representatividade ou espaços públicos amplos como é o caso da Praça Grande e do Largo das Portas de Moura.

Com a progressiva evolução da malha urbana e de modo a defender e proteger o contínuo desenvolvimento urbano dos povos inimigos, surgiu a necessidade da construção de uma novo recinto muralhado, apelidado de Cerca Nova.

A cidade havia crescido, e, de uma área de 10 ha, contidos dentro da muralha romano-goda acrescentaram-se mais de 50 ha delimitados pela nova cerca medieval - Cerca Nova. A delimitação deste novo recinto, não só garantiu a consolidação da malha urbana até fins de séc. XVI intramuros, como respeitou todas as pré-existências várias (viárias, religiosas, edificados ...), tornando-se o “elemento fundamental da futura expansão e consolidação de Évora”.³⁵

³³ SIMPLÍCIO, M.D. (2006). pág 25

³⁴ BEIRANTE, A. (1988). pág. 54

³⁵ FREIRE, M. (1999). pág. 50

Com a construção desta nova cintura de muralhas, a cidade encontrou novamente uma proteção e um limite físico imposto. O seu perímetro permitiu uma eficaz defesa militar e o assegurar de uma proteção sanitária para a população, através de fossos localizados no limite exterior adjacente da muralha.

A Cerca Nova descreve-se como um polígono irregular com cerca de três mil e quinhentos metros de perímetro e abre-se para o exterior através de dez portas e um postigo. Na sua envoltória exterior, era constituída por fossos e barbacãs, reforçada por trinta e cinco a quarenta Torres de diferentes secções.

No séc. XIV, após a densificação da malha urbana dentro do perímetro medieval, a praça da cidade, sendo um importante centro representativo da atividade económica, social e cultural, já não comportava as necessidades que a população precisava.

A cidade desenvolveu então, um novo Rossio, na periferia urbana a sul, sendo transportadas para lá funções de maior envergadura, nomeadamente a feira de S. João, que nela ocorre desde 1563 e ainda lá se realiza atualmente, e outras, como é o caso de mercados semanais e mensais. As feiras e mercados de gado também para lá se deslocaram.

Já no Séc. XVI, o Rossio desempenhou ainda outras funções, ressaltando o seu carácter funcional. A sua dimensão tinha cerca de 22 ha apresentando uma forma tendencialmente retangular, ainda que irregular - no sentido norte/sul com 333m e no sentido oeste/este com cerca de 665m.

Desenvolvia-se desde toda a frente sul da muralha medieval, numa expansão que incluí a Ermida de S. Brás e proximidades do chafariz D'el Rei; “Nesta última direção (...) como uma lingoa muito estreita com pouca largura (...)”³⁶

Numa tentativa de reforço do sistema defensivo da cidade, foi elaborado o mais moderno sistema abaluartado, conhecido por *Vauban*, (séc. XVII), que veio a reformular as características espaciais do Rossio, assegurando a continuidade desta abertura através da construção de uma nova porta que se abriu no baluarte, nas proximidades da primeira porta e igualmente denominada como Porta do Rossio.

Quanto aos elementos morfológicos de carácter religioso e inertes, destaca-se a Ermida de S.Brás, fundada em finais do Séc. XV, no lugar conhecido por «Outeiro da Corredoura», ocupando o lugar anteriormente designado para fins de saúde pública, onde se havia instalado um hospital provisório, para refúgio e tratamento da peste.

Relativamente aos elementos tipológicos inertes, nomeadamente, a fonte e o tanque. A fonte e o tanque foram construídos no decorrer da chegada de água à cidade, com a construção do Aqueduto da Água de Prata, em 1532. O tanque sobranceiro ao chafariz no lado Oriental, foi destruído nos primeiros anos do séc. XVII e a fonte lá permanece até aos dias de hoje.³⁷

³⁶ BEIRANTE, A.(1999). Évora, pág.35.

³⁷ IBIDEM

P3.

Planta Esquemática da Cidade de Évora durante o período Moderno.

Mais uma vez, a vermelho, observa-se a deslocação do vazio urbano de grandes dimensões, fora da cidade intra-muros.

Fonte: elaborado pela autora.



- Malha Urbana Medieval
- Muralha Romana | Muralha Medieval | Estrutura Defensiva
- Caminhos Viários
- Aqueduto Romano
- Rossio

05.5 | PERÍODO CONTEMPORÂNEO

O processo de crescimento urbano manteve-se dentro das muralhas até ao início do século XIX, contudo, permaneceram inúmeras áreas livres dentro da cerca que, devido à sua relação com a localização das portas que se abriam nesta muralha, e relativamente à sua posição com as estradas regionais principais e eventualmente ainda, com a presença e importância de alguns elementos urbanos, consideram-se os espaços livres, abertos, como importantes elementos de descompressão da cidade.

A partir de 1863, com a instalação do caminho-de-Ferro, a cidade extravasa os muros e estende-se lentamente para sul, em direção à estação. Esta é uma situação típica no crescimento das cidades portuguesas, que aproveitaram os antigos caminhos de ligação para criar avenidas para habitação de nível económico alto caso que, não se verifica em Évora. Aqui as classes de maiores recursos económicos permanecem intramuros e a expansão em direção à estação faz-se com habitação de níveis baixos e intermédios.

Entre 1864 e 1911, verificou-se um crescimento lento mas contínuo da população da cidade, um pouco mais acentuado no período de 1900 - 1911, a que se seguiu um decréscimo entre 1911- 1920, correspondente à 1ª Guerra Mundial e à epidemia da gripe pneumónica. Assim para sul, em torno do Rossio em direção à estação, surgem os bairros do Rossio, que se fixavam em aglomerados não planificados.³⁸

A presença da vegetação utilizada com outros objetivos, nomeadamente, os que se prendem com a valorização que qualifica os percursos a que se associam, reforçam os principais eixos que se estabelecem, como Alamedas de ligação do interior da cidade à sua expansão para sul. Assim, inicia-se o crescimento extramuros em direção à estação com a construção das avenidas Dr. Barahona e Combatentes da Grande Guerra.

O Rossio de S.Brás viu-se, então, envolvido nesse crescimento dada a localização entre os limites do Centro Histórico e a expansão morfológica urbana para sul, ocupando uma posição central,.

³⁸ BILOU, J. (2019). Rede Monástica de Évora: um percurso arquitetónico entre a cidade e o campo. Pág. 23.

É a partir da 2ª Guerra Mundial que se verifica a grande expansão da cidade extramuros. Com a mecanização da agricultura, verifica-se um aumento de população em Évora na procura de emprego.

Para atenuar a crise generalizada de emprego, o Estado põe em prática um programa de obras públicas que, em Évora, se traduziu na construção da 1ª fase do Plano de Gröer.

Ainda na forma de estudo, designado por “Plano de Ordenamento, Expansão e Embelezamento da cidade de Évora- Esboceto”, Gröer apresenta um método de planeamento do território que se inicia através de um estudo analítico a nível populacional, económico e levantamento dos principais problemas urbanos, nomeadamente, o da habitação.

Propunha-se, neste novo plano de urbanização, uma via circular que contornaria o Centro Histórico, interligando as vias já existentes entre si com as novas. Acompanhadas de uma cintura verde, previstas no plano de intenções do programa pólis³⁹ da cidade. Igualmente é de assinalar, a definição da Zona Industrial, onde, já se encontravam fábricas e grandes depósitos. Na planta da região, Gröer define uma fronteira imaginária para a delimitação da zona rural envolvente da cidade correspondente a um círculo 5 km de raio com centro no meio da Praça do Giraldo e para qual estavam definidas regras de construção.

Com base neste Esboceto, elaborou-se em 1945 o Anteprojeto do Plano de Urbanização.

O Ante-Plano chegou à fase de Plano final, porém não se concretizou, já que nunca foi apresentada nenhuma versão final para o Plano de Urbanização de Évora, mas algumas das ideias principais propostas no Ante-Plano tiveram continuidade. No início da década de 60 é iniciada a revisão do Plano Diretor por Nikita de Gröer. Neste plano já se integravam os bairros clandestinos mais próximos da cidade, intramuros. Deste plano destaca-se a reestruturação proposta ao nível das acessibilidades rodoviárias, em que o urbanista propunha a execução de duas circulares a norte e a sul do centro histórico.

Em 1969, manifestou-se o interesse numa nova revisão do Plano Diretor, agora pelo atelier do Arq. Conceição Silva, estudo que ficou concluído em 1970.⁴⁰ Este plano, que procurava adaptar a cidade para uma nova dinâmica de crescimento urbano baseada no desenvolvimento urbano em massa, propunha uma densificação acentuada do contínuo urbano, o que implicaria uma nova imagem para a cidade. Contudo na defesa de uma certa imagem para a cidade - resultou na contenção deste processo.

Atendendo a que os planos de Nikita de Gröer (1959) e Conceição Silva (1969) não chegaram nunca a ser aprovados foi efetivamente o Ante-Plano de Etienne de Gröer o principal instrumento de planeamento da cidade.⁴¹ Desenvolveu-se então, o primeiro Plano Diretor do Concelho de Évora que visa estabelecer uma ordem organizacional e urbana, passando a ser o elemento definidor e orientador de toda a atividade municipal, incluindo também o Plano Geral de Urbanização da cidade.

Assim, em meados do séc. XX, com o P.D.M.⁴² aprovado e a política de solos implementada, entrou-se num processo de desenvolvimento urbano planeado com base em iniciativas de loteamentos em solos devidamente urbanizados e pela recuperação e/ou reconversão de edifícios e espaços públicos no Centro Histórico. Para além destas medidas incidentes sobre o desenvolvimento extramuros, foram implementadas também medidas de prevenção e valorização, atendendo às características arquitetónicas próprias, onde monumentos, edifícios e espaços públicos, são parte integrante de uma matriz de carácter popular que resulta num conjunto cujo valor patrimonial que deve ser preservado. Em 1986, é classificado pela UNESCO como Património Mundial, sendo o exemplo da “idade de ouro portuguesa”, mantendo nas suas ruas e praças, uma intensa vida própria.

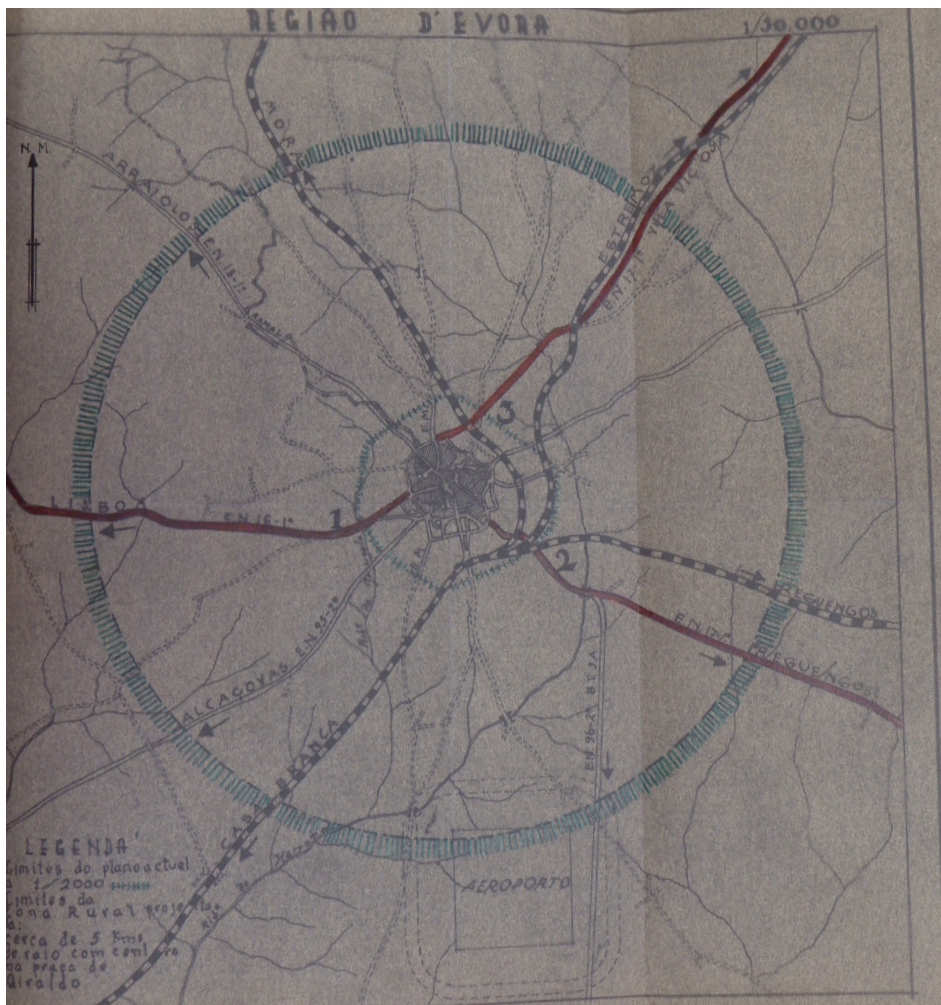
No final do séc. XX a preocupação deixara de ser a questão da habitação e, por consequente, as questões de salubridade, passando a ser alvo de gestão e planeamento a promoção de espaços abertos de descompressão urbana, bem como a adaptação de espaços para a resolução do problema de estacionamento dentro e fora das muralhas.

³⁹ O programa Pólis, surge em 1999, como um novo instrumento de planeamento e requalificação urbana, com o objetivo de tornar as cidades mais bonitas, mais saudáveis e equilibradas, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e bem estar nas cidades, contribuindo deste modo para a sua sustentabilidade.

⁴⁰ É só no século XX que surge o debate público sobre a alteração da localização da Feira de S.João o que se deve à dimensão do Rossio já ser desajustada à realização de um PDM - plan anecessor do referido, não aprovado, realizado pela equipa Prof. Jorge Gaspar, Arq. Conceição Silva e Arq. Tomás Taveira; Cf. SILVA, C. Carta à CME, em 04.02.1970.

⁴¹ Arquivo Municipal de Évora (1978). Relatório n.º 6 – Freguesias urbanas, Desenvolvimento urbano, Diagnóstico.

⁴² Plano Diretor Municipal – instrumento de gestão do território que define a classificação do solo e a sua qualificação, ou seja, os usos admitidos e as regras aplicadas à ocupação do território. Enquadra-se e articula-se com o Plano de Urbanização de Évora e/ou Plano de Pormenor



28.

28.

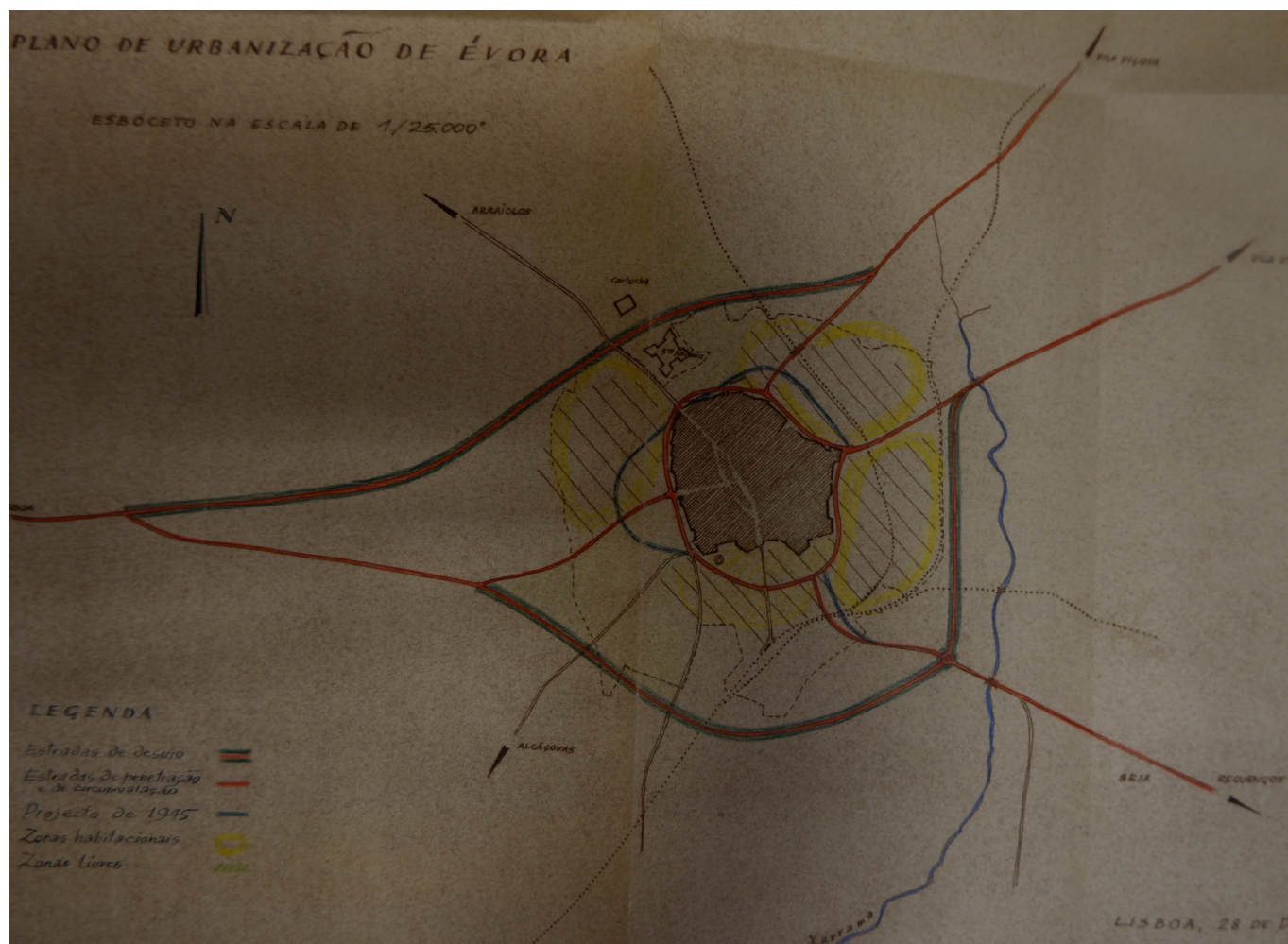
Planta de limites da zona urbana projetada a cerca de 5 km de raio com centro na praça do Giraldo, Etienne -Gröer.

Fonte: Arquivo Municipal, CME, Plantas Urbanísticas.

29.

Planta Geral do Anteprojeto do Plano de Urbanização de Nikita de Gröer, 1958.

Fonte: Arquivo Municipal, CME, Plantas Urbanísticas.



29.



30.

Planta geral do Esboço do Plano de Urbanização
de Évora por Nikita de Gröer.

Fonte: Arquivo Municipal, CME, Plantas Urbanísticas.

31.

Planta orientadora da expansão urbana do Plano de Conceição Silva.

Fonte: Arquivo Municipal, CME, Plantas Urbanísticas.

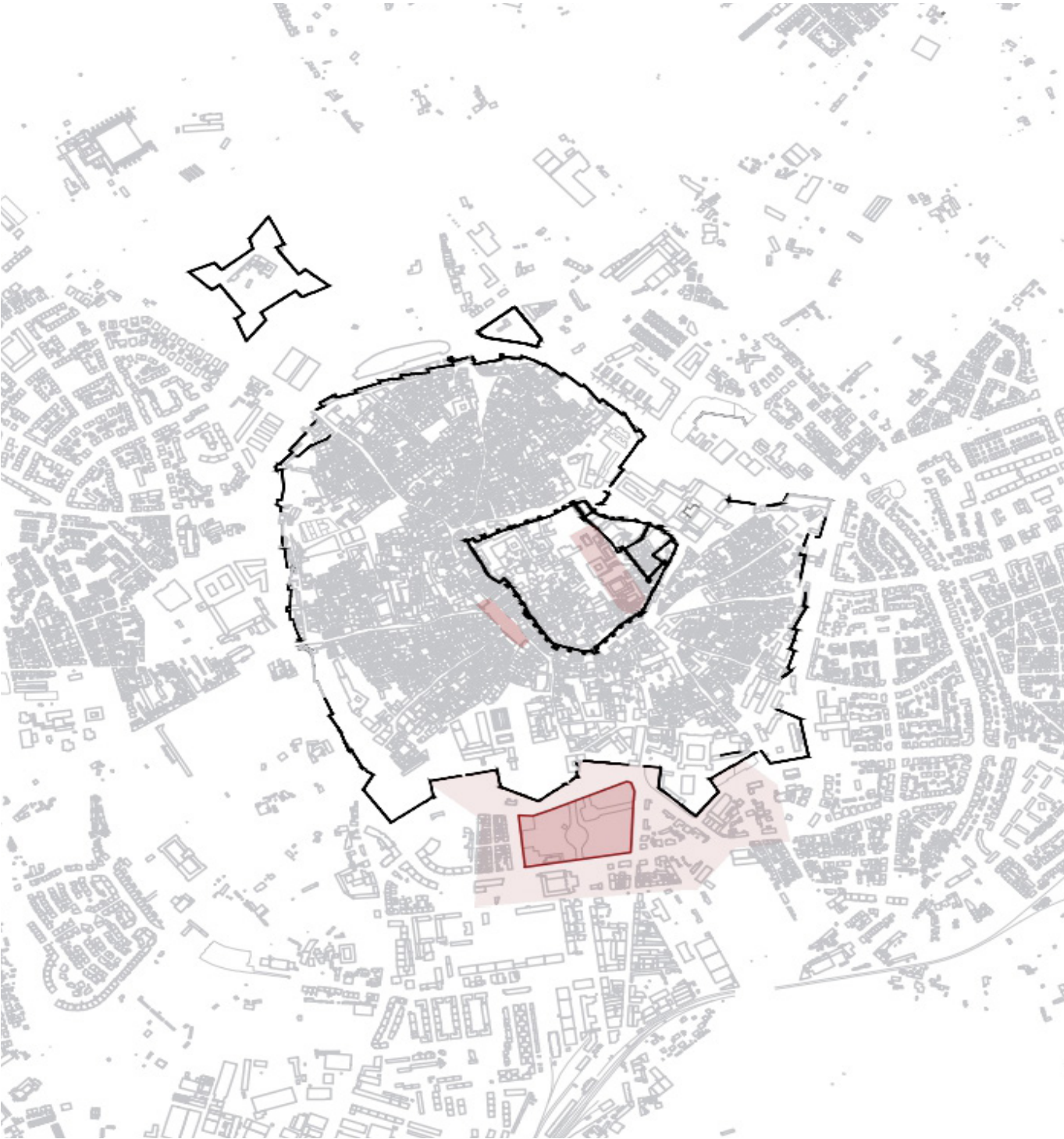


P4.

Planta Esquemática da Cidade de Évora durante o período Contemporâneo.

Durante este período, procedeu-se à definição dos limites do Rossio.

Fonte: Elaborado pela autora.



- Malha Urbana
- Muralha Romana | Muralha Medieval | Estrutura Defensiva
- Estradas Viárias
- Aqueduto Romano
- Rossio

05.6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente análise, foi perceptível, a evolução morfológica urbana decorrente de uma cidade revestida por camadas de história, organizando-se de forma radial em torno do que era o seu primitivo centro urbano romano de matriz ortogonal.

Após a saturação do espaço delimitado pela antiga Cerca Primitiva Romana de Évora, a cidade viu-se incapaz de suportar o crescimento populacional e o seu desenvolvimento económico. Isso significa que a estrutura urbana atingiu a sua capacidade máxima, sendo necessário a sua expansão para fora do perímetro urbano defensivo, densificando-se os arrabaldes com zonas habitacionais e económicas, e, com a necessidade de proteção, foi construída a segunda cintura de muralhas, a Cerca Medieval.

Com o decorrer do tempo, o desenvolvimento da estrutura urbana da cidade atingiu novamente a sua capacidade máxima habitacional, e a área situada entre a Cerca Primitiva e a Cerca Medieval também perdeu a sua capacidade infraestrutural. Uma vez mais, a cidade sofre um período de crescente demográfica, o que impulsionou a necessidade iminente de expansão.

Já no exterior do recinto muralhado, deu-se continuidade à ocupação dos espaços, desta vez de forma clandestina e desorganizada, evidenciando a importância de se criar planos urbanísticos de forma a que a cidade possa crescer de maneira organizada.

Durante todas estas fases, a cidade progressivamente foi crescendo, formando núcleos que organizaram a cidade. Hoje, sem a necessidade de um limite físico, a cidade tornou-se mais dispersa. Podemos considerar que o facto de não existir um “arranque” de construção nesta zona tão interessante possa ter “desmotivado” o seu possível crescimento da cidade moderna podendo estar comprometida pelo facto de um dos limites da cidade ser a estrada de circulação.



Na transição do séc. XX para o séc. XXI, pretende-se sistematizar os traços mais marcantes do processo de evolução da estrutura urbana da cidade de Évora. Nesta perspetiva, o urbanismo e o planeamento urbano para o espaço público em torno da melhoria da qualidade de vida dos habitantes, assume cada vez, maior relevância no quadro da definição de grandes estratégias de ocupação e requalificação do aglomerado urbano. A dimensão urbana, aliada a invulgares e bem preservadas características arquitetónicas e os seus espaços de descompressão dentro e fora do centro Histórico, são marcadas pela sua mutação, de modo a requalificar espaços.⁴³

Com a progressiva concentração das populações, das principais atividades económicas e dos centros de decisão no meio urbano, a cidade ganhou uma crescente importância, firmando-se nas diretrizes segundo o P.D.M ajustadas ao desenvolvimento pretendido. O carácter da cidade é o reflexo da forma como os cidadãos, de todas as gerações, utilizam o espaço público. Cultura, tradições, usos e costumes, mas também conflitos no modo como são utilizadas as ruas, os largos, os jardins etc..., revelando o carácter da cidade.

No séc. XX o automóvel tomou conta do espaço público. Era preciso andar rápido. As faixas de rodagem alargavam e ocupam cada vez mais espaço, os passeios reduziam-se e os espaços livres deram lugar a vagas de estacionamento.

Atualmente, tentamos retroceder este último processo, libertando os espaços livres, que outrora serviram para estacionamento, para espaços de descompressão urbana, ajardinados ou não, dinamizadores de trocas sociais.

⁴³ SÍMPLICIO, M.D. (2009). Evolução da Estrutura Urbana de Évora: o século XX e a transição para o século XXI. Évora.

06.1 | ENQUADRAMENTO

Etimologicamente a palavra Lugar, deriva do latim *Locus*, evolucionária do conceito de espaço e local. Trata-se de um espaço vivido, determinado pelas suas características espaciais, que variam conforme os elementos que o caracterizam, e das pessoas que o utilizam.

Lugar é muito mais do que uma localização, é fazer parte da existência. Para Norberg-Schulz o lugar é descrito como “constituente de coisas físicas”, palpáveis que determinam a essência da qualidade ambiental do espaço, revelando assim, a sua identidade ou a sua “atmosfera”. Por outro lado, o caráter, sendo intrinsecamente ligado a cada espaço individual, pois todos possuem um, determina as respetivas atmosferas através das características que podem ser observáveis, em que esses elementos que compõem o espaço são decisivos para a definição do verdadeiro conceito de Lugar. Para além O lugar também pode conter elementos criados pelo homem, que entre geometrias de diferentes escalas, caminhos e elementos inertes, transformam a natureza em paisagem cultural. Estes elementos quando integrados no ambiente unificam-se, formando a paisagem habitada.

Concluí-se que a estrutura do lugar é composta pela dualidade de fenómenos naturais e fabricados pelo Homem. Esta composição integrada e definida pelos fenómenos determinantes da vida quotidiana, definem a essência do Lugar, o *Genius Loci*.⁴⁴

A evolução urbana do Rossio ao longo dos tempos, reflete as transformações e adaptações às necessidades da cidade. Verifica-se a constante apropriação deste espaço, marcada, por um lado, pela redução substancial da sua área e, por outro, pela regularização da sua forma. O espaço aberto que, entretanto, se configura, fica compreendido entre os Baluartes do Lippe e do Picadeiro, na sua extensão maior.⁴⁵

É importante destacar uma particularidade relacionada com a zona próxima das muralhas. Trata-se de uma área livre, sem quaisquer edificações, que corresponde aos antigos fossos. Note-se a qualificação do espaço aberto que se configurava, prevalecendo ao longo de dois eixos concretizados pelas Avenidas Barahona e Combatentes da Grande Guerra, alamedas, que acentuaram a estruturação espacial do Rossio. Esta qualificação foi marcada pela pavimentação da via, instalação de mobiliário urbano e, em 1933, pela implantação e enquadramento do Monumento aos Mortos da Grande Guerra. Bancos, iluminação e quiosques públicos serviam a zona da avenida que atravessa o Rossio, sublinhando a importância do local e a sua vocação para o convívio e lazer da população.

Relativamente à ocupação desta área com edifícios habitacionais, esta iniciou-se ao longo da Avenida da Estação (atual Avenida Barahona) e no limite oriental do rossio. Posteriormente, a parte ocidental do Rossio foi também densificada com novos edifícios habitacionais. No que diz respeito à ocupação do espaço por edifícios industriais, estes foram relocados para uma nova zona, denominada por Zona Industrial.⁴⁶

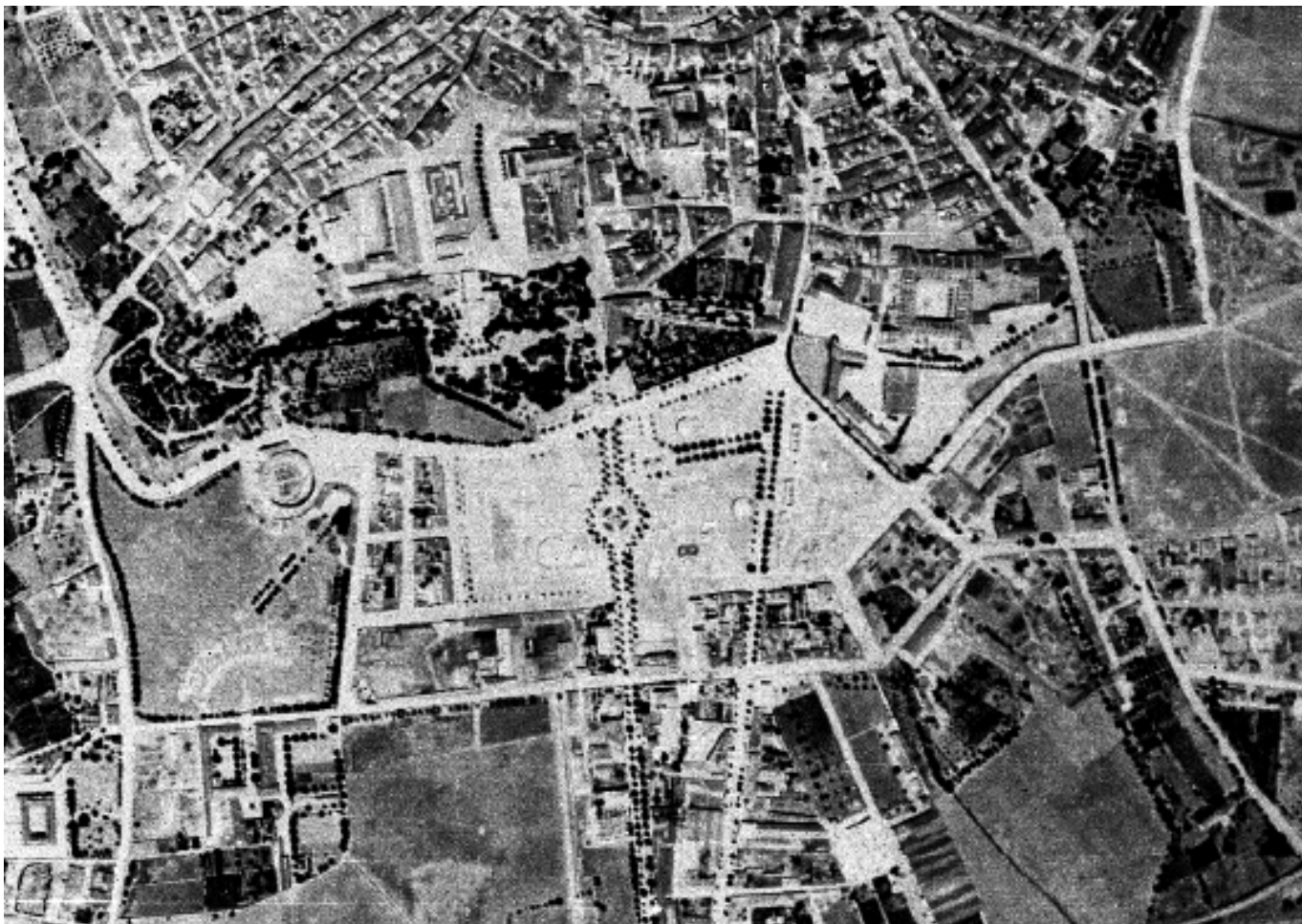
Os equipamentos culturais, educativos e de lazer foram localizados em áreas mais próximas do núcleo urbano. Entre estes equipamentos, destacam-se a Praça de Touros, a Escola Primária e o Parque Infantil.⁴⁷

⁴⁴ DIAS, R.(2020). O lugar como fundamento construtivo. Dissertação de mestrado, Universidade Lusíada, Lisboa.

⁴⁵ FREIRA, M.(1999). pág.45

⁴⁶Fonte: Proposta do Ordenamento do Rossio, pelos Arquitetos Santa-Rita; « Concurso público – Proposta para elaboração do estudo de reordenamento e requalificação do Rossio de S. Brás» Relatório n.º 6, Arquivo Municipal, CME (04/10/2023).

⁴⁷ FREIRE, M. (1999).IBIDEM pág 122 - 124.



32.

32.

Fotografia aérea do Rossio de Évora, 1947

Fonte: Centro de Informação Geoespacial do Exército, extraída da dissertação de mestrado de RIBEIRO, R. (2018). Entre a Porte de Avis e a Porta da Lagoa, em Évora, Proposta Arquitetónica. pág.29.

33.

Fotografia aérea do Rossio de Évora, 1958

Fonte: Centro de Informação Geoespacial do Exército, extraída da dissertação de mestrado de RIBEIRO, R. (2018). pág.30.



33.



34.

34.

Fotografia aérea do Rossio de Évora, 1969

Fonte: Centro de Informação Geoespacial do Exército, extraída da dissertação de mestrado de RIBEIRO, R. (2018),pág.31.

35.

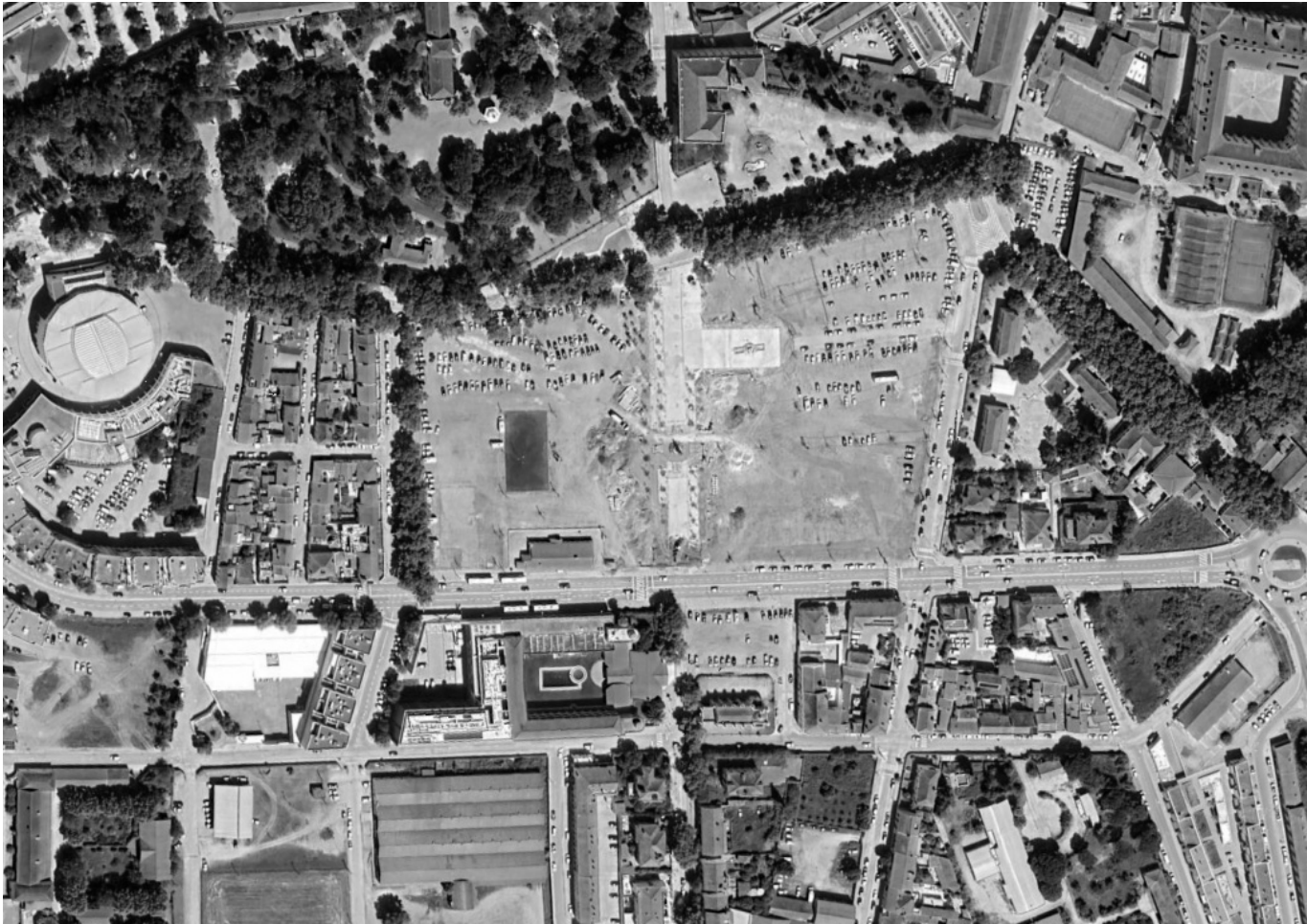
Ortofotomapa do Rossio de Évora após requalificação de acessibilidades, 2024.

Fonte: Google Earth.

36.

Fotografia Aérea, Rossio S.Brás, 2023.

Fonte: Fotografia tirada por Bernardo Menezes.



35.



36.



6.2 | PROPOSTAS DE ORDENAMENTO PARA O ROSSIO DE S.BRÁS

SHIAPPA MONTEIRO, 1921

Após elaborada uma análise sobre a Proposta de Ordenamento do Rossio de S. Brás, por Arthur Shiappa, considera-se que, o referido envolvimento inicia-se com a construção da denominada « Avenida da Estação». Avenida a que corresponde a um eixo, implementado entre a Porta do Rossio e a estação ferroviária, que assim estabeleceu a imprescindível, e mais direta, ligação da cidade como o novo meio de transporte.

Foram concretizados dois Planos de Ordenamento, ambos a nível de Anteprojeto, porém, não chegaram a ser concretizados.⁴⁸

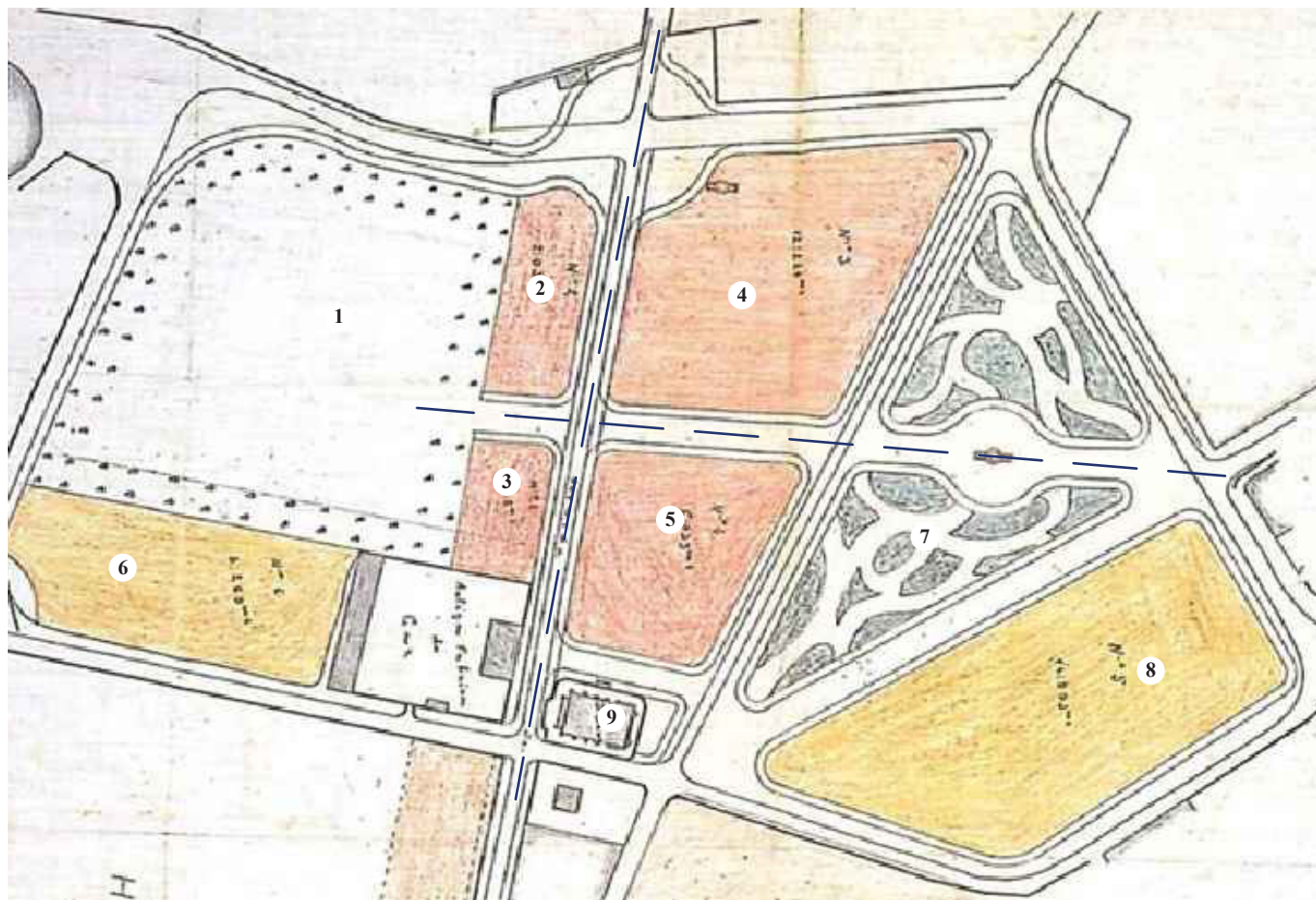
As intenções programáticas eram:

- ▶ Construção Habitacional na zona central do Rossio;
- ▶ Criação de duas Zonas Públicas (um terreiro e um jardim);
- ▶ Fortalecimento do eixo em direção à estação ferroviária (Av. Barahona);
- ▶ Relocalização da Feira para terrenos a sudoeste do Rossio;

37.

Ante Projeto de Modificação do Rossio, Eng. Shiappa Monteiro, 1921.

Fonte: Arquivo Municipl de Évora - Propostas de Ordenamento para o Rossio de São Brás.



37.

LEGENDA:

1 - ROSSIO DE S. BRÁS;
 2 - LOTE 1 - USO HABITACIONAL;
 3 - LOTE 2 - USO HABITACIONAL;
 4 - LOTE 3 - USO HABITACIONAL;
 5 - LOTE 4 - USO HABITACIONAL;

6 - LOTE 5 - USO COMERCIAL;
 7 - JARDIM ROMÂNTICO;
 8 - LOTE 6 - USO COMERCIAL;

⁴⁸ FREIRE, M. (1999). Rossios do significado urbano. Évora pág. 122-138
 Cf. SCHIAPPA, Arthur, Anteprojeto de Modificação do Rocio (escala 1:1000), Câmara Municipal de Évora, 1991.

PUE, 1945

“Um Plano de Urbanização é só um programa, e não um plano de execução, pois ele estabeleceu-se para um longo período de tempo, durante o qual as circunstâncias podem variar ou oscilar”.⁴⁹

Para a elaboração do PUE, segundo Etienne de Gröer, “(...) não podemos deixar de fazer algumas observações de ordem geral em face de especial natureza da cidade em causa, caracterizada por um indiscutível valor histórico e cultural. O problema da herança histórica no mundo moderno é, se bem que extremamente complexo, de uma perfeita atualidade em face do crescente interesse de especialistas e técnicos assim como do grande público pela arquitetura do passado, constituindo autênticos lugares de interesse, em todo o mundo. A nossa escala, Évora é um dos pontos mais notáveis do nosso País que interessa sobremaneira preservar e transmitir a um futuro (...)”⁵⁰

O Plano de Urbanização de Évora, elaborado por Etienne de Gröer, apresentado inicialmente em 1943 como Anteprojeto, foi concluído e entregue em 1945. Neste plano, o Rossio foi designado como uma área a ser preservada, mantendo-se como “(...) praça destinada às feiras (...)”. Considerava-se que a cidade extramuros não necessitava de novos espaços públicos, visto que o vasto Rossio, o campo de feira de gado (Chafariz das Bravas), e outros terrenos livres pertencentes ao município já atendiam às necessidades urbanas da época. Existia uma visão clara de que a preservação do Rossio como espaço destinado às feiras e eventos públicos marcava a natureza do lugar e a sua identidade.⁵¹

A proposta de urbanização⁵² incluía algumas intervenções específicas, como:

- ▶ Criação de uma retícula de vias que divide o Rossio em vários quarteirões, sendo que no centro, prevalecia uma Avenida, de maiores dimensões, comparada com as outras;
- ▶ Plantação de árvores ao longo do Rossio, com o objetivo de proporcionar sombra e conforto aos cidadãos;
- ▶ Desenvolvimento de um eixo viário que circundaria a cidade, localizado próximo ao seu limite sul, facilitando a circulação periférica e contribuindo para o ordenamento do tráfego urbano;

P.D.M, 1979

O Rossio deixara de ser um espaço amplo e vazio capaz de suportar múltiplas funções, para um espaço compartimentado com intenção de ser densificado com habitação, comércio e serviços. Com o Plano Diretor Municipal, concluído em 1979, classifica-se o rossio como «área afeta a equipamentos» nomeadamente na Carta de Uso e da Estrutura Verde Principal.

É, com o Plano Geral de Urbanização, definem-se as seguintes propostas:

- ▶ Manutenção do rossio como local de realização de feiras, mercados e reuniões;
- ▶ Estudo da pavimentação no sentido de garantir uma melhor drenagem e estabilização da superfície, devendo ser evitada a impermeabilização do solo;
- ▶ Estudo da instalação de edifícios para atividades de convívio e culturais;
- ▶ Construção de um parque de estacionamento para cerca de 110 viaturas;
- ▶ Transferência do estacionamento de viaturas pesadas para outros locais.

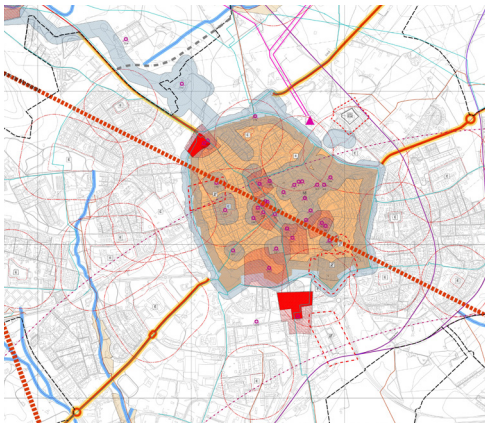
⁴⁹ Gröer, E. (1942). Ante-Projeto de Urbanização de Évora. Conferência 24 de abril 1945.

⁵⁰ Gröer, E. AGröer, E. Ante-Projeto de Urbanização da Cidade de Évora. Relatório nº39-40, bases para uma proposta de Plano de Urbanização, Câmara Municipal de Évora.

⁴⁵Freire, M. (1999). IBIDEM, pág 131.

⁵¹ O eixo viário foi executado na década de noventa, que se concretiza na fragmentação do Rossio entre duas partes.

⁵² PDM - que inclui o Plano de Usos e Planta Ecológica.



40.

40.

Planta Condicionantes ,PUE .

Fonte: (14/05/2024) <https://www.cm-evora.pt/plano-de-urbanizacao-em-vigor/>.

41.

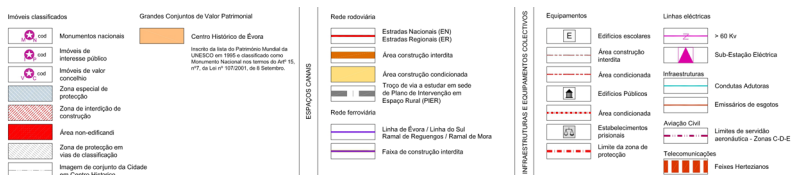
Legenda.

Fonte: (14/05/2024) <https://www.cm-evora.pt/plano-de-urbanizacao-em-vigor/>.

42.

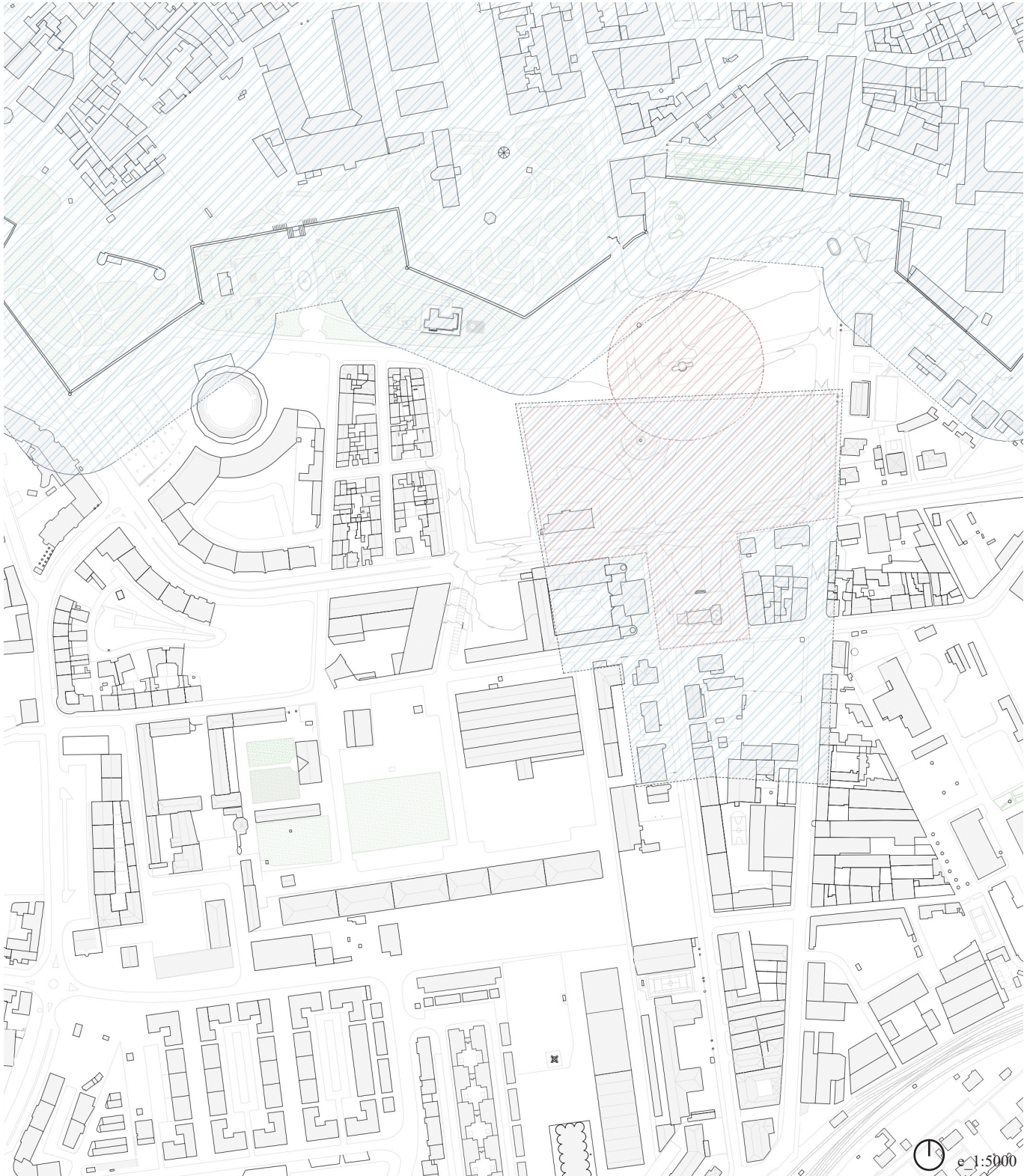
Planta de Condicionantes.

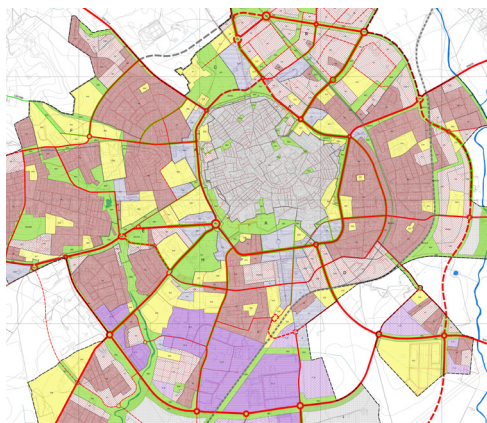
Elaborado pela autora.



41.

- Zona especial de Proteção
- Zona de Interdição de construção





43.

43.

Planta de Zonamento.

Fonte: (15/05/2024) <https://www.cm-evora.pt/plano-de-urbanizacao-em-vigor/>.

44.

Legenda.

Fonte: (15/05/2024) <https://www.cm-evora.pt/plano-de-urbanizacao-em-vigor/>.

45.

Planta de Caraterização do contexto urbano na área envolvente ao Rossio de S.Brás, Évora.

Fonte: Elaborado pela autora.

e_1:2000

Área de Intervenção

Habitação

Centro Histórico

Equipamentos

1 - Jardim Municipal de Évora

2 - Jardim infantil e recreativo Dr. Almeida

3 - Ludoteca

4 - Horta das Laranjeiras

5 - Praça de Touros

6 - Escola Profissional -EPRAL Margiochi

7 - CTT - Correios

8 - Polícia Judiciária

9 - Escola Primária do Rossio

10 - Monte Alentejano

11 - Instalação Sanitária Pública

Terciário

12 - Hotel Hilton

13 - Hotel D. Fernando

14 - Hotel Ibis

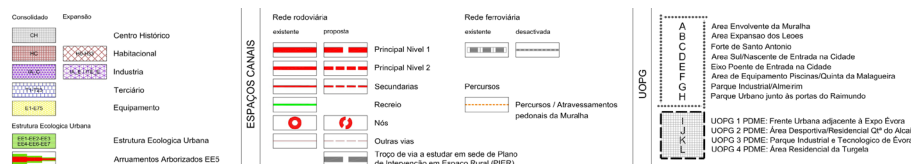
15 - Hotel Vitória Stone

Património

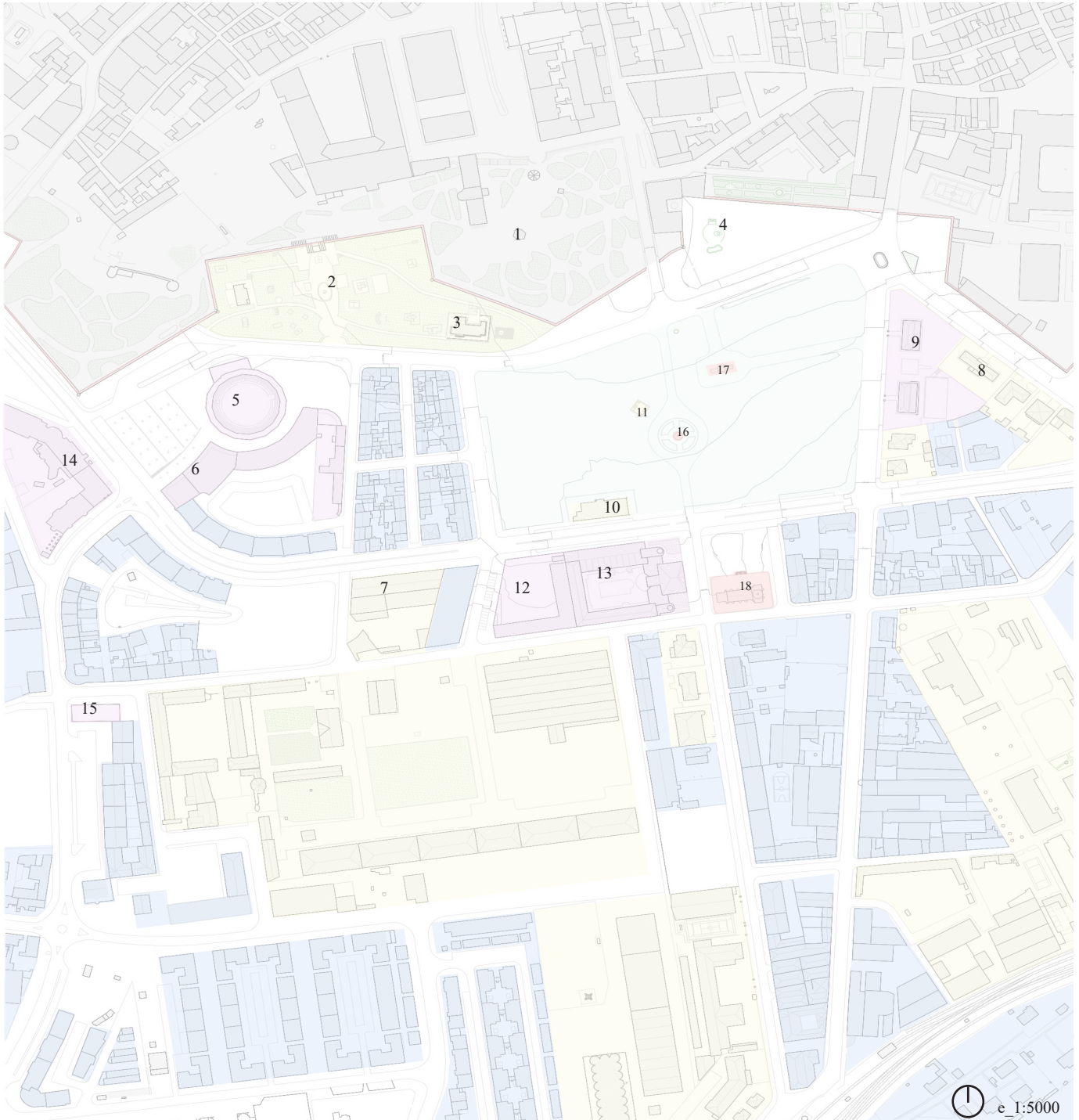
16 - Monumentos aos Combatentes da Grande Guerra

17 - Chafariz do Rossio

18 - Ermida de São Brás



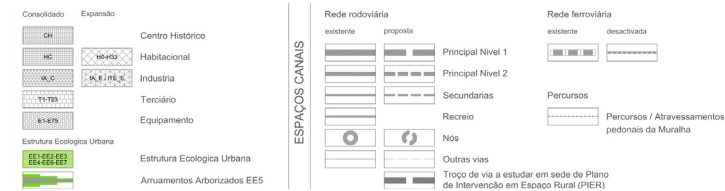
44.





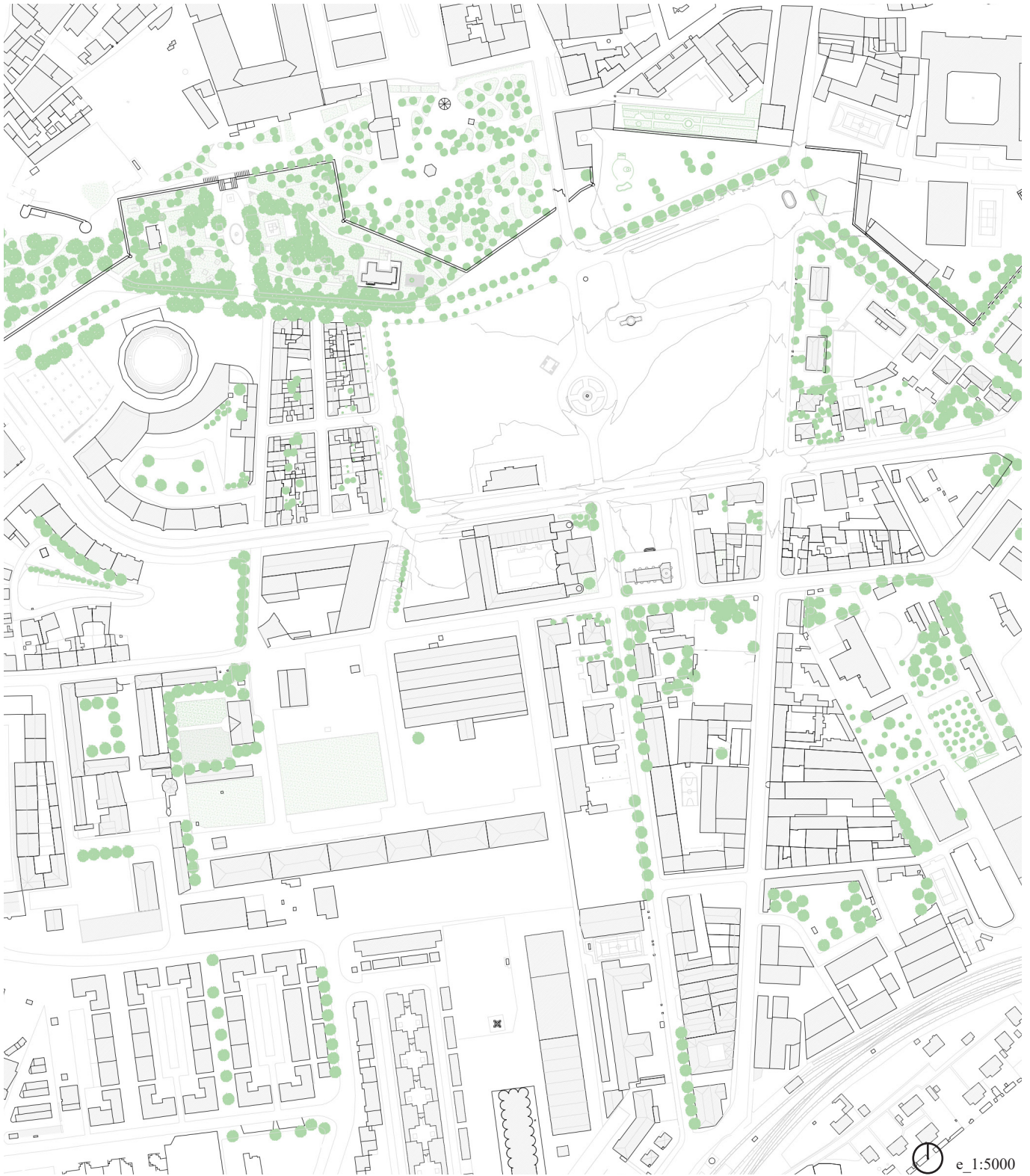
46.

46.
 Planta Estrutura Ecológica Urbana, Évora.
 Fonte: (15/05/2024) <https://www.cm-evora.pt/plano-de-urbanizacao-em-vigor/>.



47.

47.
 Planta de caracterização da situação existente
 vegetação composta maioritariamente por
 Plátanos.



ÁLVARO SIZA VIEIRA, 2000

“A utilização do Rossio como recinto de feira está comprometida. O espaço disponível já não é suficiente, para além disso, o crescimento da cidade e o desenvolvimento de novas atividades tornaram obrigatória uma profunda alteração do sistema viário, pouco compatível com o congestionamento provocado pela feira. Pretende a CME proceder a uma deslocação para terrenos situados a sul da cidade, junto à nova variante. Esta decisão permite reutilizar os terrenos do Rossio para construção de uma praça, capaz de consituir um núcleo organizativo de uma nova área urbana”.⁵³

O projeto realizado pelo Arq. Álvaro Siza Vieira, a convite da Câmara Municipal de Évora e apresentado ao nível de Anteprojeto, não chegou a ser executado. A sua elaboração teve por base o objetivo do município em transformar o local, contemplando o programa com um Centro de Congressos, peça que definiria todo o enquadramento.⁵⁴

As intenções programáticas segundo o Município eram:

- ▶ Zona de receção ao turista (e todos os serviços contemplados);
- ▶ Instalação de programas mistos (Habitação, Comércio e Serviços);
- ▶ Instalação de equipamentos como galerias de exposições municipais, alternativas ao atual Monte Alentejano, palco para espetáculos de exterior;
- ▶ Criação de parques de estacionamento subterrâneos e zonas de estacionamento à superfície para autocarros de turismo; Definição de esquema de circulação do conjunto de áreas envolventes nomeadamente a ligação do novo traçado da circular às muralhas e à Rua da República;

Como resultado desses objetivos e programa, a proposta apresentada concretiza a definição dos limites do espaço vazio, constituindo-o como uma praça e redefinindo o alinhamento das árvores envolventes ao antigo Rossio. A intervenção estende-se ao Bairro do Baluarte, propondo uma nova ocupação com edifícios de dois pisos, e à extremidade sudoeste do Rossio, com a proposta de ampliação da unidade hoteleira e a regularização do traçado viário.

A praça, de forma retangular e com grandes dimensões (200m x 70m), é envolvida quase na sua totalidade por edifícios de dois a três pisos, estabelecendo uma relação harmoniosa com a muralha e com a estrutura verde proveniente do Jardim Municipal a noroeste. Na proposta apresentada, foram relocados os monumentos existentes, (Monumentos aos mortos da Grande Guerra e o Chafariz do Rossio).

A disposição dos elementos morfológicos e arbóreos fortalece o antigo eixo, materializado pela Av. Barahona, acentuando a sua memória e evidência.

Quanto ao programa de ocupação especificados, neste, distribui-se habitação, comércio e escritórios em toda a envolvente poente e sul da praça, como remate do conjunto. Igualmente nessa direção, no local designado por ‘Pomar das Laranjeiras’ é projetado um área de serviço de receção ao turista. No subsolo, áreas de estacionamento.

⁵³ Texto citado conforme memória descritiva da proposta de ordenamento do Rossio, pelo Arq. Siza Vieira, cedido pela CME; Cf. CME, carta ao Arq. Álvaro Siza Vieira «Proposta Convite para Elaboração do estudo de reordenamento e requalificação do Rossio de S.Brás», inf. n.º 329/92.

⁵⁴ FREIRE, M.(1999). Rossios do significado urbano. Évora pág. 138.



49.

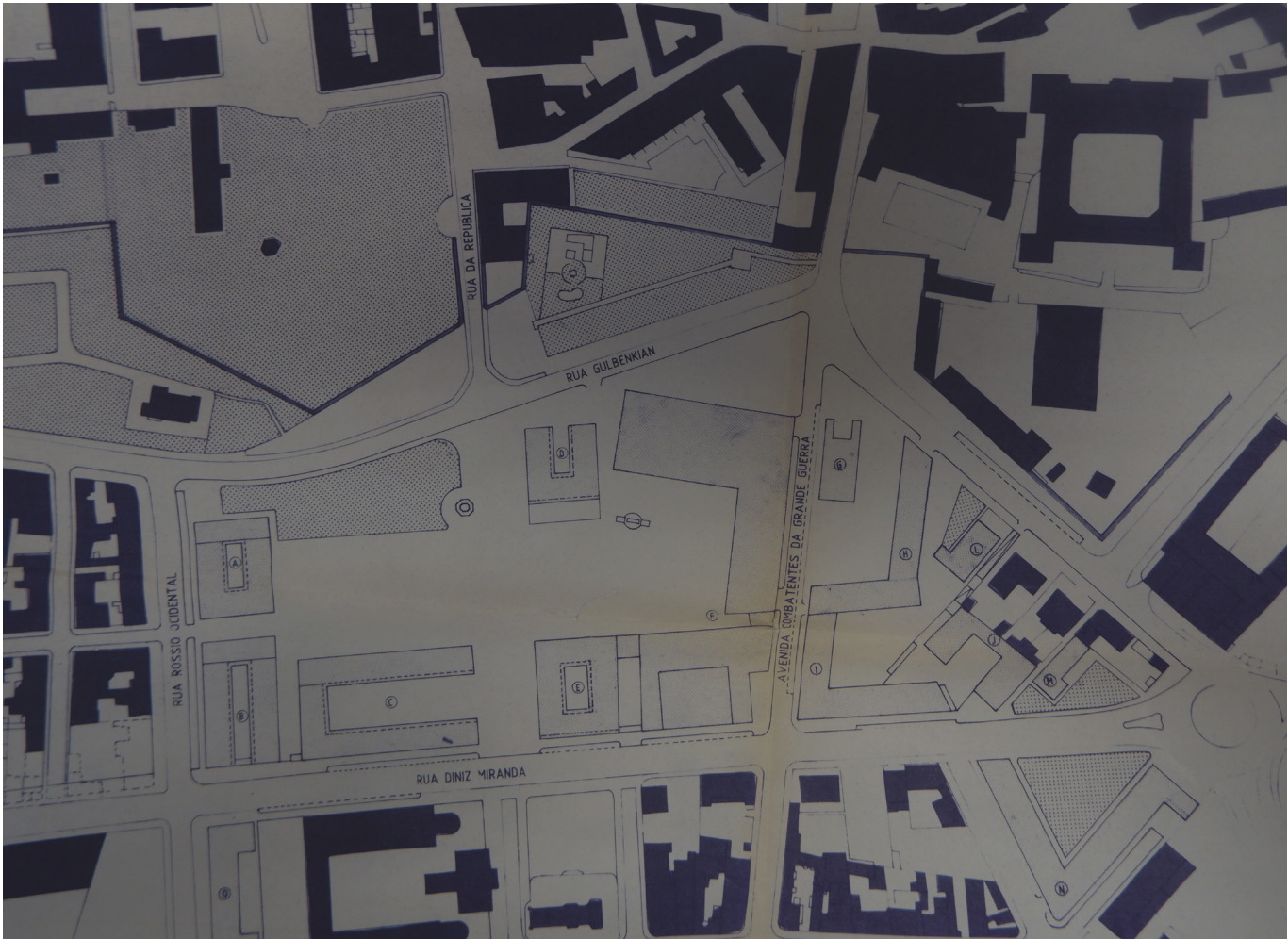
Planta de sobreposição Antes-Depois.Desenho
extraído da Proposta de Ordenamento,Siza
Vieira,1995

Fonte: Proposta de ordenamento do Rossio, pelo Arq. Siza Vieira, covidado pela CME; Cf. CME, carta ao Arq. Álvaro Siza Vieira «Proposta Convite para Elaboração do estudo de reordenamento e requalificação do Rossio de S.Brás», inf. nº 329/92.

50.

Proposta de Ordenamento do Rossio de S.Bás,
Siza Vieira, 1995.

Destaca-se desta Planta a definição dos limites do vazio urbano, deixando de ser ‘Rossio’ para passar a ‘Praça’.



50.



51.

LEGENDA:

1 - HABITAÇÃO; COMÉRCIO;
ESCRITÓRIOS;
2 - HABITAÇÃO; COMÉRCIO;
ESCRITÓRIOS;
3 - HABITAÇÃO; COMÉRCIO;
4 - TURISMO; COMÉRCIO;
ESCRITÓRIO;
5 - COMÉRCIO; ESCRITÓRIO;

6 - CENTRO DE CONGRESSOS;
7 - HABITAÇÃO;
8 - HABITAÇÃO;
9 - HABITAÇÃO;
10 - HABITAÇÃO;

11 - HABITAÇÃO;
12 - PRAÇA;
13 - ÁREA AJARDINADA;
14 - POSTO DE TURISMO
15 - AMPLIAÇÃO HOTEL D.
FERNANDO

51.

Esquema de composição do conjunto,
Siza Vieira, 1995.

Observe-se aqui, a realocização da estátua aos
Monumentos da Grande Guerra, bem como o
Chafariz do Rossio, Monumento classificado.

52.

Áreas afetas a Estacionamento, Siza Vieira,
1995.



52. LEGENDA:

- ZONAS DE ESTACIONAMENTO ENTERRADO;
- ENTRADA | SAÍDA
- BUS
- PARAGEM DE AUTOCARRO



53.

LEGENDA:

- 1 - ZONA AJARDINADA;
- 2 - DELIMITAÇÃO DO ESPAÇO ATRAVÉS DE ÁRVORES;
- 3 - DENSIFICAÇÃO DO LARANJAL;
- 4 - ZONA ARBÓREA;
- 5 - PALCO;

53.

Proposta de Vegetação; note-se aqui, que a composição da vegetação proposta reforça o eixo de relação entre o centro histórico e a estação ferroviária.

Siza Vieira, 1995.

SANTA-RITA, 2006

“Curiosamente, apesar dos fatores de desenvolvimento urbano serem hoje distintos daqueles que deram origem à afirmação do Rossio de S. Brás, esta função estratégica enquanto espaço de aglomeração de grande dimensão e informalidade mantêm-se ainda válidas. Aliás, face às dinâmicas urbanas contemporâneas, a que Évora não escapa, estes valores ganham atualidade e reforçam o papel do Rossio enquanto oportunidade estratégica de consolidação de urbanidade da Cidade de Évora em contextos mais alargados.

Esta realidade é tanto ou mais evidente quanto ela se afirma como complementar a um tecido intramuros extremamente denso, compacto e consolidado no qual a grande maioria dos espaços públicos se encontram definitivamente delimitados e onde a margem para utilizações extensivas é reduzida. Assim, é da sua dimensão e adaptabilidade que emerge a sua história, o seu caráter único, a sua especificidade intemporal e, como tal, o seu potencial urbano como elemento de articulação entre passado e futuro, entre memória e contemporaneidade, na esteira do que Évora tem sempre sabido integrar e afirmar.

De facto, existem determinados espaços que são portadores de significados que lhe são ou foram impostos por razões e acontecimentos históricos de diversas naturezas, independentemente da sua configuração física.

Porém, e casos como o Rossio de S. Brás, o seu significado decorre das suas características formais e das disposições de espírito e atitudes que estas mesmas propiciam. Se em termos remotos este espaço era apenas de transição ou de estado efêmera, pugna-se hoje para que ele se “prontifique” a receber, e porque não também, a acolher.”⁵⁵

A presente proposta de intervenção do Plano de Ordenamento para o Rossio de S.Brás, pelos Arquitetos Santa-Rita corresponde a uma evolução das soluções apresentadas no âmbito do Concurso apresentado pela a Câmara Municipal de Évora.

A proposta consitui assim um novo momento de reflexão sobre o lugar, com o objetivo de consagrar a sua vocação, recuperando o espaço outrora social (sendo atualmente um espaço desqualificado sem nenhum tipo de sociabilidade), valorizando a sua reação com a envolvente dotando-a de infra estruturas de usos que permitam a sua consolidação como local de chegada e visita, criando um lugar com vida própria, coplementando a vida que se desenrola no interior do Centro Histórico.

As intenções programáticas consistiam em:

- ▶ Áreas de estacionamento (subterrâneos e à superfície);
- ▶ Centro de acolhimento ao turista contendo espaço para divulgação da realidade da cidade;
- ▶ Redefinir os limites do Rossio, propiciando o encontro e realização de eventos de acordo com a tradição;
- ▶ Valorização dos aspetos patrimoniais (edificados e naturais);
- ▶ Reestruturação pedonal viária que permita uma maior integração do local na vida da cidade;

⁵⁵ Texto citado conforme memória descritiva da proposta do ordenamento do Rossio, pelos Arquitetos Santa-Rita; « Concurso público – Proposta para elaboração do estudo de reordenamento e requalificação do Rossio de S. Brás» Relatório n.º 6, Arquivo Municipal, CME (04/10/2023)



54.

54.

Desenhos extraídos da Proposta de Ordenamento, Santa-Rita 2006.

Fonte: Proposta do Ordenamento do Rossio, pelos Arquitetos Santa-Rita; « Concurso público – Proposta para elaboração do estudo de reordenamento e requalificação do Rossio de S. Brás» Relatório n.º 6, Arquivo Municipal, CME (04/10/2023).

55.

Esquema de Composição do conjunto.



56.

LEGENDA:

- 1 - PARQUE DR. ALMEIDA MARGIOCHI;
- 2 - ÁRVORES DE ARRUAMENTO;
- 3 - HORTA DAS LARANJEIRAS;
- 4 - ROSSIO DE S. BRÁS - ENQUADRAMENTO;
- 5 - ERMIDA DE S. BRÁS - ENQUADRAMENTO;
- 6 - MACIÇO ARBÓREO - ENQUADRAMENTO;

56.

Esquema de Vegetação.


57.

Esquema de Materias.



57.

LEGENDA:

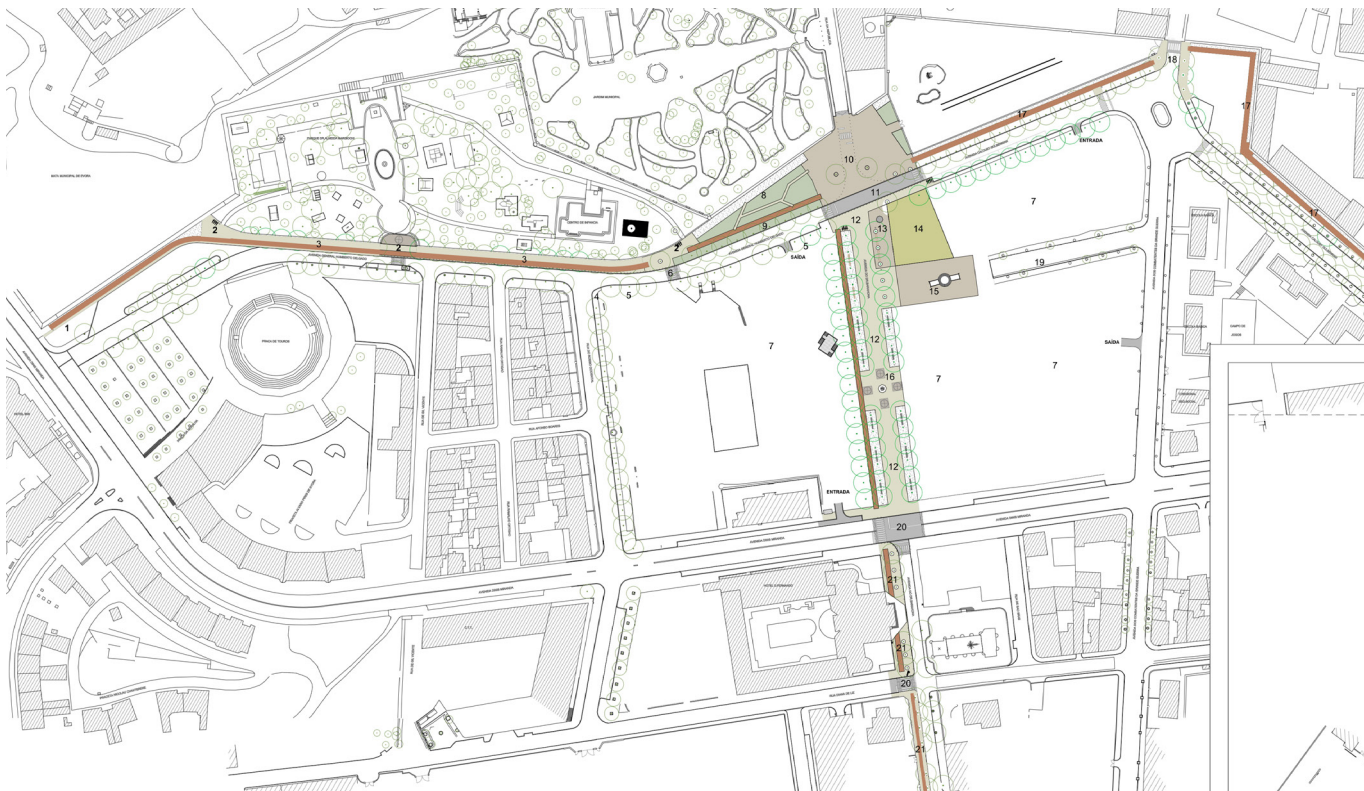
-  PERCURSO DE RECOLHA DE ÁGUAS PLUVIAIS - DELIMITAÇÃO DA ÁREA DO ROSSIO;
- 1 - CALÇADA EM CUBOS DE GRANITO;
- 2 LAJETAS DE GRANITO;
- 3 - SAIBRO;
- 4 - CUBOS DE GRANITO MIÚDO;
- 5 - MADEIRA;
- 6 - ÁGUA;

ATELIER ARPAS, 2020

O Projeto de Requalificação do Interface modal no Rossio de S. Brás (Parque de acolhimento a turistas e visitantes na periferia sul do Centro Histórico de Évora) elaborado pelo Atelier ARPAS, está atualmente em fase de execução, e tem como objetivo revitalizar a área como um parque de aconhimento a turistas. A intenção da proposta compromete-se a melhorar as acessibilidades e a experiência aos visitantes, promovendo uma cidade mais sustentável e integrada.

São referidos como objetivos estratégicos os seguintes:

- ▶ Promover o incremento da mobiliade suave (pedonal e ciclável) contribuindo para o uso de modos de transporte mais limpos e eficientes;
- ▶ Potenciar a transferência modal mediante o estabelecimento de redes de interface entre os diferentes meios de transporte, funcionais e atrativas;
- ▶ Criar um interface modal (parque de aconhimento) para receção e encaminhamento de turistas e visitantes
- ▶ Criar um percurso pedonal entre a estação ferroviária e CHE, confortável e seguro;
- ▶ Diminuir a entrada de automóveis no interior do CHE;
- ▶ Redesenhar os espaços periféricos do Rossio de S. Brás, por forma a disciplinar o estacionamento e devolver os passeios aos peões;
- ▶ Dar continuidade ao percurso pedonal envolvente da muralha;



58.

58.

Desenho extraído da Proposta de Ordenamento,
Atelier ARPAS 2020.

59.

Esquema de composição.



59.

LEGENDA:

- 1 - PRACELA DA PORTA DO ROSSIO;
- 2 - ALAMEDA CENTRAL DO ROSSIO;
- 3 - MONUMENTO AOS COMBATENTES DA GRANDE GUERRA;
- 4 - PRACETA DO CHAFARIZ - ÁREA PEDONAL;
- 5 - FAIXA PEDONAL CICLÁVEL;
- 6 - ROSSIO DE S. BRÁS - ÁREA MULTIUSOS;
- 7 - JARDIM DE RECREIO E LAZER;
- 8 - QUIOSQUE EXISTENTE E ÁREA DE ESPLANADA;

- 9 - LODÃO;
- 10 - PLÁTANO;
- 11 - ESPÉCIES DIVERSAS;
- 12 - PLÁTANO | PROPOSTO;
- 13 - FREIXO E CASUARINA;

6.3 | ANÁLISE DA SITUAÇÃO EXISTENTE DO ROSSIO DE S.BRÁS

CONDICIONANTES

O local de intervenção possui uma área de aproximadamente 36.348 m² contendo uma forma irregular, marcadamente longitudinal, que se aproxima a uma forma retangular. Encontra-se delimitado a sul pela denominada Circular ao Centro Histórico (Avenida Dinis Miranda), a norte pela Avenida General Humberto Delgado, havendo duas vias transversais a estas últimas que o delimitam a nascente (Avenida dos Combatentes da Grande Guerra) e a poente (Rua do Rossio Ocidental).

Entre os elementos patrimoniais que se apresentam no interior do espaço, contendo valor histórico, encontra-se o Chafariz do Rossio ⁵⁶, o Monumento aos Combatentes da Grande Guerra⁵⁷, e a existência de um “Tanque enterrado”⁵⁸. Na periferia norte do Rossio encontra-se a Muralha seiscentista e a sul do Rossio encontra-se a Ermida de São Brás ⁵⁹.

O espaço integra ainda duas estruturas de apoio ao Rossio, o Monte Alentejano⁶⁰ e uma instalação sanitária pública. O lado norte do Rossio é delimitado por uma vasta área verde, que integra os Jardins do Palácio Barahona (atual Horta das Laranjeiras), o Palácio de D. Manuel (atual Jardim Municipal de Évora), e a Horta dos soldados (atual Parque infantil e recreativo Dr. Almeida Margiochi). No lado oeste, sul e leste, caracteriza-se pelo tecido urbano de pequenas construções.

A intervenção proposta para o Rossio tem como objetivo valorizar os elementos arquitetónicos e patrimoniais ali presentes. O objetivo principal desta intervenção é requalificar e valorizar a área, dotando-a de maior funcionalidade e atratividade para a comunidade. Contudo, reconhece-se que o valor cultural e histórico destes elementos é inestimável, pois representam a memória coletiva da sociedade. Essa consciência impõe a preservação como premissa central do projeto, assegurando que qualquer transformação respeite e integre o património existente, harmonizando o passado com as exigências contemporâneas.

60.

Chafariz do Rossio.

61.

Esquema de Caraterização dos Elementos patrimoniais e arquitetónicos, elaborado pela autora.

Nota: As imagens encontram-se na página seguinte.

⁵⁶ Chafariz do Rossio - Corresponde a uma fonte seiscentista agregada a um tanque localizado no Rossio, diretamente relacionada ao conjunto arquitetónico do Aqueduto da Água de Prata iniciado em 1532. Monumento de interesse público desde 2011, dispõe de uma zona de proteção;

⁵⁷ Monumento dos Combatentes da Grande Guerra – Inaugurado a 4 de junho de 1933, pelo General António Óscar Fragoso Carmona, então Presidente da República. O autor do projeto é o escultor João Silva, mas a obra foi executada pelo canteiro eborense Manuel Vultos. Com dois metros e quarente centímetros de altura, a figura está sobrepujada num pedestal de granito regional;

⁵⁸ Segundo ESPANCA (1948), terá existido no Rossio de S. Brás um tanque que é referido no Tombo Municipal de 1651: “... o tanque grande que está meyo do Rocio que serve de lavarem as lavadeiras ...”. Com base na documentação escrita, havia conhecimento que a curta distância, para nascente da fonte, teria existido um vasto taque que era alimentado pela água remanescente da fonte. Este tanque teria sido desativado e aterrado, ou destruído nos finais do século XI, havendo, contudo, memória gráfica desta estrutura;

⁵⁹ Ermida de S. Brás – Este monumento terá sido o primeiro edifício de estilo gótico-mudéjar construído na província do Alentejo (ESPANCA, 1989). A Ermida de S. Brás já estaria aberta ao culto em 1490. Em 1904 foi recuperada tendo sido terminada em 1906. Por decreto de 16 de novembro de 1910 a Ermida de S. Brás é classificada Monumento Nacional tendo sido definida na sua envolvente, por despacho governamental de 20 de outubro de 1952, uma zona de proteção;

⁶⁰ Monte Alentejano – Construído como estrutura provisória para a feira de S. João em 1970, sofrendo uma ampliação na década de 80;

Entre os elementos patrimoniais a preservar, destaca-se um tanque, de grandes dimensões, identificado numa escavação arqueológica em 2001, a pedido da Câmara Municipal de Évora. Este, outrora para reter as águas provenientes do Circuito de abastecimento de água pelo Aqueduto da Água de Prata, será evocado na proposta de requalificação como um elemento de memória histórica.



60.



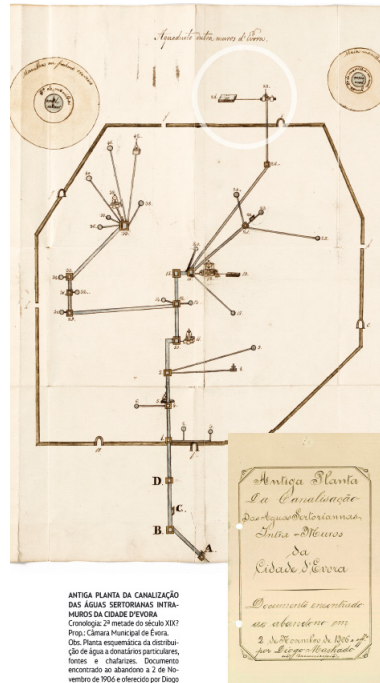
61.



6.2. Tanque

Ocupando uma área de 627 metros quadrados, este impressionante tanque apresenta uma fábrica robusta e, a serem aceites as nossas anteriores interpretações, um revestimento pétreo esmerado. Não se trata, como à primeira vista se poderia supor, de uma obra menor. A sua vasta dimensão, a robustez construtiva, e a presença de elementos decorativos fariam deste tanque uma peça de valor arquitectónico e simbólico a par da fonte que o abastecia. A darmos crédito à informação bibliográfica, a aplicação do leão romano de mármore no interior de um segundo recinto conferiria, igualmente, maior monumentalidade a todo este espelho de água. Não se tratava, contudo, de uma obra, unicamente, simbólica. Sabemos que se destinava a lavadouro público. Mas, para esse fim, não seria necessário, nem o elevado grau de robustez, nem as amplas dimensões e muito menos os elementos decorativos que apresentava. Era assim uma obra funcional, mas digna de uma cidade residência de reis e princesas. Era, a par da fonte, mais uma obra que ficaria na memória de quem em direcção ao sul partisse. A irregular modelação natural do terreno do Rossio obrigou a que os construtores do tanque tivessem que invadir o substrato geológico para criar o desnível necessário para que da boca do leão salsse água com algum efeito cénico.

Ainda que, actualmente bastante despojado de elementos decorativos, a evidência desta gigantesca estrutura, enquanto se manteve visível, captou a atenção e foi matéria de reflexão dos muitos utentes do Rossio. Por várias vezes, fomos interrogados quanto ao fim dos nossos trabalhos, e perante a resposta que, para já, seria de novo coberto, o desagrado face esta opção foi, múltiplas vezes, manifestado.



63.

62.

Reflexão final sobre os trabalhos arqueológicos desenvolvidos no Rossio de S.Brás extraído do artigo de Oliveira, Jorge de. (2019), cujo o excerto se encontra à esquerda da presente página.

63.

Antiga Planta da Canalização das águas sertorianas intra-muros da cidade d'evora; extraído do artigo de Oliveira, Jorge de. (2019).

64.

Materialidade e Relação do Tanque do Rossio com o Chafariz do Rossio.

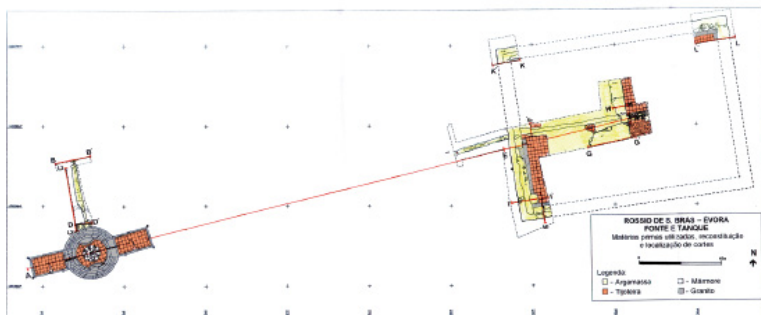
Fonte: Oliveira, Jorge de. (2019).

65.

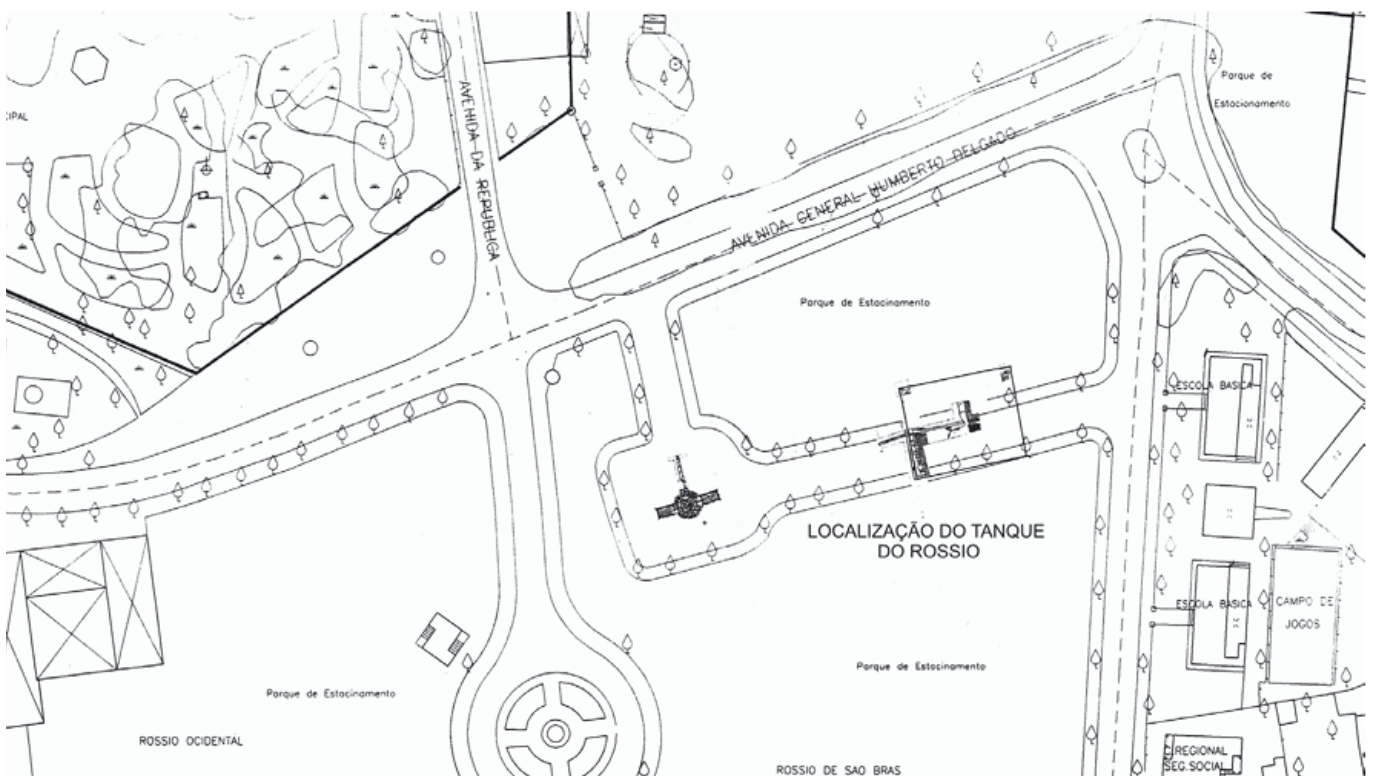
Implantação do Tanque do Rossio.

Fonte: Oliveira, Jorge de. "Relatório-Trabalhos arqueológicos na Fonte e Tanque do Rossio de Évora, in O Aqueduto da Água de Prata e o Património Hidráulico de Évora." (2019).

62.



64.



65.

SISTEMA DE CIRCULAÇÃO

O sistema rodoviário de Évora é organizado de forma hierárquica e funcional em três subsistemas, conforme definido no primeiro Plano de Urbanização. Esses subsistemas são responsáveis por garantir a integração e organização do sistema viário da cidade, normas estas do sistema morfológico evolutivo.

- ▶ Vias Primárias: Incluem as principais infraestruturas rodoviárias, como a rede rodoviária nacional e as estradas municipais que conectam os principais aglomerados urbanos, tanto dentro do concelho quanto na cidade de Évora.
- ▶ Vias Principais: Compostas pelos eixos urbanos estruturantes, que são fundamentais para a organização do tráfego dentro da cidade, facilitando a movimentação entre diferentes áreas urbanas.
- ▶ Vias Secundárias: Compreendem outros eixos urbanos e caminhos municipais, sejam eles já classificados ou a classificar, que completam a malha viária, garantindo acesso e mobilidade às áreas menos centrais.

66.






Plano de pormenor do Rossio de S.Brás | Rede de acessibilidades.

Fonte: Retirado da Proposta de Requalificação do atelier Santa-Rita, Arquivo Municipal da CME.






66.

LEGENDA:

-  ZONA DE INTERVENÇÃO;
-  CENTRO HISTÓRICO;
-  EMPREENDIMENTOS HOTELEIROS;
-  EMPREENDIMENTOS COLETIVOS;
-  ÁREAS VERDES URBANAS;

REDE DE ACESSIBILIDADES:

-  VIAS PRIMÁRIAS;
-  VIAS PRINCIPAIS;
-  VIAS SECUNDÁRIAS;

O município de Évora possui uma rede viária radial que converge na Circular ao Centro Histórico, sendo o troço a norte do Rossio denominado Avenida Humberto Delgado. Esta circular distribui o tráfego automóvel para o Centro Histórico, ligando à Praça do Giraldo, que foi o primeiro espaço público de trocas comerciais e culturais na era medieval, e serve os veículos que utilizam o Rossio como estacionamento público.

Com a construção da Circular Externa, a Avenida Humberto Delgado perdeu importância como eixo coletor do tráfego intermunicipal, concentrando-se agora no tráfego local, sendo o principal acesso ao centro, feito pela entrada na zona do Rossio de São Brás.

A Rua da República, que liga o Rossio ao centro da cidade, possui dois sentidos de circulação, sendo que o sentido sul-norte é o mais relevante.

A Rua da Rampa, apesar de permitir entrada e saída das muralhas, é pouco significativa devido à falta de ligações internas, e à sinalização indicando que é uma via sem saída no sentido de entrada.

A Avenida Gulbenkian, ao norte da Avenida Dinis Miranda, entre a “Estrada de Reguengos” e a Avenida General Humberto Delgado, tem um único sentido de circulação (sul-norte), facilitando a entrada no centro histórico pela Rua da República e o acesso ao estacionamento do Rossio.

A Avenida Dinis Miranda tem duas vias de circulação por sentido, separadas por um canteiro central estreito, insuficiente para plantação de árvores ou para proporcionar conforto aos peões. A Avenida dos Combatentes da Grande Guerra possui estacionamento longitudinal em ambos os lados na zona do Rossio, com a interseção com a Avenida Dinis Miranda regulada por semáforos.

A Rua do Rossio Ocidental / Travessa João Rosa, com sentido norte-sul, também apresenta estacionamento longitudinal em ambos os lados na extremidade norte do Rossio, enquanto na extremidade sul o estacionamento é apenas no lado poente. A aproximação à interseção com a Avenida Dinis Miranda é regulada por semáforos.

Na Avenida General Humberto Delgado, o troço do Rossio tem apenas um sentido de circulação, com duas vias disponíveis para o tráfego e estacionamento no lado norte sobre o passeio e, no lado sul, dentro do Rossio de S. Brás.

P5.

Esquema de Caracterização do sistema de circulação automóvel e pedonal, elaborado pela autora. (Pág.127 - 128)

É importante destacar que as passagens de peões nas interseções, sejam semaforizadas ou não, estão frequentemente deslocadas do alinhamento dos passeios, aumentando a distância a percorrer. Além disso, algumas passadeiras são de difícil acesso devido à presença de postes, árvores e veículos estacionados. No Rossio, a situação é agravada pela apropriação desorganizada do espaço, onde o estacionamento de veículos interfere no fluxo pedonal pedestre. Historicamente, já se formavam ‘caminhos de pé posto’, ou atalhos informais, para atravessar o espaço de maneira mais eficiente.

De facto, o estacionamento desorganizado no Rossio, é um problema contemporâneo e não está diretamente relacionado com o atravessamento do rossio. Estes ‘caminhos de pé posto’ informais eram criados porque as pessoas, ao longo do tempo, naturalmente buscavam as rotas mais eficientes para atravessar espaços urbanos, ignorando as vias estabelecidas quando estas não eram práticas. Por outro lado, o estacionamento desorganizado é uma questão moderna que resulta da falta de regulação adequada e do aumento do número de veículos, afetando negativamente a mobilidade pedonal.

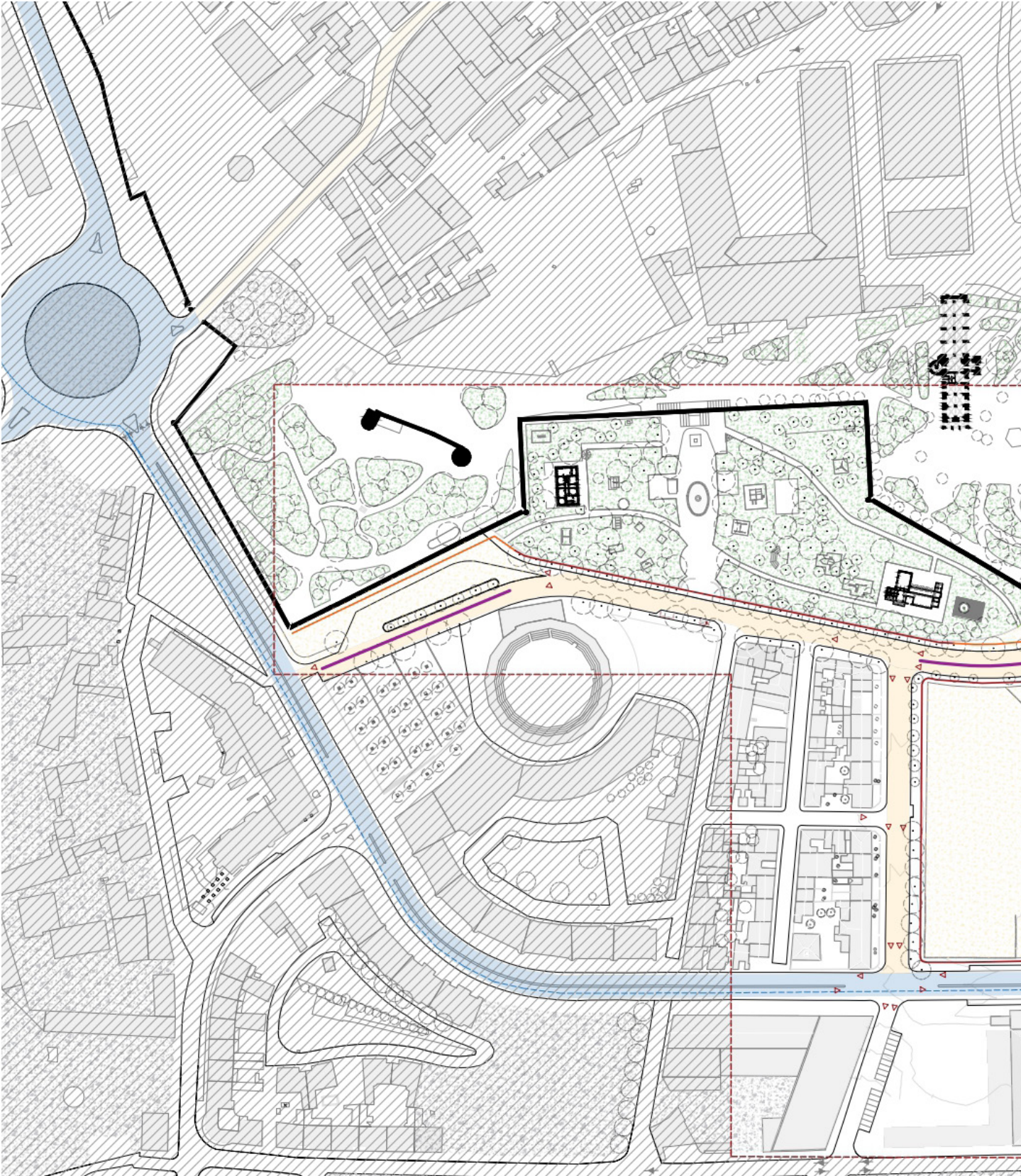
Excluindo a via principal (Av. Dinis Miranda), as vias secundárias envolvidas ao Rossio, são todas de sentido único contínuo, o que leva a congestionamentos excessivos diários e dificulta o acesso ao centro histórico. As vias que delimitam o Rossio têm as seguintes direções:

- ▶ Avenida dos Combatentes da Grande Guerra: Sentido sul-norte.
- ▶ Avenida General Humberto Delgado: Sentido nascente-poente.
- ▶ Rua do Rossio Ocidental: Sentido norte-sul.

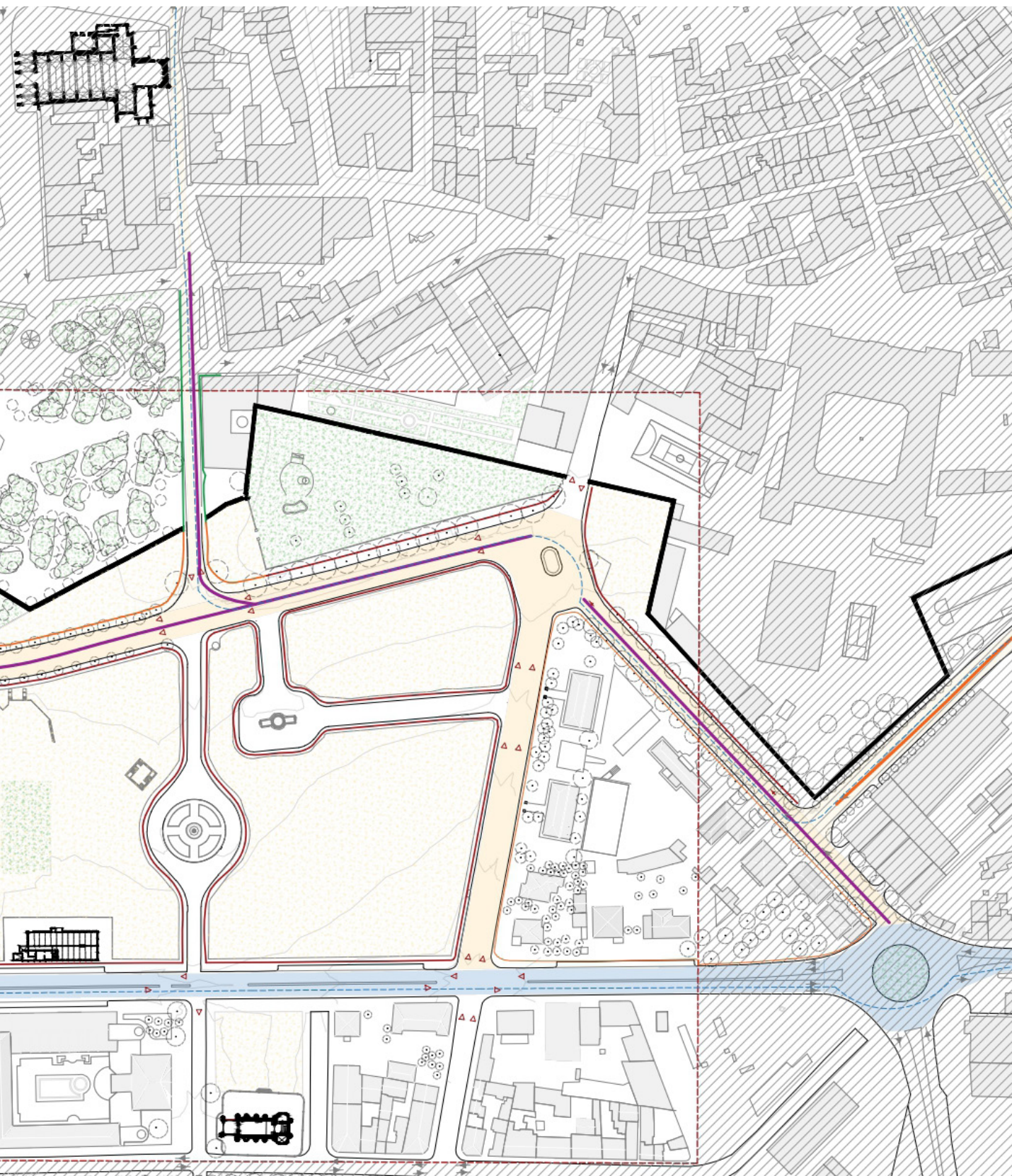
Numa análise mais detalhada à situação existente na envolvente do Rossio de S. Brás, excluindo a Circular ao Centro Histórico (Avenida Dinis Miranda), caracteriza-se por ter apenas um sentido de circulação contínuo nas vias que o delimitam, com as seguintes direções:

- ▶ Avenida dos Combatentes da Grande Guerra: Sentido sul-norte.
- ▶ Avenida General Humberto Delgado: Sentido nascente-poente.
- ▶ Rua do Rossio Ocidental: Sentido norte-sul.⁶¹

⁶¹Fonte: Proposta do Ordenamento do Rossio, pelos Arquitetos Santa-Rita; « Concurso público – Proposta para elaboração do estudo de reordenamento e requalificação do Rossio de S. Brás» Relatório n.º 6, Arquivo Municipal, CME (04/10/2023).



- P5. LEGENDA:
- ▷ SENTIDO DE CIRCULAÇÃO AUTOMÓVEL;
 - PARAGEM DE AUTOCARRO EXISTENTES;
 - SERVIÇO DA LINHA AZUL DOS TRANSPORTES PÚBLICOS EXISTENTE;
 - VIAS PRINCIPAIS;
 - VIAS SECUNDÁRIAS;
 - ÁREAS DE MAIOR CONGESTIONAMENTO;



⌚ e_1:5000



67.Rua da Rampa.



68.Rua da República.



69.Passeio; Avenida General Humberto Delgado.



70.Estrada; Avenida General Humberto Delgado.



71.Passeio; Avenida Fundação Calouste Gulbenkian.



72.Nó viário; Topo nascente do Rossio.



73.Avenida Combatentes da Grande Guerra; sentido sul-norte.



74.Avenida Combatentes da Grande Guerra; sentido norte-sul.



75.Avenida Dinis Miranda; sentido este-oeste.



76.Avenida Dinis Miranda; sentido oeste-este.



77.Rua do Rossio Ocidental; sentido norte-sul.



78.Relação do Rossio com a Rua do Rossio Ocidental.

67. - 78.
Fotos tiradas pela autora em diferentes momentos
do dia e em diferentes dias.

ESPAÇOS VAZIOS

PARQUE DR. ALMEIDA MARGIOCHI

Este é um espaço público, composto essencialmente por grandes áreas de relvados e árvores em estado adulto. O espaço está equipado por elementos de recreio infantil, espaços didáticos e mobiliário urbano (nomeadamente zonas de estadia), para além de uma esplanada associada a um quiosque.

O parque tem um carácter amplo que resulta sobretudo do seu desenho simples e da sua composição vegetal. A muralha que o separa do Jardim Público, bem como o muro que o separa da rua, permitem definir claramente o seu limite, criando uma sensação de conforto e privacidade. Este bem-estar é reforçado pelo seu bom estado de conservação e manutenção cuidada.

HORTA DAS LARANEIRAS

Esta é uma área, que por ter um acesso condicionado, tem os limites definidos por barreiras físicas (gradeamento). No entanto, esse limite, por ser permeável visualmente, mantém uma ligação com a restante área de intervenção permitindo o carácter de recinto fechado que caracteriza esse espaço. Importa, no entanto, referir que o seu estado de conservação é mau, nomeadamente no que se refere ao pomar e pavimento, composto por terra batida irregular, tornando a circulação desconfortável.

ESPAÇO DE FEIRA E MERCADO

Esta área corresponde ao terreiro do rossio propriamente dito. É uma zona que atualmente se encontra desvalorizada, tendo um uso predominantemente de estacionamento, tirando os dias de feira (periódica ou dias festivos). Esta abandono pelo terreiro tornou o espaço degradado, facto que se reflete sobretudo no pavimento deteriorado e no mau estado de conservação de algumas árvores e dos elementos patrimoniais construídos.

P5.
Esquema de Caraterização dos espaços livres
na zona envolvente do Rossio, Elaborado pela
autora.

Neste espaço impera a confusão de elementos espalhados pelo terreiro, tal como, as edificações do Monte Alentejano e das casas de banho públicas, assim como de restos de fundações em betão e alvenaria deixadas ao abandono. É um espaço bastante desordenado e confuso.

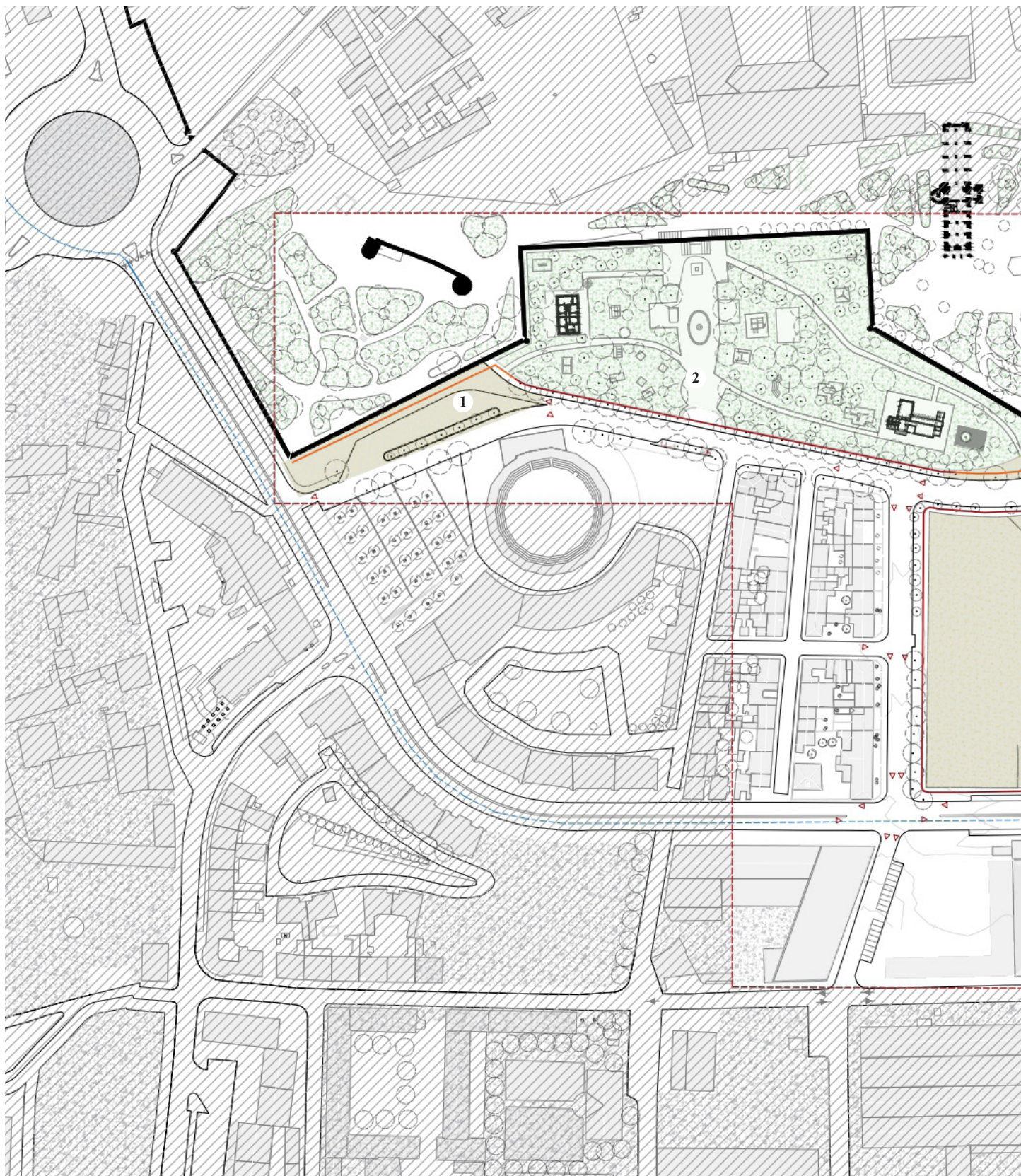
ESPAÇO ADJACENTE À ERMIDA

Área expectante que revela um carácter degradado. Atualmente é usada como estacionamento informal / desordenado contribuindo para a perda de nobreza de toda a área de intervenção e, em particular, para a leitura da Ermida de S. Brás.

ESPAÇOS LIVRES, PRÓXIMOS DA MURALHA

Estes espaços constituem uma franja contínua à muralha fazendo a transição entre a cidade intramuros e a cidade extramuros. Tendo um carácter de passeio, estas “bolsas” são por vezes utilizadas como áreas de feira e exposições, deixando perceber a sua relação funcional com o terreiro. O seu pavimento alternado entre a calçada e terra batida, em mau estado de conservação, facto que resulta, por um lado, da falta de manutenção e, por outro, do estado de desenvolvimento das raízes das árvores.

Conclui-se que, com execução do Parque Dr. Almeida Margiochi, todo o resto do espaço na envolvente do Rossio, apresenta graves falhas no que diz respeito ao conforto urbano. Efetivamente, a carência de elementos de tratamento e equipamento do espaço dá assim origem à sua não utilização ou ao estado de degradação em que encontra. Esta falha é marcada, por um lado, pela falta de mobiliário urbano como: bancos, papeleiras, bebedouros, abrigos de autocarros, boas instalações sanitárias etc. Um outro elemento muito importante para o conforto e segurança do espaço é a iluminação que, no caso presente, se apresenta mal projetada, apenas existindo iluminação nas vias rodoviárias o que implica a manutenção de grandes espaços pouco iluminados, provocando assim desconforto e insegurança ao utilizador.

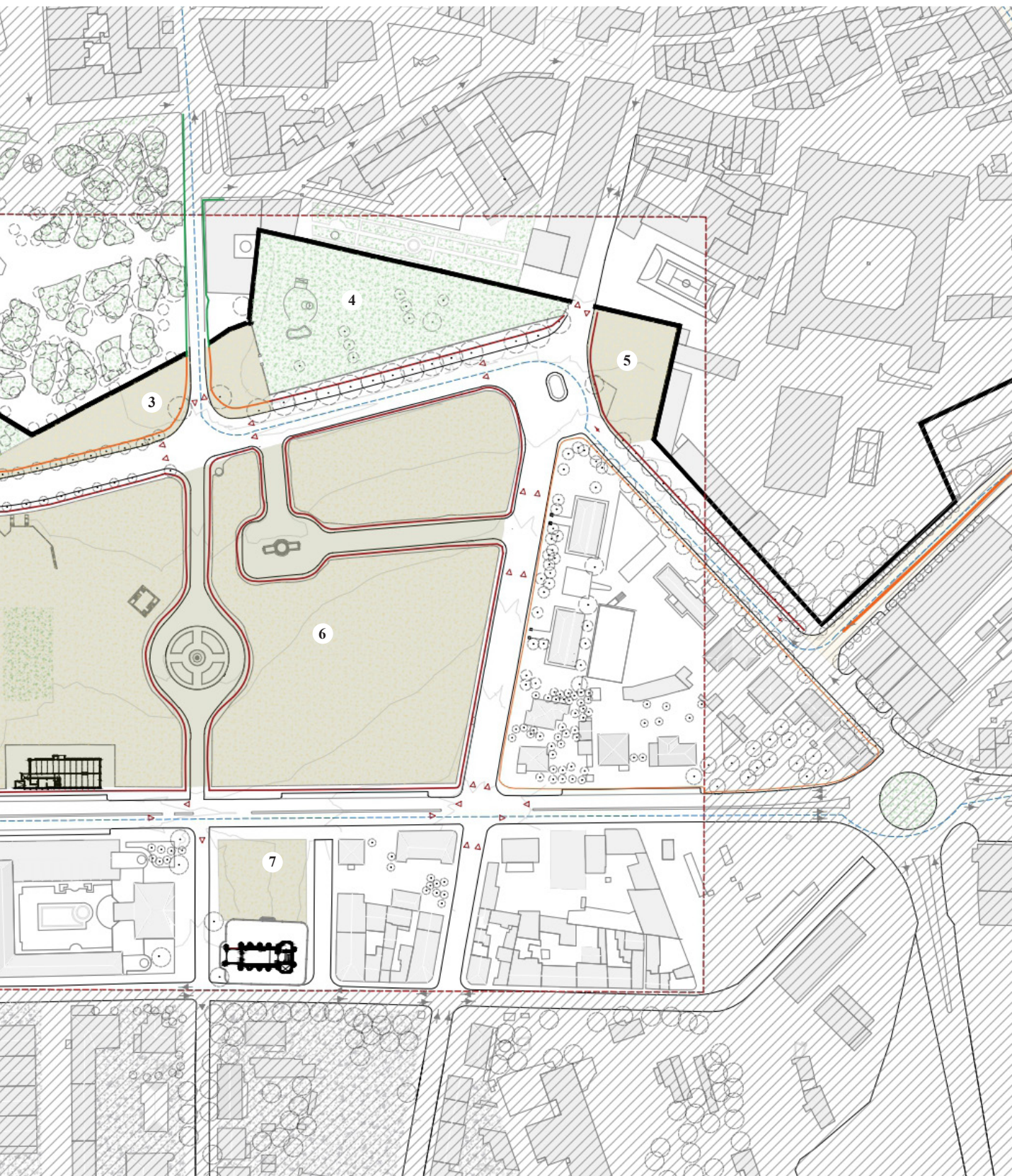


LEGENDA:

P6.

- 1 -ESPAÇO LIVRE DESQUALIFICADO;
- 2 -PARQUE INFANTIL DR. ALMEIDA MARGIOCHI;
- 3 -ESPAÇO LIVRE DESQUALIFICADO;

- 4 -HORTA DAS LARANJEIRAS;
- 5 - ESPAÇO LIVRE DESQUALIFICADO;
- 6 -ESPAÇO LIVRE DESQUALIFICADO - ROSSIO;
- 7 -ESPAÇO LIVRE DESQUALIFICADO - ERMIDA DE S.BRÁS;



⌚ e_1:5000



79. Interior do Parque Infantil Dr. Almeida Margiochi;



80. Interior do Parque Infantil Dr. Almeida Margiochi; relação com o Rossio.



81. Entrada para a Horta das Laranjeiras.



82. Interior da Horta das Laranjeiras.



83. Rossio; Topo norte-nascente.



84. Rossio; Topo sul-nascente.



85. Rossio; Topo sul-poente.



86. Rossio; Topo norte-poente.



87.Espaço adjacente à Ermida de S.Brás.



88.Espaço adjacente à Ermida de S.Brás.



89.Espaço livre adjacente da muralha, com o Quartel atrás.



90.Espaço livre adjacente da muralha.

79. - 90.

Fotos tiradas pela autora em diferentes momentos do dia e em diferentes dias.

07 | ROSSIO DE S. BRÁS | ENSAIO DE REQUALIFICAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Neste capítulo será formalizado um ensaio de uma proposta, para uma intervenção e requalificação de um lugar, como espaço vazio urbano central.

O conhecimento do local foi efetuado por um conjunto importante de registos escritos, desenhados e fotografados no arquivo municipal de Évora, o que permitiu consolidar a análise do local e da envolvente. Realizaram-se várias visitas em diferentes momentos do dia e da semana, de modo a estudar as vivências e ambiências, constatando condicionantes e potencialidades. Ainda sobre a pesquisa feita nos arquivos municipais da CME, numa tentativa de compreender a razão pela qual o espaço ainda não foi requalificado, formalizou-se um capítulo com todas as propostas de Ordenamento para o Rossio de S. Brás. Entenda-se que, com esta análise, não se pretende refletir sobre as propostas, mas sim, criar apresentar uma linha temporal das várias propostas de Ordenamento feitas para o local. Se anteriormente nos focamos em analisar as características espaciais e funcionais do Rossio – bem como o papel que desempenhou como elemento estruturador do tecido urbano a sul da cidade histórica - procedemos doravante à identificação dos princípios que possam garantir a sustentabilidade deste espaço na cidade contemporânea.

Nos capítulos anteriores foram expostos alguns temas pertinentes para o desenvolvimento da questão da funcionalidade de um espaço público e os critérios essenciais que este, deve oferecer. Concluiu-se que a presença de espaços públicos é de primeira importância na estruturação física e social da cidade e que as suas funções primordiais devem ser enfatizadas, tais como promover o encontro; a convivência; a diversidade; a expressão e apropriações individuais e coletivas.

A abordagem à dicotomia entre forma e função como definidores do desenho de arquitetura confirma o predomínio da forma como estratégia inicial, já que se definiu a sua permanência como caminho para a funcionalidade.

Assim, a forma é definidora dos princípios gerais da intervenção, assegurando aspetos primordiais para a permanência, como a memória do lugar, o significado e a qualidade. Já a função, por ser considerada temporária, expressada numa matriz secundária, flexível à mudança e adaptável às necessidades contemporâneas dos utilizadores, não pode ser demarcada com barreiras físicas, quando não existem limites funcionais. A presença e valorização do Rossio pode constituir ainda um importante elemento de caracterização da imagem histórica da cidade, pela proximidade com as muralhas, e as suas envolvidências livres adjacentes. Conclui-se, portanto, que este espaço não deve ser edificado, deve ser considerado como um vazio urbano livre, conforme previsto na carta de usos do solo, classificando este como *non edificandi*.

Atualmente, o Rossio encontra-se descaracterizado no que diz respeito à sociabilidade e vivência do espaço, bem como na sua permeabilidade e valorização do património urbano (a noção de património urbano deixa explícita a importância do espaço aberto no processo de conservação urbana), tornando-o num lugar marginalizado usado diariamente como estacionamento automóvel, semanalmente como espaço de mercado e anualmente como espaço de feira. Conclui-se, portanto, que, um espaço como o Rossio, através dos seus limites definidores da sua forma e por se considerar que se deve manter a sua imagem, irreversivelmente perdida ao longo do tempo, esta, deve ser recuperada e restituída.

Como mencionado no início desta investigação, o Património tem função de recordar o passado e a história, só assim, se relaciona com a memória e identidade. Feita uma análise à história do lugar, considera-se pertinente a valorização desse mesmo património, e também da arqueologia do lugar, nomeadamente o tanque enterrado a nascente do rossio, pela sua relação com a história do Aqeduto e por este ser uma continuação do Chafariz do Rossio.

⁴⁵ Da pesquisa nos arquivos da CME, salienta-se a consulta do Plano de Urbanização de Évora (PUE) em vigor, designadamente das plantas de zonamento, condicionantes, património extramuros e estrutura ecológica urbana, para uma melhor compreensão do espaço e das regras a que deve obedecer, a ocupação, uso e transformação do solo da cidade de Évora.



91.

91.
 Estudo Prévio para Requalificação do Rossio de
 S.Brás | Render | implantação
 Fonte: Elaborado pela autora.
92.
 Estudo Prévio para Requalificação do Rossio de
 S.Brás | Render
 Fonte: Elaborado pela autora.
93.
 Estudo Prévio para Requalificação do Rossio de
 S.Brás | Render
 Fonte: Elaborado pela autora.
94.
 Estudo Prévio para Requalificação do Rossio de
 S.Brás | Render
 Fonte: Elaborado pela autora.
95.
 Estudo Prévio para Requalificação do Rossio de
 S.Brás | Render
 Fonte: Elaborado pela autora.

Assim, dadas as características que apresenta e significado de que é portador, o Rossio surge-nos como um espaço potencial na reprodução da história da cidade, das sociedades e povos que dela viveram, e ainda, uma presença essencial para a leitura clara da evolução dos espaços urbanos. Na sequência da aplicação dos critérios essenciais para um espaço público de qualidade, em que não só se pretende a preservação e valorização do edificado patrimonial, mas também o lugar em si enquanto espaço aberto amplo e livre, é necessário implementar princípios funcionais e espaciais que irão melhorar a vivência deste espaço, nomeadamente:

- Modernização das infraestruturas urbanas envolventes ao rossio;

Reformulação do trajeto da linha de transportes públicos e desenho de uma nova área de paragem para autocarros;

Desativação do trecho viário, no limite a noroeste do Rossio compreendido na Av. General Humberto Delgado, podendo ser ativada em ocasiões excepcionais;

Reformulação do sentido de circulação automóvel e passadeiras existentes;

Implantação de uma zona para estacionamento de veículos longos destinados a turismo, no limite poente do Rossio, adjacente à Muralha e à Praça de Touros;

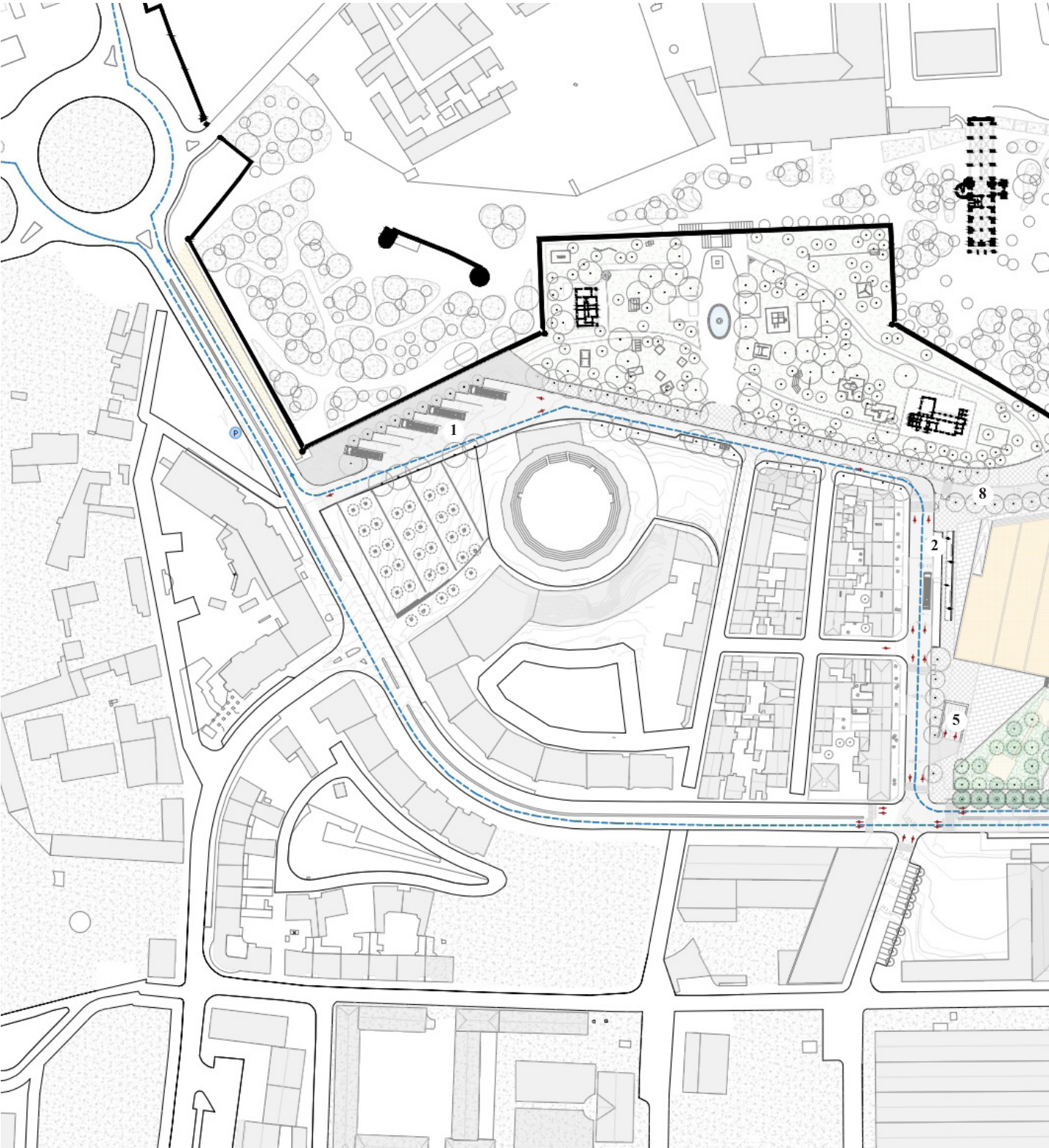
Criação de um estacionamento subterrâneo na área do Rossio;

- Melhoria do ambiente urbano, promovendo a criação de espaços verdes e de sombreamento;
- Melhoria das acessibilidades e mobilidade, através da permeabilização do solo;
- Melhoria da qualidade visual da paisagem urbana;
- Implementação de mobiliário urbano;

Relativamente aos espaços adjacentes a norte do Rossio, por se considerarem estas como “bolsas descaracterizadas”, propõe-se uma manutenção das mesmas, com melhoramento do coberto vegetal, bem como enaltecer um percurso funcional, em pavimento confortável, para que possa cumprir as funções a que já é usado.

Desta forma, considera-se que o Rossio de S. Brás, deve ser objeto de preservação e requalificação urbana como espaço público livre, promovendo-o para receber e sugerir atividades variadas, ao mesmo tempo que valoriza e preserva o património contido no espaço e na sua envolvente mais próxima.

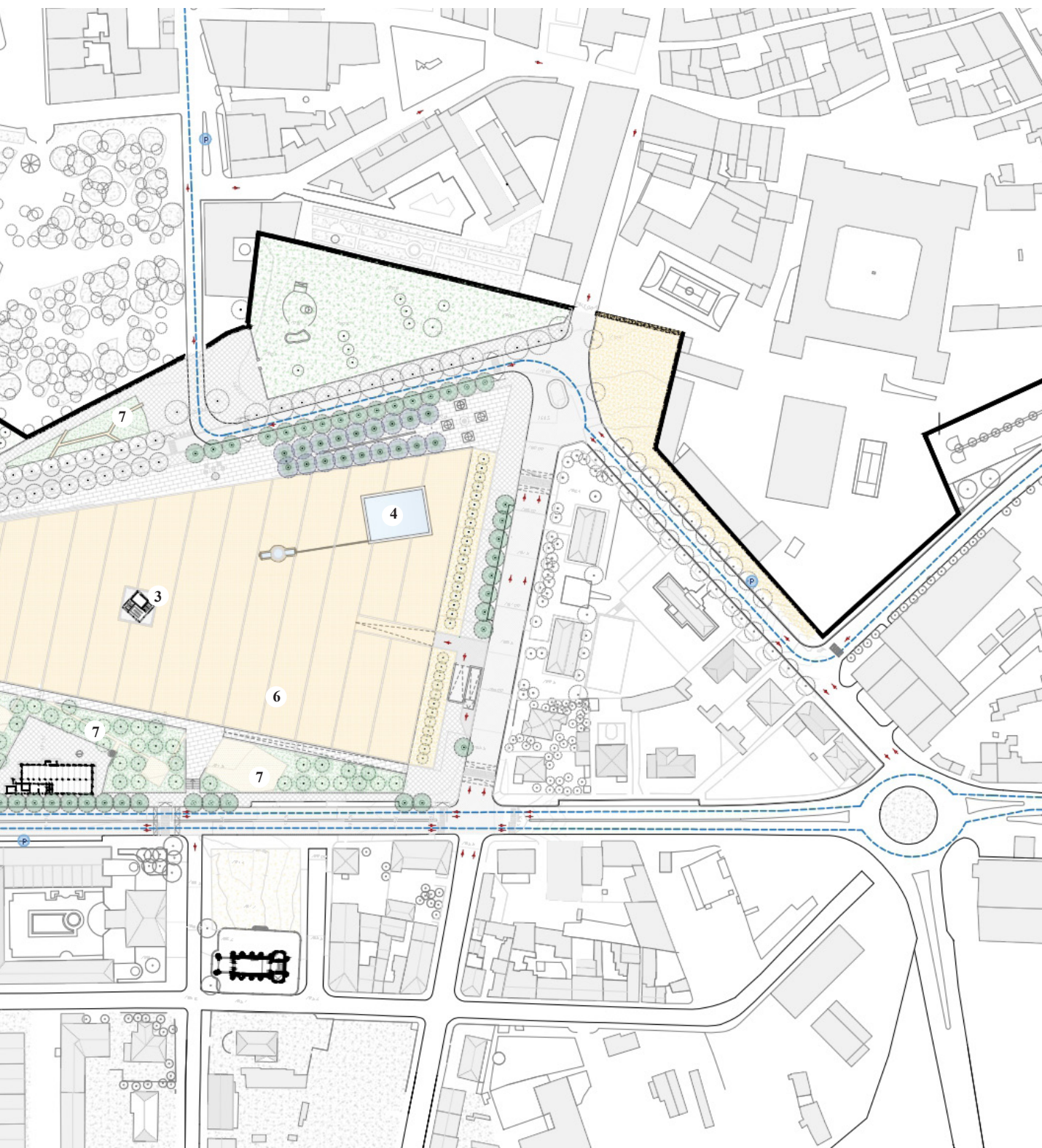
P7 - PROPOSTO | PLANTA DE IMPLANTAÇÃO



P7. LEGENDA:

- SENTIDO DE CIRCULAÇÃO AUTOMÓVEL PROPOSTA;
- (P) PARAGEM DE AUTOCARRO EXISTENTES; SERVIÇO DA LINHA AZUL DOS TRANSPORTES PÚBLICOS PROPOSTO;

- 1 - TERMINAL PARA AUTOCARROS TURÍSTICOS ;
- 2 - PARAGEM DE AUTOCARRO PROPOSTA;
- 3 - ACESSIBILIDADES (ELEVADOR E ESCADAS);
- 4 - ESPELHO DE ÁGUA;



- 5 - ESTACIONAMENTO SUBTERRADO PISO -1;
- 6 - ROSSIO;
- 7 - ESPAÇOS LIVRES AJARDINADOS;
- 8- DESATIVAÇÃO DO TRECHO RODOVIÁRIO;

P8.

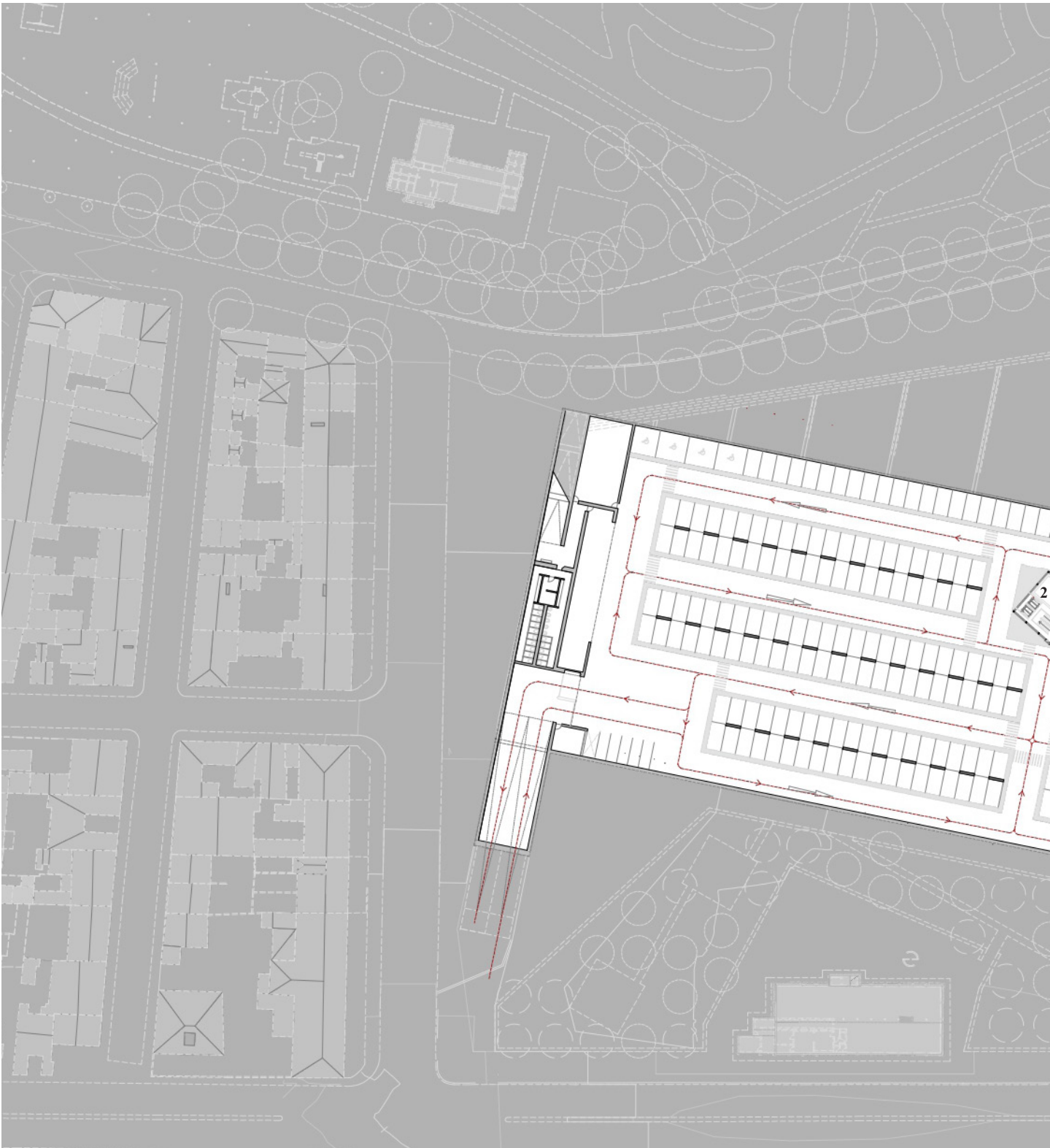
- 143



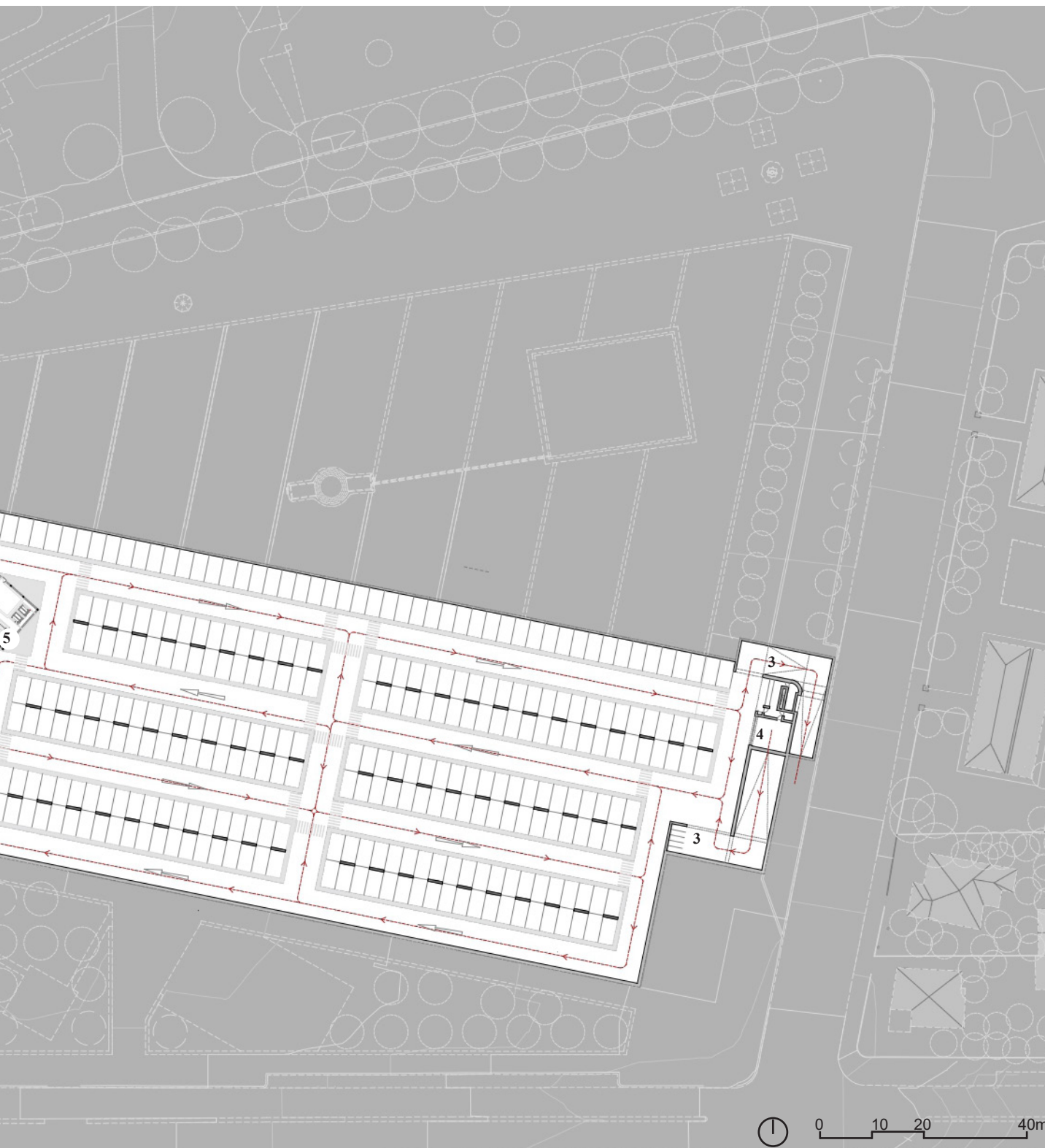
- 8 - PAVIMENTO CONTÍNUO EM SAIBRO ESTABILIZADO, COR OCRE-AREIA COM BORDAS/ LIMITES EM CALCÁRIO;
 9 - CAIXA EXTERIOR E COBERTURA EM MATERIAL TRANSLÚCIDO COM ARMAÇÃO EM PERFIS DE AÇO;
 10 - ZONAS VERDES;

- 11 - ÁRVORES EXISTENTES, PREDOMINANTEMENTE PLÁTANOS;
 ÁRVORES PROPOSTAS, NOMEADAMENTE:
 12 - PLÁTANOS;
 13 - OLIVEIRAS;
 14 - JACARANDÁS;
 15 - ESPÉCIES DIVERSAS;

P9 - PROPOSTO | PLANTA ESTACIONAMENTO



P9.	LEGENDA:	1 - INSTALAÇÕES SANITÁRIAS;	3 - ENTRADA SAÍDA DE AUTOMÓVEIS;
		$A_{\text{útil}} = 126,11 \text{ m}^2$	$A_{\text{útil}} = 897,35 \text{ m}^2$
		2 - ESPAÇOS DE APOIO;	4 - CABINE DE GESTÃO E SEGURANÇA;
		$A_{\text{útil}} = 143,72 \text{ m}^2$	$A_{\text{útil}} = 87,49 \text{ m}^2$
			5 - ELEVADORES E ESCADAS;
			$A_{\text{útil}} = 56,44 \text{ m}^2$



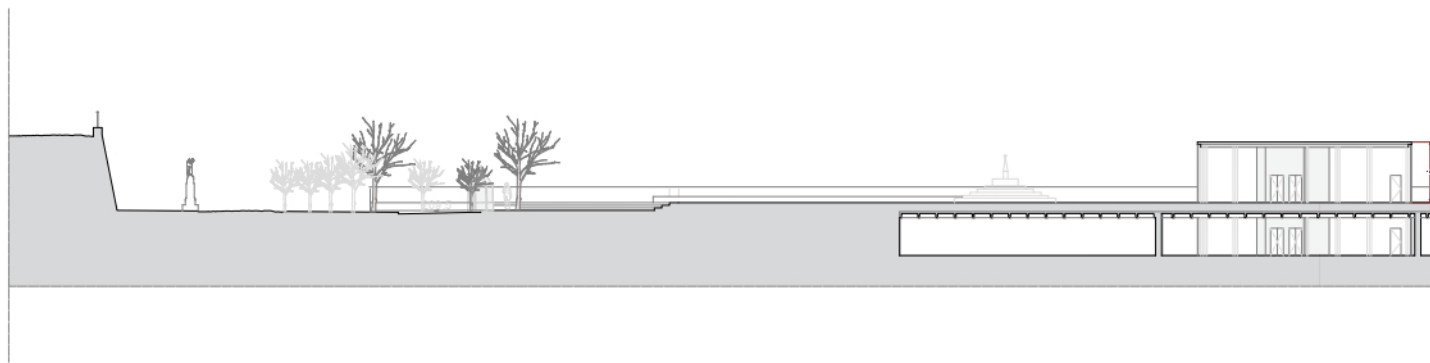
→ SENTIDO DA CIRCULAÇÃO AUTOMÓVEL;

$A_{\text{IMPL.}} = 14\,268,69 \text{ m}^2$

Nº LUGARES:

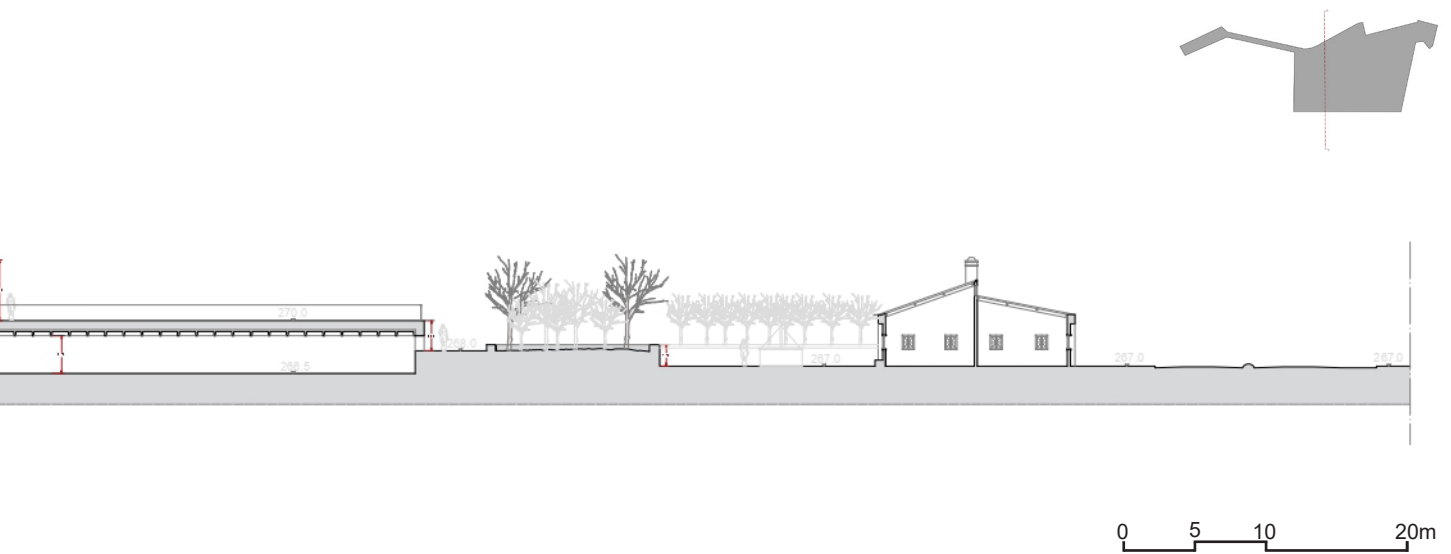
AUTOMÓVEIS LIGEIOS - 453
 MOBILIDADE CONDICIONADA - 4
 MOTOCICLOS | BICICLETAS - 11

P10 - PROPOSTO | CORTE LONGITUDINAL



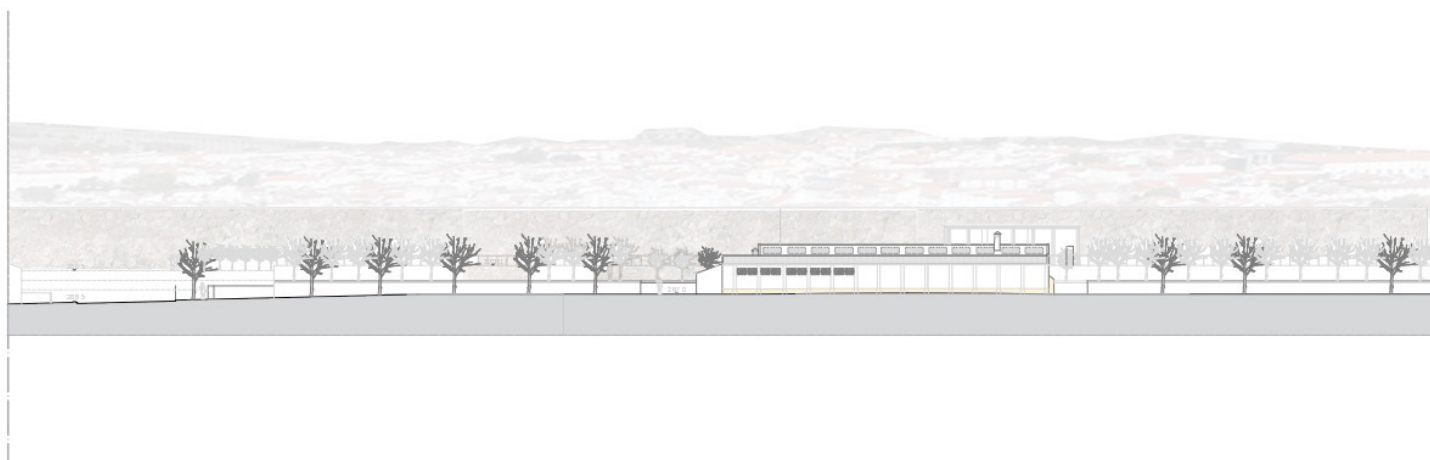
CORTE A-A'





93.

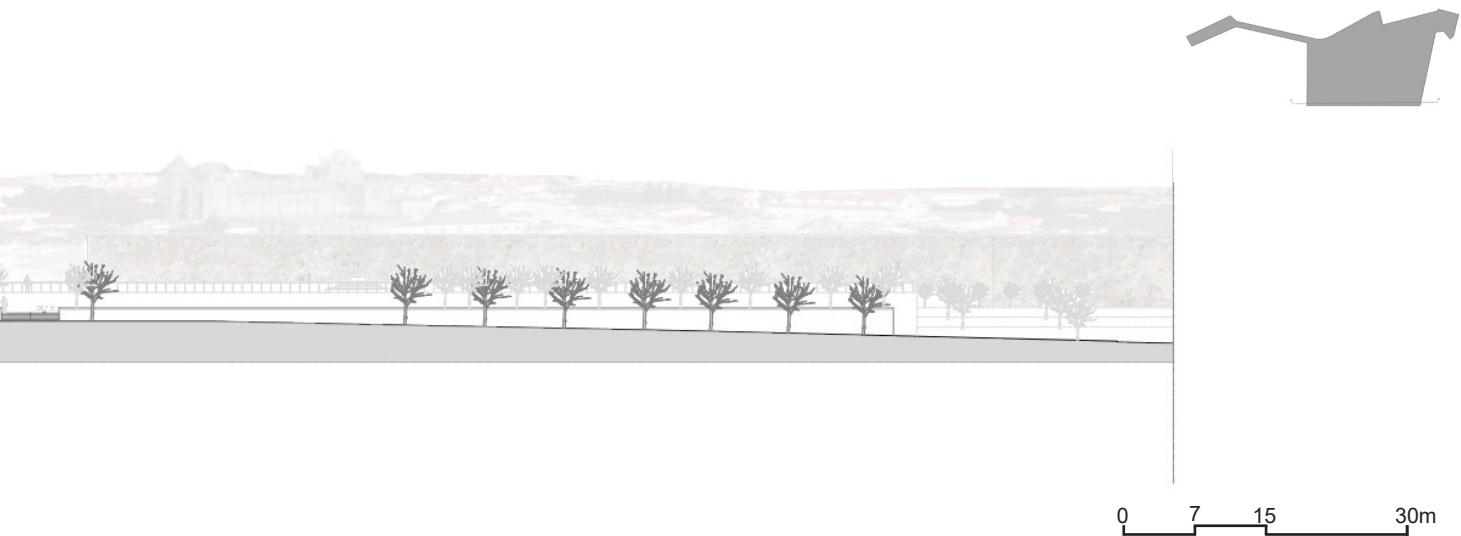
P11 - PROPOSTO | CORTE TRANSVERSAL



CORTE B-B'



94.



95.

08 | BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE E CRÉDITOS DE IMAGENS

01.

FEIO, M. (1983). Aerofotomapa da cidade de Évora, 1949.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.

02.

Avenida Dr. Barahona, Rossio de S. Brás.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.

03.

Populares junto ao Chafariz do Rossio.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora, PT AFCME AF/EDN/3220/3352.

04.

Chafariz do Rossio de S. Brás, 1900-1920.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora, PT AFCME AF/GPE/4255/63.

05.

Populares junto à fonte do Rossio.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora, PT AFCME AF/EDN/3220/3451.

06.

Relação da Ermida com o Rossio.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora, PT AFCME AF/VPC/4057/390.

07.

Relação da Ermida de S. Brás com o Chafariz do Rossio.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.

08.

Ato religioso e venda de gado no espaço adjacente à Ermida de S. Brás.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora, PT AFCME AF/DFT/41/158.

09.

Ermida de S. Brás (Lado norte).

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora, PT AFCME AFCME/3027.

10.

Ermida da S. Brás na sua cota primitiva.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.

11.

Rossio de S. Brás, Década 60.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora, PT AFCME AF/APS/1005.

12.

Quiosques do Rossio.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.

13.

Feira a decorrer no Rossio.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora, EDNO12908_141.

14.

Parada Militar a decorrer no Rossio.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.

15.

Feira de Gado a decorrer no Rossio.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.

16.

Abertura do Parque Infantil Dr. Almeida Margiochi, 1960.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.

17.

Feira de S. João.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.

18.

Feira de S. João.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.

19.

Feira de S. João.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.

20.

Vista do Rossio.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.

21.

Localização do Rossio, Évora.

Fonte: FREIRE, M. (1999). Rossios do significado urbano. pág. 121.

22.

Relação do Rossio com o CHE.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.

23.

Jogo de Futebol no Rossio.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.

24.

Feira a decorrer no Rossio.

Fonte: Arquivo Fotográfico, Câmara Municipal de Évora.

25.

FEIO, M. (1983), Fotografia aérea da cidade de Évora, 1949.

Fonte: RIBEIRO, R. (2018). Entre a Porta de Avis e a Porta da Lagoa, em Évora, Proposta Arquitetónica, Dissertação de Mestrado, Universidade de Évora pág. 8.

26.
Esquema evolutivo da cidade de Évora.
Fonte: elaborado pela autora.
27.
Primeiro Rossio, Praça do Giraldo.
Fonte: monumentosdesaparecidos.blogspot.com/2011/01/antigos-paco-do-concelho-evora.html.
28.
Planta de limites da zona rural projetada a cerca de 5 km de raio com centro na praça do Giraldo, Etienne -Gröer.
Fonte: Arquivo Municipal, CME, Plantas Urbanísticas.
29.
Planta Geral do Anteprojeto do Plano de Urbanização de Etienne de Gröer, 1945.
Fonte: Arquivo Municipal, CME, Plantas Urbanísticas.
30.
Planta geral do Esboceto do Plano de Urbanização de Évora por Nikita de Gröer.
Fonte: Arquivo Municipal, CME, Plantas Urbanísticas.
31.
Planta orientadora da expansão urbana do Plano de Conceição Silva.
Fonte: Arquivo Municipal, CME, Plantas Urbanísticas.
32.
Fotografia aérea do Rossio de Évora, 1947.
Fonte: Centro de Informação Geoespacial do Exército, extraída da dissertação de mestrado de RIBEIRO, R. (2018). Entre a Porte de Avis e a Porta da Lagoa, em Évora, Proposta Arquitetónica. pág.29.
33.
Fotografia aérea do Rossio de Évora, 1958.
Fonte: Centro de Informação Geoespacial do Exército, extraída da dissertação de mestrado de RIBEIRO, R. (2018). Entre a Porte de Avis e a Porta da Lagoa, em Évora, Proposta Arquitetónica. pág.30.
34.
Fotografia aérea do Rossio de Évora, 1969.
Fonte: Centro de Informação Geoespacial do Exército, extraída da dissertação de mestrado de RIBEIRO, R. (2018). Entre a Porte de Avis e a Porta da Lagoa, em Évora, Proposta Arquitetónica. pág.31.
35.
Ortofotomapa parcial da cidade de Évora em 2022, editado pela autora.
Fonte: <https://earth.google.com/web/>
36.
Fotografia aérea do Rossio de S.Brás, 2023
Fonte: Fotografia tirada por Bernardo Menezes e editada pela autora.
37.
Ante Projeto de Modificação do Rossio, Eng. Shiappa Monteiro, 1921.
Fonte: Arquivo Municipapl de Évora - Propostas de Ordenamento para o Rossio de São Brás.
38.
Plano de Urbanização da cidade de Évora.
“Plans des zones”, 1942.
Fonte: FREIRE, M. (1999). pág.130
39.
Plano de Urbanização de Évora, Etienn-Groer, 1945.
Fonte: Arquivo Muncipal, CME, Plantas urbanísticas.
40.
Planta Condicionantes, PUE.
Fonte: <https://www.cm-evora.pt/plano-de-urbanização-em-vigor/>. (15/05/2024).
41.
Legenda, Planta Condicionantes, PUE.
Fonte: <https://www.cm-evora.pt/plano-de-urbanização-em-vigor/>. (15/05/2024).
42.
Planta de Condicionantes.
Fonte: Elaborado pela autora.
43.
Planta de Zonamento.
Fonte: <https://www.cm-evora.pt/plano-de-urbanização-em-vigor/> (15/05/2024)
44.
Legenda, Planta de Zonamento.
Fonte: <https://www.cm-evora.pt/plano-de-urbanização-em-vigor/> (15/05/2024)
45.
Planta de Caraterização do contexto urbano na área envolvente ao Rossio de S.Brás.
Fonte: Elaborado pela autora.
46.
Planta, Estrutura Ecológica Urbana, Évora.
Fonte: <https://www.cm-evora.pt/plano-de-urbanização-em-vigor/> (15/05/20204).
47.
Legenda, Planta, Estrutura Ecológica Urbana, Évora.
Fonte: <https://www.cm-evora.pt/plano-de-urbanização-em-vigor/> (15/05/20204).

48.

Planta de Caracterização da situação existente; vegetação composta maioritariamente por Plátanos.

Fonte: Elaborado pela autora.

49.

Planta de sobreposição Antes-Depois.

Proposta de Ordenamento, Siza Vieira, 1995

Fonte: Proposta de ordenamento do Rossio, pelo Arq. Siza Vieira, covidado pela CME; Cf. CME, carta ao Arq. Álvaro Siza Vieira «Proposta Convite para Elaboração do estudo de reordenamento e requalificação do Rossio de S.Brás», inf. nº 329/92.

50.

Proposta de Ordenamento do Rossio de S.Bás, Siza Vieira, 1995.

Destaca-se desta Planta a definição dos limites do vazio urbano, deixando de ser ‘Rossio’ para passar a ‘Praça’.

Fonte: Proposta de ordenamento do Rossio, pelo Arq. Siza Vieira, covidado pela CME; Cf. CME, carta ao Arq. Álvaro Siza Vieira «Proposta Convite para Elaboração do estudo de reordenamento e requalificação do Rossio de S.Brás», inf. nº 329/92.

51.

Esquema de composição do conjunto,

Siza Vieira, 1995.

Observe-se aqui, a realocização da estátua aos Monumentos da Grande Guerra, bem como o Chafariz do Rossio, Monumento classificado.

52.

Áreas afetas a Estacionamento, Siza Vieira, 1995.

53.

Proposta de Vegetação; note-se aqui, que a composição da vegetação proposta reforça o eixo de relação entre o centro histórico e a estação ferroviária.

Siza Vieira, 1995.

54.

Proposta de Ordenamento, Santa-Rita 2006.

Fonte: Proposta do Ordenamento do Rossio, pelos Arquitetos Santa-Rita; « Concurso público – Proposta para elaboração do estudo de reordenamento e requalificação do Rossio de S. Brás» Relatório nº 6, Arquivo Municipal, CME (04/10/2023)..

55.

Esquema de Composição do conjunto.

Fonte: Proposta do Ordenamento do Rossio, pelos Arquitetos Santa-Rita; « Concurso público – Proposta para elaboração do estudo de reordenamento e requalificação do Rossio de S. Brás» Relatório nº 6, Arquivo Municipal, CME (04/10/2023).

56.

Esquema de Vegetação.

Fonte: Proposta do Ordenamento do Rossio, pelos Arquitetos Santa-Rita; Relatório nº 6, Arquivo Municipal, CME (04/10/2023).

57.

Esquema de Materias.

Fonte: Proposta do Ordenamento do Rossio, pelos Arquitetos Santa-Rita; Relatório nº 6, Arquivo Municipal, CME (04/10/2023).

58.

Proposta de Ordenamento, Atelier ARPAS 2020.

59.

Esquema de composição.

60.

Relação da Ermida com o espaço adjacente descaracterizado.

61.

Esquema de Caracterização dos Elementos a serem preservados, Elaborado pela autora.

62.

Reflexão final sobre os trabalhos arqueológicos desenvolvidos no Rossio de S.Brás extraído do artigo de Oliveira, Jorge de. (2019), cujo o excerto se encontra na página seguinte.

63.

Antiga Planta da Canalização das águas sertorianas intra-muros da cidade d’evora; extraído do artigo de Oliveira, Jorge de. (2019).

64.

Materialidade e Relação do Tanque do Rossio com o Chafariz do Rossio.

Fonte: Oliveira, Jorge de. (2019).

65.

Implantação do Tanque do Rossio.

Fonte: Oliveira, Jorge de. “Relatório-Trabalhos arqueológicos na Fonte e Tanque do Rossio de Évora, in O Aqueduto da Água de Prata e o Património Hidráulico de Évora.” (2019).

66.

Plano de pormenor do Rossio de S.Brás | Rede de acessibilidades.

Fonte: Retirado da Proposta de Requalificação do atelier Santa-Rita, Arquivo Municipal da CME.

67. - 78.

Fotos tiradas pela autora em diferentes momentos do dia e em diferentes dias.

79.- 90.

Fotos tiradas pela autora em diferentes momentos do dia e em diferentes dias.

91.

Estudo Prévio para Requalificação do Rossio de S.Brás | Render Implantação.

Fonte: Elaborado pela autora.

92.

Estudo Prévio para Requalificação do Rossio de S.Brás | Render.

Fonte: Elaborado pela autora.

93.

Estudo Prévio para Requalificação do Rossio de S.Brás | Render.

Fonte: Elaborado pela autora.

94.

Estudo Prévio para Requalificação do Rossio de S.Brás | Render.

Fonte: Elaborado pela autora.

95.

Estudo Prévio para Requalificação do Rossio de S.Brás | Render .

Fonte: Elaborado pela autora.

P1- Planta esquemática, período Romano.

P2- Planta esquemática, período Medieval.

P3- Planta esquemática, Período Moderno.

P4- Planta esquemática, período Contemporâneo.

P5- Existente | Planta de Caraterização do Sistema de Circulação.

P6- Existente | Planta de Caraterização dos Espaços Livres.

P7- Proposto | Planta de Implantação.

P8- Proposto | Planta de Materialidades.

P9- Proposto | Planta de Estacionamento.

P10 - Proposto | Corte Longitudinal.

P11 - Proposto | Corte Transversal.

As plantas de análise da morfologia do lugar foram realizadas pela autora.

As fontes das imagens utilizadas para a realização desta dissertação foram consultadas em diversos dias. No dia em que foi organizado o índice e créditos das imagens foram revistos os links e todos se encontravam ativos (Consult. 03 Abril, 2022)

BIBLIOGRAFIA

- ABEL, A. B (2008). Os Limites da Cidade. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Évora, Évora.
- ADRIÃO, J. & PACHECO, P. (1992). Concurso de ideias para requalificação do Terreiro do Paço. Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa.
- BARATA, M. P. J (2019). Saber ver a cidade. ARGUMENTUM - Edições, Lisboa
- BARBOSA, F. C (1993). Da praça pública em Portugal. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Évora, Évora.
- BARBOSA, C.F.J. (1993). Da praça pública em Portugal. Évora.
- BEIRANTE, M. A (1995). Évora na Idade Média. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- BENEVOLO, L. (1984). A Cidade e o Arquiteto. Tradução de Rui Eduardo Santana Brito, Perspectiva, Lisboa.
- BILOU, J. (2019). Rede Monástica de Évora: um percurso arquitectónico entre a cidade e o ermo. Dissertação de Mestrado, Universidade de Évora, Évora.
- BORGES, A. (2008). Os limites da Cidade. Évora.
- BRANDÃO, P. (2008). A identidade dos lugares e a sua representação coletiva. Política das Cidades- 3, Lisboa.
- CALVINO, I. (1990). As cidades invisíveis. Editora Companhia das Letras.
- CHOAY, F. (1982). Alegoria do Património. Edições 70, Lisboa.
- DIAS, G. M (2006). Manual das Cidades. Relógio D'água Editores, Lisboa.
- FORTUNA, C. (2001). Cidade, cultura e globalização. Oeiras, celta 2001.
- FLORES, V. G (2008). Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico: O Paço Real de Évora. Dissertação de Mestrado, Universidade de Évora, Évora.
- FREIRE, M. D. C. M (1999). Rossios do significado urbano. Dissertação de Mestrado, Universidade de Évora, Évora.
- GEHL, J. (2013). Cities for people. Island press.
- HENRIQUES, V.J.R (2004). Ambiente e qualidade de vida urbana do Programa Polis: um instrumento de planeamento e requalificação urbana. Évora.
- LAMAS, J. M. R. G (2014). Morfologia urbana e desenho da cidade. Calouste Gulbenkian / Junta nacional de investigação científica e tecnológica, Lisboa.
- LUCAS, H. S. R (2009). A regeneração urbana e ambiental de áreas de pequenas indústrias: Évora, Caracterização e Oportunidades. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- LYNCH, K. (1997). A imagem da cidade. Edições 70.
- LYNCH, K. (1997). A imagem da cidade. Edições 70.
- MARQUES, M.(2018). Reabilitação do espaço público. ISCTE, Lisboa.
- MOURATO, P. C. H (2000). Salvaguarda da imagem urbana de natureza medieval histórica de Évora: A Praça do Giraldo. Dissertação de Mestrado, Universidade de Évora, Évora.
- NUNES, S. F. A (2020). A memória do Lugar. Dissertação de Mestrado, FA ULisboa, Lisboa.
- PEDROSO, M. C. J. (2019). Memória e Identidade do Lugar. FA ULisboa, Lisboa.
- RIBEIRO, O (1981). Évora. Sítio, origem, evolução e funções de um cidade. Estudos em Homenagem a Mariano Feio, coordenação de Raquel Soeiro, Lisboa.
- RIBEIRO, R (2018). Entre a Porta de Avis e a Porta da Lagoa. Dissertação de Mestrado, Universidade de Évora, Évora.
- ROSSI, A (2022). A Arquitetura e a Cidade. Leya.
- SÍMPLICIO, M. D (2001). Évora: Estrutura e Renovação Urbana no setor intramuros. Évora.
- SÍMPLICIO, M. D (2003). Évora: Origem e Evolução de uma Cidade Medieval. Porto.
- SÍMPLICIO, M. D (2006). Évora: Algumas etapas fundamentais na evolução da cidade até ao século XVI. Évora.
- SÍMPLICIO, M. D (2009). Evolução da estrutura urbana de Évora: o século XX e a transição para o século XXI. Évora
- SÍMPLICIO, M. D (2013). A cidade de Évora e a relevância do centro histórico. Évora.
- SILVA, C. F. A (2020). A cidade Romana: Conceção de um modelo urbanístico no atual território português. Dissertação de mestrado, Universidade do Porto, Porto.
- SIZA, A. (2009). Imaginar a evidência. Edições 70, Lisboa.

REVISTAS E ARTIGOS

Arquivo Municipal de Évora (1978). Relatório n.º 6 – Freguesias urbanas, Desenvolvimento urbano, Diagnóstico.

Proposta de ordenamento do Rossio, pelo Arq. Siza Vieira, coadjuvado pela CME; Cf. CME, carta ao Arq. Álvaro Siza Vieira «Proposta Convite para Elaboração do estudo de reordenamento e requalificação do Rossio de S.Brás», inf. n.º 329/92.

Arquivo Municipal de Évora, Plano de Urbanização de Évora (PUE) em vigor, designadamente das plantas de zonamento, condicionantes, património extramuros e estrutura ecológica urbana.

Proposta do ordenamento do Rossio, pelos Arquitetos Santa-Rita; «Concurso público – Proposta para elaboração do estudo de reordenamento e requalificação do Rossio de S. Brás» Relatório n.º 6, Arquivo Municipal, CME (04/10/2023).

WEBGRAFIA

CARNEIRO, P. N. (2009). Memória e Património: etimologia. Último acesso em (07/03/2024) <https://www.webartigos.com/artigos/memoria-e-patrimonio-etimologia/21288>.

